

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Karina de Castro Britto

**A CULTURA CAIPIRA SOB AS ÁGUAS: impactos culturais da construção do
reservatório da UHE – Paraibuna**

Taubaté – SP

2017

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Karina de Castro Britto

A CULTURA CAIPIRA SOB AS ÁGUAS: impactos culturais da construção do reservatório da UHE – Paraibuna

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento e Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

Taubaté – SP

2017

Ana Karina de Castro Britto

A CULTURA CAIPIRA SOB AS ÁGUAS: impactos culturais da construção do reservatório da UHE – Paraibuna

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dra. Monica Franchi Carniello

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dra. Cilene Gomes

Universidade do Vale do Paraíba

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores pelo constante zelo e atenção disponibilizados nesse processo de aprendizagem, ao meu filho pela compreensão e aos participantes da pesquisa por disponibilizarem seu tempo, sua história e memória.

*O caipira é ligado à tradição, à raiz, ao amor à terra, a qualquer coisa que tem ele dentro e
tem necessidade de exprimir*

Inezita Barroso

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo realizar levantamento e caracterizar o patrimônio imaterial da área de influência do reservatório da Usina Hidrelétrica (UHE) Paraibuna. A construção da barragem da represa dos rios Paraibuna – Paraitinga em 1974 pela CESP (Companhia Energética de São Paulo) implicou na inundação de terras cultivadas e na fragmentação espacial, isolamento geográfico e, conseqüentemente, impôs necessidade de reestruturação dos estabelecimentos humanos, que por sua vez implicou alterações no modo de viver e incorporações nas formas de convívio com o lugar e comportamentos. Seus impactos são até hoje vivenciados no cotidiano das famílias e em suas expressões. As referências espaciais na zona rural foram muito modificadas devido à configuração do lago. A obtenção dos dados foi realizada por meio de pesquisa de campo com a utilização de um roteiro de entrevista semiestruturada e aplicada por amostragem num recorte territorial. A amostragem foi não probabilística e a pesquisa de ordem qualitativa. O alvo de estudo focou os aspectos imateriais como: práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modo de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares que abrigam práticas culturais coletivas como mercado, feiras e santuários. O resultado conquistado por esse trabalho foi a reunião de elementos que possibilitaram a caracterização do estado atual das típicas manifestações do Patrimônio Imaterial da área de influência direta do reservatório da UHE Paraibuna. Trata-se de uma contribuição para o desenvolvimento de políticas interacionistas que protejam o patrimônio cultural e imaterial da região, assim como o fomento para uma política de turismo e incentivo cultural a ser gerada pelos municípios afetados pela represa.

Palavras-chave: Planejamento. Desenvolvimento Regional. Patrimônio Imaterial. Cultura. Usina Hidrelétrica de Paraibuna UHE. Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

ABSTRACT

CULTURE CAIPIRA UNDER WATER: cultural impacts of reservoir construction of HPP - Paraibuna

This study aims to survey and characterize the immaterial patrimony of the influence area of the reservoir of Paraibuna Power Plant. The construction of the dam on Paraibuna and Paraitinga rivers, in 1974 by CESP (Companhia Energetica de Sao Paulo) involved the flooding of cultivated land, spatial fragmentation, geographic isolation and, consequently, imposes the need for restructuring human habitations, implying changes in live mode and behavior. Its impacts are so far experienced in the daily life of families and in their expressions. Spatial references in the countryside were modified due to the reservoir setting. The data basis was obtained through on field research and using a semi-structured interview guide and applied by sampling a territorial piece. The sampling was non-probabilistic and the research of the qualitative order. The target of this study was the immaterial aspects: practices and forms of social life that manifest themselves in knowledge, homemade and way of doing, celebrations, scenic expressions forms, plastic, musical and ludic, and places that shelter collective cultural practices, like a markets and sanctuaries. The results obtained was the join of elements that enabled the characterization of the current state of the typical manifestations immaterial patrimony in direct influence area of the Paraibuna reservoir. It is a contribution to the development of interactionists policies that protect the cultural and intangible heritage of the region, and stimulating for a tourism policy and cultural incentive to be generated by the municipalities affected by the dam.

Key words: Planning. Regional Development. Immaterial Patrimony. Paraibuna reservoir: Paraibuna Power Plant. Vale do Paraíba e Litoral Norte Metropolitan areas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de Usinas Hidrelétricas no Brasil no ano de 2003.....	41
Tabela 2: Registro dos Patrimônios Imateriais seguindo a Classificação de 1335 / 2000 – IPHAN.	54
Tabela 3 - Apresentação de tombamentos da RMVPLN.....	60
Tabela 4 - Evolução da população nos municípios afetados.	78
Tabela 5 - Apresentação das cidades com os dados do IBGE e CESP.....	78
Tabela 6 - Apresentação das cidades com os dados do IBGE (2014).....	79
Tabela 7 - Evolução do pessoal ocupado por atividade econômica nos municípios afetados.....	80
Tabela 8 - Evolução do rebanho bovino e do número de produtores.....	80
Tabela 9 - Apresentação da população da Região Norte.....	82
Tabela 10 - Produção cafeeira em arroba – Região Norte.....	84
Tabela 11 - Cidades e seus patrimônios tombados.	86
Tabela 12 - Comparativo de cidades com dos entrevistados.....	88
Tabela 13 - Comparativo de sexo dos entrevistados.....	88
Tabela 14 - Apresentação de dados da família dos entrevistados.....	90
Tabela 15 - Apresentação de dados da família dos entrevistados.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipologias do patrimônio imaterial.....	46
Quadro 2 - Apresentação das Instituições Governamentais e Leis que provêm a conservação do Patrimônio Cultural.....	48
Quadro 3 - Apresentação das Sub-regiões da RMVPLN	58
Quadro 4 - Saberes – o cotidiano do homem rural.....	101
Quadro 5 - Formas de expressão – manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas	103
Quadro 6 - Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social.	107
Quadro 7 - Lugares: marcadores, feiras, santuários, praças e demais espaços.....	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo e produto cultural com viés tecnológico.....	36
Figura 2 - Área da aplicação da pesquisa – Natividade da Serra, Redenção da Serra e Paraibuna.....	44
Figura 3 - Recorte do Organograma do IPHAN.....	49
Figura 4 - Apresentação das Sub-regiões da RMVPLN	57
Figura 5 - Apresentação das Unidades de Conservação da RMVPLN	59
Figura 6 - Localização da Bacia do rio Paraíba do Sul.....	61
Figura 7 - Igreja de Paraibuna.....	64
Figura 8 - Paraibuna em 2014.....	64
Figura 9 - Centro de Redenção da Serra até meados de 1970.....	66
Figura 10 - Redenção da Serra – Cidade Antiga antes do período da estiagem	66
Figura 11 - Bairro Redenção da Serra Velha após a inundação e período da seca (outubro de 2014).....	67
Figura 12 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2014	67
Figura 13 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2015.....	68
Figura 14 - Rua de Redenção da Serra Velha, rua destinada a desocupação das casas.....	69
Figura 15 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2014	69
Figura 16 - Vista da cidade de Redenção de Serra Velha	70
Figura 17 - Vista do município de Redenção de Serra Nova	70
Figura 18 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga.....	71
Figura 19 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga.....	72
Figura 20 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga.....	73
Figura 21 - Vista da Igreja de Natividade da Serra Nova	73
Figura 22 - Vista do município de Natividade da Serra Nova e sua organização.....	74
Figura 23 - Vista do município da margem da represa de Natividade da Serra Nova	75
Figura 24 - Localização e acessos a área de estudo	76
Figura 25 - Vista geral da barragem do rio Paraitinga.....	77
Figura 26 - Vista geral da barragem do rio Paraibuna.....	77
Figura 27 - Natividade da Serra relocada após o enchimento do reservatório.....	78
Figura 28 - Redenção da Serra relocada após o enchimento do reservatório	79

Figura 29 - Apresentação da população por localização.....	79
Figura 30 - Apresentação geral da produção cafeeira entre 1836 à 1935, sem considerar as datas.....	85
Figura 31 - Apresentação das cidades em relação ao número de patrimônios tombados da RMVPLN.....	85
Figura 32 - Imagem do transformador de energia da antiga Usina Felix Guisard	94
Figura 33 - Margem da represa – região de Natividade da Serra	94
Figura 34 - Margem da represa – região de Redenção da Serra.....	95
Figura 35 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes.....	95
Figura 36 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes.....	96
Figura 37 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes.....	97
Figura 38 - Artefatos da rotina do caipira – 09M.	98
Figura 39 - Horta caseira.....	99
Figura 40 - Artefatos de trabalho – 09M.....	99
Figura 41 - Cultivo de cana e a fabricação da cachaça – 09M.....	100
Figura 42 - Artefatos de fabricação da cachaça – 09M.	100
Figura 43 - Jornal de Redenção da Serra.	102
Figura 44 - Capela do caminho entre Paraibuna – Natividade da Serra via balsa. .	108
Figura 45 - Capela do sítio de um entrevistado.....	108
Figura 46 - Caminho descoberto pela seca em Redenção da Serra.....	109
Figura 47 - Ponte na entrada da cidade de Redenção da Serra.	110
Figura 48 - Bairro da Varginha, Paraibuna.....	111
Figura 49 - Bairro da Varginha, casa típica da região. Bairro inundado	112
Figura 50 - Bairro da Varginha	112
Figura 51 - Bairro da Varginha, região inundada.....	113
Figura 52 - Túnel de Desvio	114
Figura 53 - Funcionários trabalhando na construção da UHE-Paraibuna	114
Figura 54 - Construção da barragem	115
Figura 55 - Formato para a execução de tomada d´água	116
Figura 56 - Construção de Cut-off.....	116
Figura 57 - Usina Felix Guisard – Redenção da Serra.....	117
Figura 58 - Usina Felix Guisard.....	118
Figura 59 - Vista de Paraibuna – Represa	118
Figura 60 - Inauguração da Usina em 1978, General Ernesto Geisel.....	119

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Problema	15
1.2	Objetivos	16
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos	16
1.3	Delimitação do Estudo.....	17
1.4	Relevância do Estudo.....	17
1.5	Organização do Trabalho	17
2	REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1	Sociedade, Cultura e Identidade	19
2.2	O Espaço e a Cultura: interligações vivas	23
2.3	O Caipira, a Região e a Identidade	25
2.4	Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural Imaterial.....	29
2.5	Desenvolvimento Regional e Patrimônio Cultural	33
2.6	Tecnologia: Caráter Estrutural de Desenvolvimento Cultural	35
2.7	Educação – Meio de Salvaguarda Patrimonial.....	37
2.8	Configuração Territorial e Desenvolvimento : Construção de Usinas .	39
3	MÉTODO.....	43
3.1	Tipo de Pesquisa.....	43
3.2	Área de Realização	44
3.3	População e Amostra	44
3.4	Instrumento	45
3.5	Coleta de Dados.....	45
3.6	Análise de Dados	46
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
4.1	IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	47
4.2	Leis do Patrimônio Cultural	50
4.2.1	Decreto nº 3551/ 2000	53
4.2.2	Levantamento dos Bens Imateriais no Brasil	54
4.3	Localização Territorial da UHE – Paraibuna.....	56
4.3.1	RMVPLN	56
4.4	Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra.....	61
4.4.1	Paraibuna.....	62

4.4.2	Redenção da Serra	65
4.4.3	Natividade da Serra.....	71
4.5	Área de Influência da UHE Paraibuna.....	75
4.5.1	A influência da cultura do café: patrimônios materiais e imateriais na região 81	
4.5.2	Resultado das entrevistas	88
4.6	Cultura Imaterial – Lei nº 3551/2000	97
4.6.1	Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.....	97
4.6.2	Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas	101
4.6.3	Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social 103	
4.6.4	Lugares: marcadores, feiras, santuários, praças e demais espaços. 107	
4.7	Memória da Cidade Afogada.....	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS.....	129
	APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA.....	134
	Entrevista	134
	APÊNDICE b – ENTREVISTAS APLICADAS	137
	Entrevista	137
	Entrevista	144
	Entrevista	152
	Entrevista	165
	Entrevista	175
	Entrevista	187
	Entrevista	195
	Entrevista	202
	Entrevista	210
	Entrevista	217
	Entrevista	223
	Entrevista	229
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	238
	ANEXO B - parecer substanciado do CEP	239

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com a preservação do patrimônio cultural imaterial no Brasil é recente. A Constituição Federal de 1988 consta na Seção II, dedicada à Cultura, o artigo 215 prevê que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais, atuando na proteção direta das manifestações consideradas como patrimônios culturais quanto na formação de pessoal qualificado para a gestão da Cultura em suas múltiplas dimensões.

No Artigo 216 se estabelece que o patrimônio cultural brasileiro é constituído pelos

bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.(BRASIL, 2013)

Cultura é a forma de atuação do homem [...] incluindo as “formas de expressão”, “os modos de criar, fazer e viver”, “as criações científicas, artísticas e tecnológicas”. Incluem também “as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais” assim como “os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (BRASIL, 2013, S.P.).

Na Constituição está assegurado que cabe ao poder público, com a participação da comunidade, promover e proteger o “patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (CONSTITUICAO, 1988 § 1º, Artigo 216). Ressalta ainda que os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos de acordo com os rigores da Lei.

Embora o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e a legislação que estabeleceu o serviço federal de preservação e o tombamento do Patrimônio Cultural data de 1937, o Patrimônio Imaterial foi contemplado pela legislação só em 1988, na Constituição, e só em 2000 foi de fato regulamentado por meio do Decreto n. 3.551, que instituiu as diretrizes para a elaboração de uma política federal para a preservação do patrimônio imaterial no âmbito do IPHAN. O

objetivo principal do decreto era implementar uma política de inventário e outras formas de registro do patrimônio imaterial. Foi a partir do Decreto nº 3.551 que se viabilizaram projetos de identificação, de reconhecimento, de proteção e de promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural.

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN) apresenta um histórico que compreende da ocupação indígena à forte presença de imigrantes e negros, tal como dos colonizadores portugueses, bandeirantes e a forte presença da Igreja Católica. Teve sua história baseada na cultura da descoberta e exploração das minas, na plantação do café, sucedida pelo arroz e pela agropecuária, e desde a virada do século XX, sede de grandes indústrias. Atualmente a região é um polo industrial e logístico para empresas de grande porte devido à sua estratégica situação entre as três maiores áreas metropolitanas do país. A industrialização é apoiada nos setores automobilístico, aeronáutico, aeroespacial e bélico, destacando-se também o veraneio e o turismo, especialmente o rural e religioso. Os atrativos naturais e a riqueza de suas histórias permeiam os trinta e nove (39) municípios que compõem as cinco (5) sub-regiões, cada qual com suas particularidades e testemunhos desde o século XVI onde a colonização atingiu o Litoral Norte.

A RMVPLN é composta por cidades que ainda mantêm manifestações culturais variadas compondo um rico panorama do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro. As múltiplas paisagens, a gastronomia, os costumes, as festas religiosas, o patrimônio arquitetônico e urbanístico, no qual se destacam as fazendas de café, formam a identidade coletiva regional. Muitas vezes o patrimônio imaterial se perde na dinâmica da própria preservação da memória, ainda muito associada à dimensão material, ficando sem a devida importância e a adequada forma de registro e preservação os saberes que são testemunhos complementares e neste sentido, fundamentais para a compreensão do Patrimônio Cultural na sua integridade.

Os municípios de Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra situam-se às margens do Reservatório da UHE Paraibuna e também integram uma das sub-regiões da RMVPLN. O período de construção da barragem foi de 1964 a 1977, e uma das consequências foi o alagamento de terras produtivas na zona rural e até a transferência de duas cidades. A modificação não se restringiu ao percurso dos rios e seus afluentes, mas envolveu a infraestrutura e toda acultura urbana ali

construída, produto da interação com a Geografia e com a Paisagem, heranças simbólicas de indivíduos e grupos sociais formados ao longo das estradas que levavam aos bairros e propriedades rurais. Os acessos aos municípios também foram alterados mudando, conseqüentemente as rotinas, referências, contatos e paisagens. Os contrastes territoriais embasam uma nova fisionomia cultural pautada nas referências dos ancestrais, mas experimentada e vivenciada num novo contexto social, espacial e emocional.

Apesar dos cuidados e precauções da CESP (Companhia Energética de São Paulo) não foi realizado ainda um estudo das particularidades do patrimônio cultural imaterial da região. Os órgãos públicos não possuem elementos que permitam a sua caracterização e assim delinear ações adequadas para se construir políticas públicas para atender os anseios e necessidades das comunidades. Preservar o patrimônio imaterial da cultura caipira, tão bem representada nos municípios que abrigaram o Reservatório da UHE Paraibuna da CESP, é preservar parte importante da identidade valeparaibana. Deve-se, porém, pensar tal preservação focando o desenvolvimento social e o planejamento urbano e rural dos municípios de uma maneira articulada com a própria CESP, a gestora do lago e dos serviços associados a ele.

1.1 Problema

Não houve por parte da CESP levantamento que pudesse subsidiar a elaboração de uma política cultural integrada, e particularmente, qualquer preocupação com o patrimônio imaterial na região afetada pela barragem da Usina Hidrelétrica de Paraibuna é notória e veio à público a iniciativa de preservar o patrimônio material, como é o caso do núcleo urbano original de Redenção de Serra, preservado em parte, ou dos animais silvestres, aves e peixes salvos da área inundada. A Usina que, embora tenha parte utilizada em 1974, só foi concluída em 1977, não possui ainda um plano para o reconhecimento e a valorização do Patrimônio Cultural, especialmente do Patrimônio Imaterial das comunidades rurais e urbanas dos municípios afetados. Ao mesmo tempo em que a Lei Complementar Estadual nº 1.166/2012 preza pela cultura não há delineamento claro e estabelecido que caracterize sua delimitação e ação na região. Busca-se compreender a seguinte questão: como se reorganizaram as identidades das pessoas que tiveram suas

rotinas de deslocamento alteradas pela constituição do Reservatório da UHE-Paraibuna?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo da pesquisa é caracterizar o patrimônio imaterial da região do Reservatório da UHE Paraibuna. Pretende-se elaborar a partir das entrevistas um quadro formado pelo repertório das manifestações culturais imateriais, relacionadas às celebrações, aos ofícios e aos modos de fazer, assim como observados na organização dos lugares e nas formas de expressão. A intenção é registrar e dar visibilidade ao modo de viver das pessoas que circundam as margens do lago.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- a. Caracterizar as particularidades culturais da zona rural nos municípios lindeiros ao reservatório da UHE Paraibuna, Redenção da Serra, Natividade da Serra e Paraibuna;
- b. Destacar as modalidades que compõem o patrimônio imaterial da microrregião estudada;
- c. Identificar as tipologias de artefatos culturais tangíveis e intangíveis nos itens: Culinárias, Danças, Músicas, Costumes Diários, Tradições Religiosas, Festas Regionais, Artefatos, Artesanatos, Mitos, Ditados Populares, Celebridades e Patrimônios Arquitetônicos.
- d. Analisar os dados levantados na conformidade dos critérios pré-estabelecidos pautados no conceito do IPHAN – Decreto 3551/2000.
- e. Indicar elementos que possam integrar políticas públicas que promovam a preservação do patrimônio cultural, contemplando o patrimônio imaterial e a valorização da cultura popular.

1.3 Delimitação do Estudo

O trabalho visou caracterizar as identidades culturais presentes na região compreendendo-as em seu processo histórico e evolutivo, assim como realizar análises comparativas entre os municípios de Redenção da Serra, Natividade da Serra e Paraibuna. Os bens culturais de natureza imaterial que foram abordados são: práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modo de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares que abrigam práticas culturais coletivas como mercado, feiras e santuários.

1.4 Relevância do Estudo

A cultura, as formas como as pessoas e as comunidades se organizam e constroem a sua simbologia acaba por definir papéis, estabelecer relações e ditar organizações implícitas ou explícitas. A Lei Complementar Estadual nº 1166, de 09 de janeiro de 2012 traz em sua composição, no capítulo I, da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Litoral Norte:

Artigo 2º - A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte tem por objetivo promover:

[...]

III – a utilização racional do território, dos recursos naturais e a proteção do meio ambiente, dos bens culturais e imateriais (SÃO PAULO, 2012a, p.18)

Embora os objetivos da RMVPLN visem à constituição de uma região voltada ao planejamento e desenvolvimento pautado na cooperação, descentralização e articulação, ainda assim integrada aos bens culturais imateriais, há necessidade de conhecimento sistemático que contribua para a proteção desse patrimônio na Região.

1.5 Organização do Trabalho

A organização do projeto foi pautada em seis fases:

Primeira fase: levantamento do legislativo vigente e do embasamento teórico na busca de definir a linha de pensamento a ser seguida (IPHAN).

Segunda fase: breve caracterização de cada município.

Terceira fase: organização dos critérios a serem seguidos para a realização da coleta de dados assim como o material pertinente.

Quarta fase: aplicação dos questionários, identificação dos dados e análise.

Quinta fase: tabulação das informações coletadas

Sexta fase: elaboração da redação final da conclusão e diretriz proposta.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Sociedade, Cultura e Identidade

É impossível pensar na figura humana sem o contextualizar em tempo, espaço, grupo, vestimenta e ações. Os homens são seres sociais e não criaturas isoladas, essa convivência acaba por estreitar relações, formar grupos e dispor a sociedade num elenco pré-estabelecido de comportamentos distribuídos como rituais. A sociedade se empenha, habitualmente, em padrões reconhecíveis. (CHINOY, 1993)

Adam Ferguson, filósofo moral escocês do século XVIII, observou, certa vez, em termos ainda propositados: Tanto os primeiros quanto os últimos relatos coligidos de todos os quadrantes da Terra, representam o gênero humano reunido em tropas e companhias; ... (fato que) precisa ser admitido como fundamento de todo o nosso raciocínio relativo ao homem. Há registros de seres humanos que, de um modo ou outro, conseguem sobreviver com pouco trato ou sem a associação normal com outros humanos, [...]. (CHINOY, 1993, p.52)

Pouco se relata sobre homens que, por algum motivo extraordinário, viveram de forma isolada. O comportamento humano está pautado na relação de troca constante e complementação no outro. A base de vivência é grupal e situada no outro. O homem se orienta no grupo e neste constrói suas interações, seja de conotação explícita, implícita, material ou psíquica.

O homem é cercado por uma comunidade, ou várias, e nela edifica sua estrutura funcional. Sawaia (1996) aponta comunidade como interação coletiva, esse produto de “interação” mantém os membros unidos com certa identidade e, além de tudo, produtor de uma forma própria de organização.

Bosi (1987) fomenta a impossibilidade de se pensar numa cultura única nacional, ou seja, a cultura não é homogênea. A sua admissão é de caráter plural, resultado de um processo de inúmeras e oposições no tempo e no espaço. As imbricações de miscigenação racial, de formação de grupos e de relevo, formam a contemporaneidade cultural.

Cada pessoa possui sua história endógena e exógena, ou seja, o seu próprio enredo e a condição histórica de seu meio. Bosi (1987) ressalta que a cultura é cíclica, o fazer e o retroceder das situações acontecem de maneira ao retorno

situacional, ou seja, a memória tem seu enraizamento próprio de vigência e necessidade.

Toda sociedade possui um modo de vida ou, de acordo com a nossa terminologia, uma cultura, que define modos apropriados ou necessários de pensar, agir e sentir. [...]. Na fala convencional, refere-se às coisas mais elevadas da vida – a Pintura, a Música, a Escultura, a Filosofia; o adjetivo culto convizinha de educado ou requintado. Em Sociologia a cultura se refere à totalidade do que aprendem os indivíduos como membros da sociedade. A velha (1871) mas ainda cidadíssima definição de Tylor indica-lhe a amplitude: a cultura é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer aptidões adquiridas pelo homem como membro da sociedade (CHINOY, 1993, p.56).

Para Burke (2010) cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes, sendo usada pelo autor a significância de atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. “A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele” (BURKE, 2010, p.11).

Burke (2010) apresenta a cultura como sendo focada na presença e ausência, ou seja, como funcional no sistema “bi”. Na tradição religiosa apresenta a bicultura, com a presença ou ausência da religião e sua adequação comportamental. Assim os valores são julgados como presentes ou ausentes no cotidiano comportamental.

Na era da chamada “descoberta” do povo, o termo “cultura” tendia a referir-se a arte, literatura e música, e não seria incorreto descrever os folcloristas do século XIX como buscando equivalentes populares da música clássica, da arte acadêmica e assim por diante. Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade – como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações e noções subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construído” socialmente e, portanto, requer explicação e interpretação social e histórica. (BURKE, 2010, p.22-23)

Assim, pode-se afirmar que a construção cultural é pautada no cotidiano e realidade vigente. A cultura é particular, única e arquitetada dia após dia. É a constante transformação na sociedade modificada a cada vivência e manifestação humana. A cultura é instalada dentro de uma sociedade e, contudo, respeitando os muros da hierarquia, realidade e construção histórica.

Thompson (2011) defende a ideia que a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes no século XVIII, que tais costumes traziam consigo algumas reivindicações de “novos direitos”. Pode-se também notar que os séculos

XVI e XVII são caracterizados pelo declínio de alguns costumes, como as feitiçarias, magias e superstições. Contudo, é passível de observação que há a transição entre explícito e implícito.

O povo estava sujeito a pressões para “reformatar” sua cultura segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral, e o esclarecimento escorria dos estratos superiores aos inferiores – pelo menos era o que supunha. (THOMPSON, 2011, p.13)

Assim, cultura é toda e qualquer manifestação de uma sociedade. A maneira como as pessoas se expressam, se organizam e se mantêm é moldado de acordo com sua cultura, que de uma forma ou outra é enraizada e “autorizada” pela hierarquia vigente.

A cultura se apresenta como o conjunto de transformações, apropriações e interpretações que o homem realiza junto à natureza. Assim, de início, tem-se um pressuposto determinante na noção: a cultura surge na relação homem-natureza (LOPES, 1995, p.23).

Assim, o homem sempre transforma seu meio e re-transforma a sociedade, fazendo dela uma realidade que o satisfaça quanto às necessidades, ideais ou outros fatores. O homem permeia sua vivência de ações e manifestações que resultam em traços de convívio, ou seja, sua cultura. Não há homem sem traços culturais. A cultura está em constante mudança, suas alterações são permeadas na sociedade atualizada a cada instante. O fazer e o refazer se entrelaça no viés entre o passado e o futuro, a sua vivência e sua interpretação muito influencia na constituição dessas tradições.

Chinoy (1993) aponta a cultura como a herança social e, conseqüentemente, os padrões sociais são pré-determinados pelos ancestrais, assim, a liberdade do homem já nasce castrada e determinada. As mudanças ocorrem dentro de um limiar, o emaranhado figurativo é submisso ao tempo, local e sociedade.

A aprendizagem da cultura é informal e variada de grupos a grupos, formando assim, “subculturas” e todo comportamento reverso é chamado de “contra-cultura” (SANTOS, 1994). A contracultura é o movimento implícito ou explícito de contestação da realidade ou ideias, é a busca de transformação social.

Toda cultura é aliada de forma singular a identidade social de uma comunidade, grupo ou aldeias culturais cercadas de princípios simbólicos e figurativos. Lopes (1995) enfatiza que toda relação é permeada de intencionalidades e simbologias, seja nas relações de necessidade ou prazer. Assim, nenhuma ação é

somente um comportamento isolado, para todo comportamento há um conteúdo latente implícito. Há também que a cultura acaba sendo um resultado, em sua maioria das vezes, aceito pela sociedade ou não, passível de reprodução no meio.

O homem é um ser relacional, é na comunidade geográfica ou psicossocial que a vida cotidiana é vivida e construída. As relações formam laços, criam suas representações, níveis de consciência, identificação e pertinências dos indivíduos ao grupo. Todo homem pertence a um grupo. O sujeito se forma na relação e nela se transforma (CAMPOS, 1996).

Contudo, a identidade cultural é esse conjunto das características de um povo, resultado da interação dos membros da sociedade e da sua forma de interação entre a natureza e com o mundo. Entende-se que a identidade são as tradições, a religião, a música, a culinária, a cultura, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação, população, grupo ou subgrupo.

A noção de identidade está associada tanto na similitude, concordância, uniformidade quanto a singularidade do indivíduo. O campo semântico do termo já reflete a complexidade do conceito, apresentando significações praticamente opostas. Trata-se de um lado do caráter daquilo que é idêntico, isto é, de seres ou objetos perfeitamente semelhantes ainda que distintos e, nesse caso, a identidade é o fato de ser semelhante a outros. Por outro lado, ela é característica do que é único e assim se distingue e diferencia totalmente dos outros. A identidade se apresenta, desse modo, em sua própria definição como sendo ao mesmo tempo aquilo que se distingue e diferencia totalmente dos outros (CHAMON, 2003, p.23).

O homem é o diferente dentre os iguais, ou seja, embora tenha sua diferenciação psíquica e o caráter de unicidade, acaba por se assemelhar e pertencer às suas igualdades. O sujeito diferente dentro do comum. Isso é a identidade cultural e o sentimento de pertencente a um grupo. Embora haja a singularidade do ser e a individualidade, há também a contraposição do grupo e a avaliação com relação ao outro.

A identidade se constrói a cada dia paulatinamente. Segundo Ribeiro (2013) não existe uma identidade acabada, finalizada ou concluída, seja de ordem individual ou social. As relações com o outro, com a natureza e sociedade interpelam o homem em sua capacidade continua de se “re-criar e re-fazer”. Há o processo intermitente do comparativo seja no processo egóico ou social de um grupo ou sub-grupo.

A forma como o mundo o vê, sente ou o indaga acaba por mostrar ao homem a imagem que é transmitida aos demais. Assim, a forma de colocar na sociedade

mostra a qual grupo este pertence de acordo com sua identidade cultural. (CHINOY, 1993). As demonstrações cercam todo o comportamento humano e caracteriza num processo constante de evolução e aprendizagem.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente é recriado pelas comunidades e grupos em função do ambiente e das condições históricas que envolve a sua sobrevivência. A cultura é a imagem de um grupo e a sua manifestação social. Registrar e compreender a dimensão imaginária, o simbólico e sua representatividade é atuar diretamente na identidade da sociedade. A cultura é híbrida, conjugada constantemente com novas adaptações. Esta é gerada no passado e vivenciada no presente. Salvar a memória é reconhecer sua história (RIBEIRO, 2013).

2.2 O Espaço e a Cultura: interligações vivas

Não há como falar em homem e sua cultura sem localizá-lo num espaço físico. O homem é determinado e determinante em seu próprio conteúdo espacial, é criador e criatura, é desenhado e desenhista. A percepção do espaço o delinea e formata sua configuração de agir no mundo. O espaço é o componente real entre o passado e futuro. Embora seja físico e não estático.

Onde o homem se encontra e como interage com o meio vai decifrar suas representações simbólicas e qualificações.

A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas. [...]. Todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a imagem está impregnada de memórias e significações (LYNCH, 1960, p.11).

Todo espaço compõem o próprio homem. A relação do homem com seu espaço naquele determinado momento faz dele e a paisagem uma única composição de ser e realizar. Toda a história se entrelaça no contínuo percalço de sua vivência. Toda essa relação com o espaço se constrói a cada momento. Essa troca constante é muito mais que o visual, toda e qualquer relação de existência se baseia entre o latente e o manifesto, ou seja, entre aquilo que representa no endógeno para ser exacerbado no exógeno. Toda memória está diretamente relacionada com um lugar.

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens. Sobretudo o tempo que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando nossa elaboração sociológica. Por tudo isso, não há um sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço (DAMATTA, 1997, p. 22).

O tempo é formalizado na caracterização social, mas seu efeito junto ao espaço se torna memorável. O espaço é coletivo, mas sua forma de internalização é composta na unicidade do homem. Os ambientes são vivos em sua própria constituição e propósito. Seu rompimento com o estático se dá em contato com o tempo e com o subjetivo. A esfera física não é estática.

As partes móveis de uma cidade são mais importantes que as imóveis e físicas. O ambiente é constantemente mutável, assim toda imagem é uma relação bilateral entre o observador e o meio. Contudo, a imagem notada pode ser totalmente diferente de acordo com a percepção única de cada indivíduo (LYNCH, 1960).

Choay (2006) ressalta o sentimento e a simbologia intrínseca de cada patrimônio construído, de cada ação do homem no mundo. Há todo um valor cognitivo no estabelecimento de criar seu espaço e fazer seu próprio conteúdo. Assim como também ressalta sobre a herança da prática social na ação do meio. Tal visão é compartilhada com LYNCH (1960) quando ele ressalta a unicidade do olhar e o desenvolver a imagem.

Os ambientes são memoráveis, são condensados intimamente na memória humana e sempre associados afetivamente. O lugar é a representação da subjetividade humana. É o encontro entre o real e o imaginário, o sentido e o vivenciado.

Albuquerque (2008) estabelece como extremamente delgada relação entre a história e os espaços. As dimensões espaciais se dão nos acontecimentos e sua perplexidade assim como nas práticas humanas e nas relações espaciais.

O espaço não era tomado como elemento partícipe de toda e qualquer ação humana, como uma das dimensões de toda atividade de qualquer sujeito histórico. O espaço parecia anteceder e sobreviver intacto a todos os eventos históricos (ALBUQUERQUE, 2008, p. 102).

O homem conjuga o tempo e o espaço na sua própria existência. O espaço o educa e desenvolve como o ser dentro de sua realidade, de um limite que permeia as relações. Há uma formação cíclica constante na interface de: homem e espaço.

[...] aprendemos que os espaços não se resumem a sua condição física [...] mas as relações sociais, as redes de códigos sociais e a cultura ali se desenrolam. São as práticas que trabalham esse espaço, que o tornam vivência e experiência, são os sentidos que seus praticantes lhe dão, são os desejos, as fantasias, sonhos, imagens que sobre ele se projetam, que o constitui como espaço social, cultural e histórico. Um espaço é um reticulado de ações, de deslocamentos, de trajetórias, é uma rede de relações de toda ordem é uma trama de sentidos, é a projeção de imagens, sonhos, desejos, projetos e fantasias (ALBUQUERQUE, 2008, p. 108).

O espaço significa e ressignifica o homem. Sua ação é pautada no físico e o transcende. Homem e espaço como construtores de uma única realidade. Essa representação fará emergir a linguagem, as colocações, as manifestações, as influências, os saberes, as práticas e, enfim, toda e qualquer expressão.

Albuquerque (2008) finaliza focando que as paisagens são formadas pelas paisagens sonoras, paisagens construídas pelo tato, paisagens construídas olfato, paisagens construídas pelo paladar e não somente pela visão. A paisagem é sentida.

Quando, então, digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas, e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p.17).

Os espaços, numa visão holística, são muito mais que lugares. São as representações evocacionais implícitas de uma sociedade e sua representação simbólica constituída a partir da visão internalizada de cada um.

2.3 O Caipira, a Região e a Identidade

A figura do homem do campo como personagem do rural brasileiro se tornou enredo de filmes, humores, músicas e estudos. Brandão (1983) mostra esse homem nas nomenclaturas: caipira, camponês, caboclo, roceiro, sertanejo e capiau. Ressalta esse personagem histórico como marco entre passado e futuro, como figura real e imaginária. O autor ainda enfoca o caipira como o lavrador rústico que substitui o índio na lavoura e tem seu desenvolvimento cultural como os negros, cercado de qualificações e crônicas.

O trabalhador caipira de São Paulo, segundo Brandão (1983), é o habitante rural. “É a figura de sombra à beira do caminho entre índios e senhores à posição de

ator subalterno de sua própria história” (s.p.). É por meio da terra que o caipira cria sua condição de vida e manutenção familiar, seja de maneira de ser, viver, inventar e sonhar.

O caipira é o homem observador, que tem seu ritmo próprio. O lidar somente com a natureza lhe trouxe os cuidados e o zelo. Aprendeu a tirar da terra seu sustento, onde em terra alheia aprendeu a sobreviver e a lidar com as hierarquias vigentes. Ribeiro (2003) mostra o caipira como aquele sem-terra, sem ser o dono de nada, mas que garante o manuseio da agricultura e pecuária.

O caipira até hoje tem sua cultura que envolve enredos, contos, músicas e vestígios próprios de ser no mundo.

Na primeira metade do século XIX, viajantes europeus no Brasil, como os naturalistas Saint-Hilare, J-B von Spix e Carl von Martius, coligiram dados e registraram seus estudos locais sobre a flora e a fauna, as riquezas naturais. Também escreveram sobre o sertanejo, seu modo de ser, condições de vida, expondo faces do seu cotidiano, ou seja, o homem na intimidade e na relação com o meio: vestimenta, higiene, saúde, costumes, crenças, vida citadina e rural. As publicações que deixaram são ainda hoje importantes como documento da história cultural e social do país. (BOSI et al, 2001, p.62)

A figura caipira passou a notada, observada e descrita. O caipira de São Paulo passou a ser diferenciado pela sua rotina e delimitação territorial específica. Há um caráter rústico e com certa rispidez. Homem de pouca vaidade e palavras. Pouco comentário e muito olhar.

Em viagem à Província de São Paulo, um estudo de Auguste de Saint-Hilare (1776-1853) que marca a permanência no Brasil entre 1816 e 1822, o naturalista francês voltou sua atenção ao caipira. Descreveu-o na sua aparência modesta, no caminhar desajeitado, na rusticidade de suas roupas, para dizer das diferenças entre os moradores da cidade e os da zona rural. [...] o caráter pejorativo do termo caipira à relação de proximidade que esse habitante rural guardaria com o mito indígena. (BOSI et al, 2001, p.62)

Nas descrições do autor supracitado, há o complemento da observação quanto à sua vestimenta própria de ir à zona urbana: chapéu grande e cinzento, calça de algodão e o constante poncho, que sempre usava independente do calor. Bosi et al (2001) salienta ainda suas características próprias culturais, como sempre portando um saco de pano, sempre mostrando certa apatia, pouca inteligência, informações fracionadas e de pouca confiança.

Ao caipira foram destinadas características como de pouco asseio, de pouca conversa, muita desconfiança e sempre ligeiro em seus contatos. “Andar pesado, acanhado e ar simplório” (BOSI et al, 2001, p.63).

O caipira tem seu jeito próprio característico de ser e de relacionar com o mundo. Para Darcy Ribeiro (2003) a vida do caipira da região de São Paulo era muito parecida com a vida dos índios: caça, plantação, instrumentos criados a partir de suas vivências e próprios de sua região. Os caipiras foram construindo uma linguagem particular e uma vida diferenciada.

O caipira é o morador que sobrou das primícias da colonização de São Paulo, é a consequência entre os portugueses e os índios e, muito posteriormente, os negros. A “mestiçagem” foi constante, o brasileiro tem muitas ceivas. São muitos Brasis dentro do Brasil (RIBEIRO, 2013).

Darcy Ribeiro (2013) identifica o caipira como um dos tipos do rural brasileiro, é o morador de paulistana, parte de Minas, Goiás, Mato Grosso e, de certa maneira Rio de Janeiro e Espírito Santo. Foi uma população que andou muito, tinha uma linguagem própria do tupi guarani e um jeito próprio e calado de se comunicar.

O caipira foi se isolando e formando sua própria subsistência. Ele foi sendo marginalizado e se marginalizando em uma terra que não era sua, além da plantação passar a lidar com o gado.

Candido (2010) aponta que o caipira é o homem isolado e marginalizado, o produtor de sua alimentação e aquele que segue o formato cíclico: plantio, colheita e formas da interferência da natureza em sua vida.

A vida do homem do campo é marcada pela própria “vida do campo”, seu tempo é o ciclo da seca e da água. Suas rotinas são também marcadas pelo sol e pela lua. Os roçados marcam a rotina do caipira e de suas ações, o ciclo agrícola é a sua atividade. Cada plantio e colheita segue um padrão de tempo: janeiro começa a colheita do feijão das águas e do milho. A colheita do milho fornece a elaboração de pamonhas, curaus e outros derivados que se realiza junto à união das famílias, promovendo os mutirões entre a família ou subgrupos regionais. Em fevereiro começa a plantar o feijão da seca. Em março começa o canteiro de cebola e se inicia o plantio do alho. As atividades são marcadas pela própria vivência da natureza com o homem. A ação do caipira é guiada pela questão do seu tempo, ou seja, seu calendário é totalmente “diferente” do calendário urbano (BRANDÃO, 1983).

O mesmo autor ressalta o caipira como uma a cultura que coexiste com o atraso, de quem não é vítima, mas produtor, com a coivara, a doença e a absoluta ignorância. “Coexiste com o rancho de sapé aos pedaços e com a reprodução de miséria”(s.p.).

Para Cornélio Pires o caipira é o sertanejo de São Paulo, onde atribui as diferenciações de caipiras dentro de uma mesma cultura e nivelamentos de raças e estratos sociais: caipira branco, caipira mulato, caipira caboclo e o caipira preto. (BRANDÃO, 1983). Sua ação junto à forma de sobrevivência também delimita suas particularidades e forma de comunidade: lavoura e os tipos de lavoura (ritmos diferentes) e gado. Aqui o autor salienta que cada subcultura do meio rural traz em si sua particularidade, variável quanto ao tipo de plantio e gado, há uma própria linguagem, vestimenta, postura e ação, mas o mutirão está presente em toda conduta caipira.

O caipira é o homem desapegado do acúmulo, onde este precisa do alimento e não de uma organização para obter a comida. Não há a preocupação de frequentar as casas alheias, mas de participar de eventos, principalmente da Religião. É cuidadoso para com seu grupo social, ou seja, expressa o sentimento de pertencer aos grupos sociais (CANDIDO, 2010).

O caipira é rude, de contato direto e vive na observação. É ressabiado e de pouca conversa. Seus contatos são fracionados e voltados à natureza. Não tem pressa, não tem medo.

[...] A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade impressionante, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações da superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser. (CANDIDO, 2010, p.97)

Caipira é o morador da roça, que possui uma realidade alheia e, atualmente acaba interagindo com a sociedade de maneira fracionada e parcial. Sua conduta é pensada, sua religião é seu núcleo de contato e sua família a norteadora de ações. Sua cultura é particular e base de muitos estudos e análises.

2.4 Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural Imaterial

Patrimônio é tudo aquilo que pertence ao homem e o constitui num processo histórico. É a herança vivencial da humanidade contemplada em seu individual ou na amplitude do coletivo.

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em auto complacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar (HOLANDA, 2013, p.9).

Na busca da conservação das histórias e manutenção da cultura, muito se procura proteger os patrimônios: cultural material e cultural imaterial, sendo importante ressaltar suas definições segundo normas do IPHAN.

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais e importância paisagística, passando por imagens, mobiliários, utensílios e outros bens móveis (IPHAN, 2013, s.p.).

A cultura material é caracterizada pela sua forma tangível, mensurável e existente a ponto de ser notada nitidamente no conteúdo palpável de uma sociedade.

O patrimônio cultural atua diretamente ao mercado cultural, podendo ser utilizado como fonte de abastecimento de turismo local, sendo potencial de investimentos e possível desenvolvimento local.

Os bens culturais de origem imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2013, s.p.)

O patrimônio cultural imaterial se transmite de geração a geração e geralmente faz parte da cultura popular, são as cantigas de roda, as brincadeiras de determinada época e local, as crenças, simpatias, rituais religiosos ou credences populares. É a forma com que cada subgrupo ou sociedade se manifesta em sua forma simples de viver ou se relacionar, seja com a natureza ou pessoas.

Geralmente esses comportamentos se perpassam pelo inotório e casual. Por fazer parte da rotina acabam sendo preteridos em suas observações e anotações. São corriqueiros e evoluem gradativamente, concomitante a tecnologia, inovações e mudanças de hábitos.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) usa o termo Patrimônio Intangível, ou seja, é o que permeia as vivências e as formas do homem ser e agir. É o abstrato se transformando em concreto, o imensurável em mensurável. Ao criar um artefato há os sinais intrínsecos de sua forma de pensar e se colocar no mundo.

Para Choay (2006) “todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial”. (p.26) Muitas vezes, ao se construir ou vivenciar algo não se torna evidente a sua devida importância a futuros marcos na história holística do homem.

Lemos (2000) foca o homem como o constante reproduzidor simbólico de sua ação no mundo. Todo o saber cultural expõe um saber anterior e predominante. A memória social é formada em cada ação, em cada artefato e em cada necessidade. O homem é um acervo vivo de sua própria história e contexto.

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa concepção linear do tempo – neste caso, seu valor cognitivo relega-o inexoravelmente ao passado, ou antes à história em geral, ou à história da arte em particular -; ou então ele pode, além disso, como obra de arte dirigir-se à nossa sensibilidade artística, ao nosso “desejo de arte”: neste caso, ele se torna parte constitutiva do presente vivido, mas sem a mediação da memória ou da história (CHOAY, 2006. p. 26).

O patrimônio histórico ou o monumento constitui o passado em presente. Ele se torna a memória refazendo novas histórias. É a parte da história não ignorada. O homem cerca seu passado numa garantia constante de sua identidade, seja em conservações materiais ou não. É o significado ressignificando.

Muitas ações culturais se perderam ao longo da história e evolução. O comportamento humano muda num processo contínuo e frequente onde, ações antes efetuadas, acabam se perdendo ao longo de novas condutas, adaptações e necessidades. Todo patrimônio apresenta a conotação afetiva (CHOAY, 2006).

[...] o Patrimônio Cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações, e nunca houve ao longo de toda história da humanidade critérios e interesses permanentes voltados à preservação de artefatos do povo, selecionados sob qualquer ótica que fosse. Cremos que sempre se colecionou coisas importantes, como joias, dinheiro, objetos valiosos, obras de arte. [...] nunca se ateve, porém, à preocupação de registrar estágios culturais já ultrapassados de toda uma comunidade (LEMOS, 2000, p.21-22).

Thompson (2011) reforça o pensamento que uma cultura conservadora, que recorre a costumes tradicionais, precisa de constante reforço em sua manutenção, ou seja, há possibilidade de se manter uma cultura ou memória da mesma na constituição figurativa da sociedade.

Atualmente a mídia aos poucos volta sua atenção às representações e acervos históricos, há a iniciação de busca nas gerações passadas e uma tendência na preocupação da conservação patrimonial, tanto em suas construções materiais quanto imateriais, ou seja, Patrimônio Cultural.

Hugues de Varine-Boham (apud Lemos, 2000, p. 8-10) sugere que o Patrimônio Cultural seja dividido em três grandes categorias de elementos:

- 1) São os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente. Estão associados à esses grupos os elementos: clima, vegetação, rios, águas, ...
- 2) Refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer. São os elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural. Compreende a capacidade de sobrevivência do homem no meio ambiente e, conseqüentemente, suas adaptações como saber esculpir uma árvore, polir uma pedra, tecer o pano da coberta da cama e rezar a determinados “santos”. São elementos do saber.
- 3) Reúne os chamados bens culturais que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer.

Os artefatos possuem uma conotação muito marcante entre a relação homem-natureza e, assim, contudo na construção da sociedade vigente.

Assim, um objeto isolado de seu contexto deve ser entendido como um fragmento, ou um segmento, de uma ampla urdidura de dependências e entrelaçamentos de necessidades e interesses satisfeitos dentro das possibilidades locais da sociedade a que ele pertence ou pertenceu (LEMOS, 2000, p.11).

Pode-se ressaltar que os artefatos possuem uma vasta amplitude de vida útil e, além disso, a capacidade de gerar outros artefatos como o caso de ferramentas e

máquinas. Tais objetos marcam uma circunstância da necessidade do homem naquele período vigente, uma forma de adaptação social, uma cultura como causadora e consequência e, acima de tudo, a forma de ação em especial daquele grupo realizador.

Todos os artefatos estão contidos num contexto propriamente dito, numa época, numa parte da história, numa cultura complexa pela sua confecção contínua no emaranhado social. As transformações de usos e costumes também fornecem a necessidade das modificações dos artefatos. As influências ocorrem a todo instante. Estamos em contato com novas culturas, novas vivências e novos costumes, tal fato estimula ainda mais a criação de novos artefatos ou a adaptação dos já existentes.

Enraizado no cotidiano das comunidades e vinculado ao seu território e às suas condições materiais de existência, o patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade (IPHAN, 2014, s.p.).

A interação entre cultura material e imaterial ocorre a todo o momento, ou seja, o imaterial proporciona a criação do material. Da forma com que se pensa, se acredita e se vive é que ocorre a criação de novos artefatos que sustentem a forma de agir no mundo e se reintegrar no social, que por sua vez reinventará o pensar sobre a matéria.

O processo cultural e as novas organizações constroem acervos e novos contextos. A indústria acelerou todo o processo de produção e vomitou na sociedade uma tecnologia uniformizada e “padronizada”: a comunicação tudo ensina, tudo informa e tudo condiciona (LEMOS, 2000).

Antes, com o trabalho artesanal, os objetos eram criados num encaixe dirigido na satisfação individual ou para determinado grupo, com a fabricação de maneira massificada, os objetos acabam por sobrepor as necessidades.

Muito dos vestígios de povos foi perdido com o tempo e com a falta de interesse em zelar as particularidades corriqueiras do cotidiano. A memória se perdeu junto a documentos, relatos, imagens e artefatos. A preservação cultural resgata as origens e formações e permitindo conservar um retrato real do Brasil e permite o alinhavo entre o passado e presente (SOUZA, 2012).

2.5 Desenvolvimento Regional e Patrimônio Cultural

O desenvolvimento não é algo isolado, único, fora do contexto ou situação. Ao contrário, o desenvolvimento de uma sociedade é a evolução de um “universo”, ou seja, a somatória de crescimento seja ele cultural, econômico, educacional, social, qualidade de vida e expectativa.

A cultura está muito engajada com os processos de inovação, como se a base de novos produtos ou serviços tivessem em seu alicerce um maior investimento. A fusão entre cultura e desenvolvimento atua diretamente na identidade de um coletivo.

Segundo Amarth Sem (2007) o desenvolvimento acarreta o processo de liberdade do indivíduo, ou seja, sua forma de viver na busca sensata de suas escolhas dentro do quadro da supressão única de sobrevivência. Os valores sociais e a relevância econômica acabam por determinar a ação do homem no mundo e vice-versa. Quanto maior o desenvolvimento, maior a liberdade do homem e sua participação minuciosa de agir.

Desenvolvimento acaba por ser toda a complexidade que envolve o homem e seu contexto, é o norteador de nova estrutura e pensamento libertador na intrínseca busca humana. A qualidade de vida favorece a consolidação de processos secundários do homem, como educação e cultura. Tal tema nunca pode ser salientado de maneira isolada e unilateral, mas sempre seguido de contingentes sociais, locais, temporais e históricos, assim como seu status nunca pode ser visto como um campo separado do contexto íntegro da vivência humana. Embora o desenvolvimento seja favorecido ou influenciado pelo crescimento econômico, este nunca deve ser visto como sinônimo do mesmo.

O desenvolvimento é um processo social global. A definição de uma tipologia do desenvolvimento decorre da necessidade de classificá-lo em econômico, político, social ou cultural por razões metodológicas quanto ao tratamento de um desses sentidos particulares. O desenvolvimento, em termos conceituais, é a explicação de concepções ou ideais coletivamente partilhados durante o processo histórico-social. A definição do significado do conceito desenvolvimento depende dos valores historicamente construídos de cada sociedade embora conserve em seu cerne a conquista de padrões de vida mais elevados acessíveis à maioria da população. Sob esse prisma o conceito de desenvolvimento pode até ser oposto à ideia de progresso econômico, pois seu objetivo é mais do que a oferta de bens e serviços resultantes do aumento de produtividade (VIEIRA, 2012, p. 345).

Segundo Santos (2012, p.46) a palavra desenvolvimento:

(...) tem sua origem na biologia, empregada como processo de evolução dos seres vivos para o alcance de suas potencialidades genéticas. Com *Darwin*, a palavra desenvolvimento passou a ter a concepção de transformação, vista como movimento na direção da forma apropriada.

Torna-se notório o conceito de desenvolvimento percorrendo discussões na tangente qualidade de vida e promoção social na amplitude holística do ser humano, onde um dos papéis fundamentais é a cultura imaterial, ou seja, o cotidiano, a comunicação implícita e a repetição do saber fazer.

A cidade é um espaço privilegiado e pleno de significados onde a população local se reconhece e se identifica. Sua qualificação permite que os moradores possam continuar a se apropriar dele, praticar ali seus ritos, conhecer sua história e reconhecer, através dele, seu papel na história do país (IPHAN, 2014, s.p.).

Contudo, nota-se que o desenvolvimento é o viés da duplicidade, nunca algo isolado ou sem a capacidade de deixar rastros e vestígios. Cada antecedente traz o contexto do fio da continuidade aprofundando em todo o conteúdo social. A alienação cultural separa o homem do seu conteúdo de identidade.

Dentre os desafios para a formulação da política nacional se encontra a necessidade de “reforçar o papel estratégico da pesquisa, da documentação e da informação na preservação e gestão do patrimônio cultural com vistas ao desenvolvimento social, econômico e cultural” (BRASÍLIA, 2010, p.73).

Embora ainda haja um hiato entre a cultura e os temas de crescimento e desenvolvimento, a preocupação com essa união acaba sendo fruto de indagações sobre as políticas e polarizações devidas ou indevidas. A cultura é a esfera da realidade e do cotidiano humano, onde tudo passa a ser real e vivido, logo, só há desenvolvimento se este for agente modificador da rotina que perpassa os conteúdos endógenos e exógenos.

O IPHAN traz em seu eixo primário de conduta nacional a preocupação de manter vivo e constante o viés entre cultura, desenvolvimento, identidade e memória.

A Missão do Instituto é a de “promover e coordenar o processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país”.

A Visão estabelece que o Iphan deve “ser instituição coordenadora da política e do sistema nacional do patrimônio cultural, capaz de identificar, produzir e difundir referências para a preservação do patrimônio cultural no plano nacional e internacional, dotada de carreira de estado, qualificação técnica e estrutura funcional para atender as demandas da sociedade”.

Tanto a Missão como a Visão do Iphan estão atreladas à manutenção de valores que englobam: a qualidade de vida; as memórias e identidades; o acesso ao patrimônio cultural; a valorização da diversidade; ao desenvolvimento sustentável; a cidadania cultural; a descentralização, regionalização e desconcentração; e a inclusão social (IPHAN,2014, s.p.).

O crescimento holístico dissolve em sua constituição a identificação de conhecimento das manifestações culturais e a busca de manter a articulação de novas perspectivas como estratégia de plano de ação referencial sobre o papel do simbolismo do patrimônio cultural nessa vertente do desenvolvimento na promoção do país.

2.6 Tecnologia: Caráter Estrutural de Desenvolvimento Cultural

Tecnologia é diretamente ligada ao conhecimento seguindo fluxo linear de inovação. Toda tecnologia traz em sua própria ação o processo de inovação. Kupfer (2004) ressalta a tecnologia no contingente do ambiente, como a estrutura socioeconômica fornece estratégias de nova elaboração.

O autor supracitado ainda subsidia a demanda do modelo de ciclo de vida de inovação tecnológica. Os conceitos são temporais e significados num contingente de necessidade local e cultural. A tecnologia é cíclica, mas, nunca inteiramente saciável no conceito de ser “acumuladora”, nunca há a superação e a tangente finalizada.

A tecnologia foi num primeiro momento um caráter de inovação. O impacto de mudança tem a capacidade de tornar tudo obsoleto. Uma invenção subsidia outra invenção. Uma curiosidade subsidia outra imaginação que gera nova necessidade. Há uma sede insaciável para a mudança. Novos campos são criados e, ampliando o domínio existente (BELLUZZO, 2005). Todos os campos e formas de tecnologia são utilizados na mais extensa dimensão.

A tecnologia é o uso da inteligência humana, não existe a real inovação se não há a perfeita aplicação. A inteligência abrange a solução imediata de resolução de problemas. Segundo Poli (2014) inovar é utilizar as ferramentas devidas e direcionadas na formação do raciocínio. O uso de recursos promove a inserção de tecnologia.

Novas tecnologias colocam desafios em termos do uso no campo da cultura, pois o uso de recursos produz a mudança na frente do convívio humano-social. A

incorporação da tecnologia carrega consigo a significação da necessidade constante e a suprema gestão entre produto e processo na conduta homem-cultura-tecnologia.

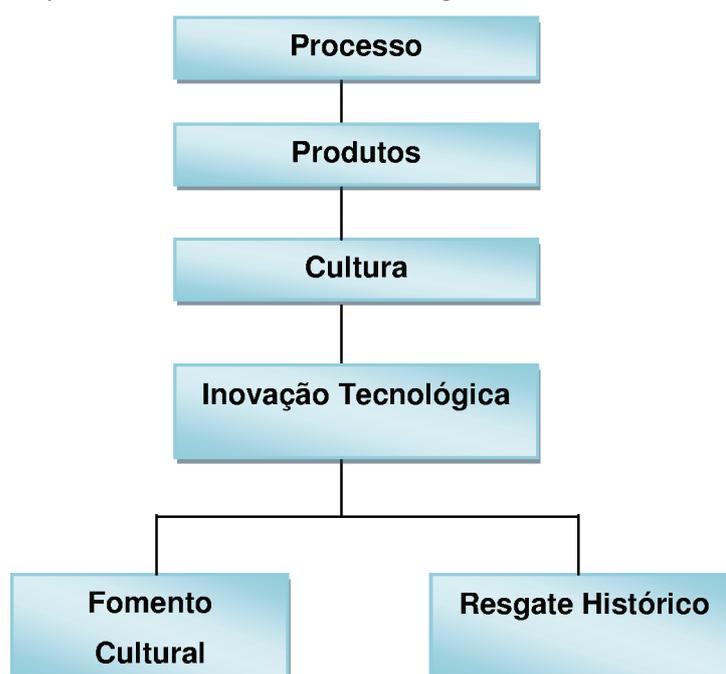
Os investimentos em tecnologia tendem a ser aplicados consecutivamente quando o enfoque está em processos e produtos. Erber (2001) insere a ideia de padrões dentro da contextualização do homem: seguimos um padrão de comportamento, padrão cultural, padrão tecnológico e padrão industrial. Há a conjugação entre tempo e espaço.

Dos Santos (2000) ressalta que a tecnologia transporta as pessoas para um mundo sem fronteiras. A tecnologia faz o viés entre o passado e o futuro, a ilimitação favorece e proporcionam novos enquadramentos culturais, temporais, locais e pertencentes a determinados grupos. A coisificação é positiva, em que a tecnologia assume caráter social de desenvolvimento cultural, globalizando a informação e desenvolvimento.

Na tecnologia da inovação o uso da cultura permeia o meandro de processo, produto e a aplicação da criação. No viés de passado, presente e futuro é passível pensar a tecnologia como um “artefato” da contemporaneidade, assim a cultura é promovida e, ao mesmo tempo, modificada no arcabouço tecnológico.

A tecnologia providencia meios de proteção cultural, seja na construção e manutenção da memória na consideração ontogênica da malha homem, história, tempo e espaço.

Figura 1 – Processo e produto cultural com viés tecnológico



Prospecção tecnológica é “um meio sistemático de mapear desenvolvimentos científicos e tecnológicos futuros capazes de influenciar de forma significativa uma indústria, a economia ou a sociedade como um todo” (KUPFER,2004).

Este estudo, ao buscar elementos teóricos e conceituais que articulam conhecimento, competência, gestão e inteligência competitiva, forneceu um olhar abrangente, marcado pela perspectiva de processo, que nos permite conectar alguns pares dicotômicos tais como a visão de curto versus a visão de longo prazo, o público versus o privado, a estratégia versus o operacional, a estrutura versus a espontaneidade, o tácito versus o explícito, produzindo uma espécie de síntese possível ou superando os aparentes paradoxos que tanto engessam iniciativas inovadoras no campo da gestão (RIBEIRO, 2008).

A tecnologia tem nesse contexto o intuito de subsidiar mecanismos de salvaguarda da cultura imaterial, ou seja, a vinculação entre a memória, passado e presente pode ser melhor assegurada quando a inovação favorece com seus instrumentos. Conservar processos implícitos, ações cotidianas e transmitir saberes em sua complexidade é a dialética constante entre a tradição e o novo. A inovação pode contribuir na perpetuação da integralidade da identidade coletiva local.

2.7 Educação – Meio de Salvaguarda Patrimonial

A gestão do IPHAN traz como uma de suas premissas nos eixos fundamentais a educação como recurso essencial na valorização humana. O conhecimento traz a capacidade de apropriação, ao reconhecer a cultura e suas simbologias há a identificação e posse de seu papel na história, preservação e desenvolvimento.

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cercas estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial (IPHAN, 2014, s.p.).

Educação Patrimonial é todo processo formal ou informal voltado para a compreensão sócio histórica das manifestações culturais, seja no âmbito de reconhecimento, valorização e preservação. O IPHAN também busca o diálogo transversal da educação patrimonial, ou seja, trabalhar a política da intersectorialidade cultural.

A educação em sua singularidade é a ferramenta social propulsora em transformar o indivíduo em um cidadão consciente e agente social interventor de sua própria realidade. É a formação plena do ser humano, é a promoção e socialização do saber.

A ferramenta pedagógica permite a democratização do saber e a interface entre o prático, teórico e vivencial. Toda educação tem a cumplicidade e as implicações sociais e políticas. Freire (2002) provoca a construção e a reconstrução da inquietude do saber, refaz a pensamento como um ciclo vital de permanência cultural.

A fim de promover ações de educação patrimonial, o Iphan busca formas de implementar uma postura educativa em todas as suas ações institucionais e firma parcerias para realizar programas que estreitem o diálogo com a sociedade sobre políticas de identificação, reconhecimento, proteção e promoção do patrimônio cultural.[...] A ação é constituída por um projeto pedagógico, com ações de educação patrimonial e de capacitação que visam fomentar e favorecer a construção do conhecimento e a participação social para o aperfeiçoamento da gestão, proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural. (IPHAN, 2014, s.p.)

A ação da educação é dar sentido a cultura e sua promoção. É conceder a garantia de acesso ao conhecimento. O IPHAN (2014) relata sobre os desafios para a formulação da Política Nacional de Educação Patrimonial, onde foi passível de salientar os itens:

- * ausência de políticas de educação e formação que articulem processos institucionais;
- * ausência de envolvimento das instituições educacionais formais e informais nos processos de educação patrimonial;
- * entendimento do conceito ampliado de patrimônio cultural no Sistema Nacional de Patrimônio;

O objetivo do Instituto é articular ações educativas integradas para possibilitar a relação entre os fenômenos culturais para a colaboração do saber, participação da comunidade de forma integral, construção de novas possibilidades de percepção e de atribuição de sentido ao bem cultural (visitas assistidas, expedições patrimoniais, contação de histórias, blogs, círculos e literatura e arte, dentre outras), promoção da (re)significação e a relação positiva com a cidade e com o patrimônio, por fim, criar formas compartilhadas de agir que permitam a construção de um sentimento de pertença das pessoas com o lugar. Implementar ações educativas integradas a uma

perspectiva de desenvolvimento sustentável que estabeleça a mobilização da economia local, mapeando cadeias produtivas relativas ao patrimônio cultural do lugar agregando valor, gerando renda, promovendo a cidadania e possibilitando a inclusão social.

Cabe aqui salientar a vinculação entre a educação e a cultura patrimonial na ação de promoção da cultura, seja no âmbito de proteção, desenvolvimento regional ou integração pessoal.

2.8 Configuração Territorial e Desenvolvimento : Construção de Usinas

Não há como falar da ação do homem no mundo e de seu desenvolvimento sem esbarrar no assunto de energia elétrica. Todo fomento passa pelo crescimento industrial e sua adequação ao meio. O uso da energia acabou por ser irreversível na humanidade, se tornou o centro de planejamentos, debates e preconiza o maior meio para o desenvolvimento e crescimento de uma população.

A energia, nas suas mais diversas formas, é indispensável à sobrevivência da espécie humana. E mais do que sobreviver, o homem procurou sempre evoluir, descobrindo fontes e formas alternativas de adaptação ao ambiente em que vive e de atendimento às suas necessidades. Dessa forma, a exaustão, escassez ou inconveniência de um dado recurso tendem a ser compensadas pelo surgimento de outro (s). Em termos de suprimento energético, a eletricidade se tornou uma das formas mais versáteis e convenientes de energia, passando a ser recurso indispensável e estratégico para o desenvolvimento socioeconômico de muitos países e regiões (ANEEL, 2014, s.p.).

Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), o Brasil tem um dos maiores e melhores potenciais energéticos do mundo, onde apenas duas fontes de energia têm sido aproveitadas: hidráulica e petróleo. Dados da ANEEL indicam que 90% do suprimento de energia elétrica do país provêm de geração hidráulica. Há ainda um descompasso entre fonte e aproveitamento, onde as formas convencionais de suprimento energético não atendem às condições socioeconômicas nacionais e regionais, assim há a necessidade de focar a maximização dos benefícios e minimização dos impactos negativos ao ambiente e sociedade (ANEEL, 2014).

O aumento do número de construção de barragens no Brasil acaba por influenciar a paisagem e a vida de muitas pessoas, acarretando consequências

ambientais, sociais e culturais significativas no cotidiano de todos. Não há construções sem impactos.

Segundo o Comitê Brasileiro de Barragens – CBDB, “as barragens, definidas como obstáculos artificiais com a capacidade de reter água, qualquer outro líquido, rejeitos, detritos, para fins de armazenamento ou controle, podem variar em tamanho desde pequenos maciços de terra, usados frequentemente em fazendas, a enormes estruturas de concreto ou de aterro, geralmente usadas para fornecimento de água, de energia hidrelétrica, para controle de cheias e para irrigação, além de diversas outras finalidades” (CBDB, 2014, s.p.).

Em 2014, estão cadastradas no CNB (Cadastro Nacional de Barragens) cerca de 1400 barragens, embora os dados de muitas delas ainda estejam incompletos. Os benefícios salientados pelo CBDB (2014) são: abastecimento de água, irrigação, controle de cheias, regularização de vazões, geração de energia elétrica, controle de rejeitos, navegação interior, piscicultura, dessedentação, paisagismo e urbanismo, (CBDB, 2014).

As barragens, definidas como obstáculos artificiais com a capacidade de reter água, qualquer outro líquido, rejeitos, detritos, para fins de armazenamento ou controle, podem variar em tamanho desde pequenos maciços de terra, usados frequentemente em fazendas, a enormes estruturas de concreto ou de aterro, geralmente usadas para fornecimento de água, de energia hidrelétrica, para controle de cheias e para irrigação, além de diversas outras finalidades (CBDB, 2015, s.p.)

Relatos mostram que o processo de barrar a água em curso e realizar dela o manuseio para obtenção de benefícios ou diminuição de perdas consta num histórico de mais de cinco mil anos conforme estudos realizados no Oriente Médio e Ásia (AGOSTINHO et al; 2007).

A construção de reservatórios apresentou, entretanto, marcante expansão no final do século XIX e, especialmente, no século XX, como decorrência do desenvolvimento tecnológico, urbano e industrial. Aqueles destinados à geração hidrelétrica começaram a ser construídos a partir da década de 1880. A crescente demanda por energia elétrica para as atividades industriais (no começo representado pelas fábricas de tecido, processamento de produtos agrícolas, mineração) e de iluminação pública (a lâmpada havia sido inventada em 1879), foi inicialmente suprida por termoelétricas e, mais tarde, por fontes hídricas (AGOSTINHO et al; 2007, p.41).

Cada vez mais estudos foram realizados tanto sobre construção de barragens, utilização da água, consequências, impactos e, sobretudo, criação de novas estratégias de conservação ambiental. A tecnologia se tornou a grande ferramenta para análises e monitoramento das potencialidades de caráter social, econômico e natural.

Grande parte dos recursos energéticos do país se localiza em regiões pouco desenvolvidas, distantes dos grandes centros consumidores e com fortes restrições ambientais. Promover o desenvolvimento econômico dessas regiões, preservar a sua diversidade biológica e garantir o suprimento energético de regiões mais desenvolvidas são alguns dos desafios da sociedade brasileira. Torna-se, portanto, fundamental o conhecimento sistematizado da disponibilidade de recursos energéticos, das tecnologias e sistemas de aproveitamento e das necessidades energéticas setoriais e regionais do país (ANEEL, 2014, s.p.).

É crescente o número de usinas hidrelétricas no país, ao analisar os dados da ANEEL fica explícita a construção de projetos e a propagação de novas usinas ao longo do país.

Tabela 1 - Número de Usinas Hidrelétricas no Brasil no ano de 2003

Faixa de Potência	Número de usinas	Potência	
		MW	%
UHE (acima 30 MW)	139	69.563	98,40
PCH (de 1 até 30 MW, inclusive)	230*	1.048	1,48
CGH (até 1 MW, inclusive)	148	81	0,12
Total	517	70.693**	100

Fonte: AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA – ANEEL, 2014

Já em 2003, no Brasil, o total de hidrelétricas compunha um total de 517 unidades, assim a contribuição da energia hidráulica ao desenvolvimento econômico do país tem sido expressiva. Tanto na abordagem das diversas vertentes da economia – industrial, agrícola, comercial e de serviços, ou da própria sociedade como um todo. “Também desempenha papel importante na integração e desenvolvimento de regiões distantes dos grandes centros urbanos e industriais” (ANEEL, 2014).

A participação da energia hidráulica na matriz energética nacional é da ordem de 42%, gerando cerca de 90% de toda a eletricidade produzida no país. Apesar da tendência de aumento de outras fontes, devido a restrições socioeconômicas e ambientais de projetos hidrelétricos e os avanços tecnológicos no aproveitamento de fontes não-convencionais, tudo indica que a energia hidráulica continuará sendo, por muitos anos, a principal fonte geradora de energia elétrica do Brasil. Embora os maiores potenciais remanescentes estejam localizados em regiões com fortes restrições ambientais e distantes dos principais centros consumidores, estima-se que, nos próximos anos, pelo menos 50% da necessidade de expansão da capacidade de geração seja de origem hídrica (ANEEL, 2014, s.p.).

Contudo, é notória que a exploração de energia hidráulica ainda será a fonte de muito desenvolvimento para o país. Haverá a busca constante de novos investimentos tangíveis e intangíveis, mensuráveis ou não, no aprimoramento desses recursos. A forma integrada do todo, principalmente observando a condutos

dos impactos gerados e administrados fará essa renda de desenvolvimento passível de manutenção de ganhos e perdas sociais. Há o fardo cultural intransigente nas relações que perpetuarão ao longo dessas usinas.

3 MÉTODO

Para desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado o método de pesquisa de campo na busca de coletar maior informação sobre tópicos específicos dos artefatos culturais propriamente ditos.

A metodologia que orientou os passos da pesquisa foi o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Inventário Nacional de Referências Culturais instituídos pelo Decreto 3551/00 - IPHAN.

Os registros de cultura são atualmente valorizados, porém estudos novos exploram a construção de instrumentos de identificação do patrimônio intangível (IPHAN, 2015).

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa foi de campo em sua técnica, exploratória em seu objetivo, qualitativa em sua abordagem e seguiu num processo de coleta de dados e num recorte geográfico. “Já dentro do campo há dois instrumentos importantes de coleta de dados. São eles as entrevistas abertas e em profundidade e a observação participante” (TRAVANCAS, 2006, p. 102).

O tipo de pesquisa é exploratória por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com levantamento de dados qualitativos. Na visão de Bauer (2010) a pesquisa qualitativa lida com as questões sociais e seus aprofundamentos, é a interpretação das realidades.

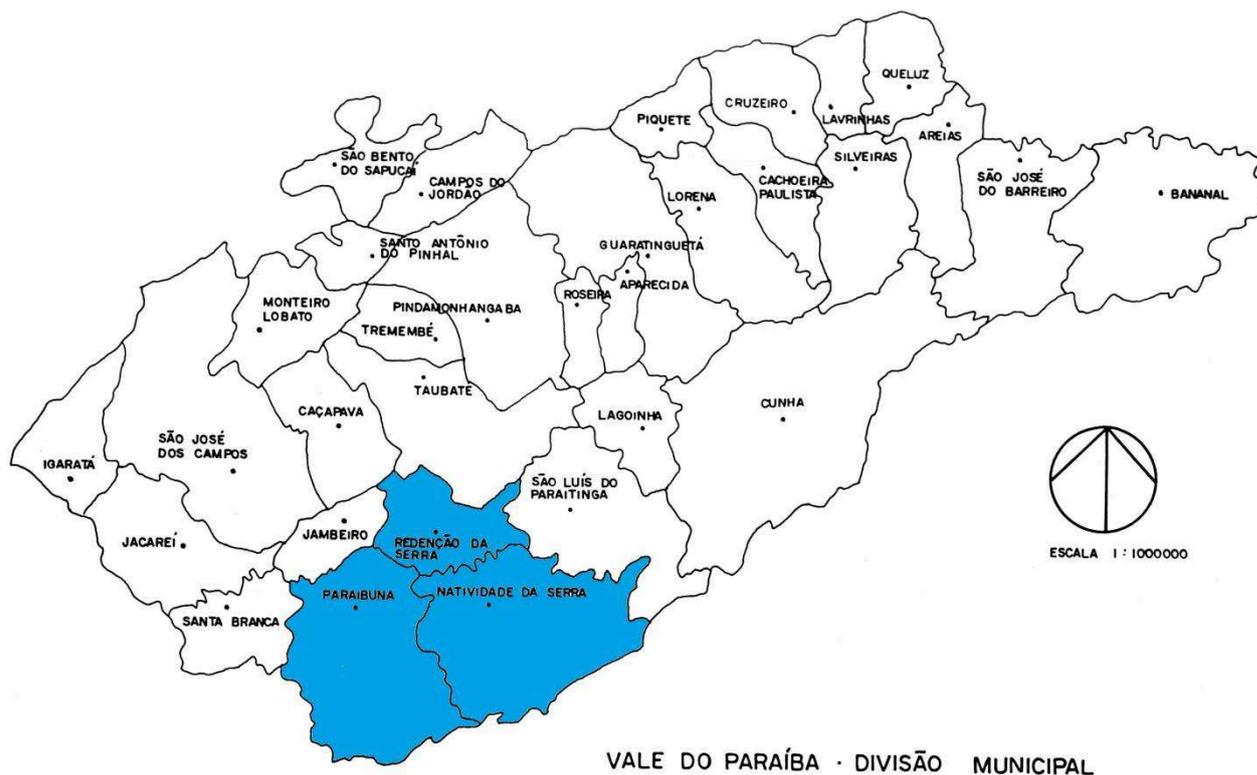
A pesquisa exploratória é o aprofundamento de um tema específico, até então não tão explorado e delineado, principalmente no campo social. Já a pesquisa qualitativa visou analisar o conteúdo psicossocial com certo aprofundamento de análise sem colocar o foco nos números estruturados. A investigação qualitativa analisou o discurso e as histórias de vida (DEMO, 1994).

O procedimento do método foi etnográfico, ou seja, descrição de aspectos de um povo ou civilização pré-determinada pelo recorte geográfico levando em consideração a inserção do pesquisador no local e vivência do entrevistado (TRAVANCAS, 2006).

3.2 Área de Realização

A pesquisa foi realizada na área de influência da Usina UHE – Paraibuna, considerando o critério de amostragem não probabilística sempre ponderando os bairros rurais, povoados, municípios e distritos. Os municípios em estudo foram: Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra.

Figura 2 - Área da aplicação da pesquisa – Natividade da Serra, Redenção da Serra e Paraibuna



Fonte: Adaptado de <http://parahybna-svper-flvmina.blogspot.com.br/2009/02/paraibuna-e-as-cidades-do-vale.html>, 2016

3.3 População e Amostra

A área de estudo foram as cidades lindeiras: Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra, com foco voltado para as pessoas que residem na área de influência direta da UHE – Paraibuna, ou seja, área do entorno da represa.

A amostra foi por técnica de amostragem não probabilística, assim os entrevistados foram escolhidos de maneira eventual dentro da área estabelecida. Para Mattar (1996) a amostragem não probabilística é aquela selecionada de maneira aleatória, assim, o recorte desse estudo focou os moradores da margem do lago. Não houve recorte de idade, sexo ou tempo de moradia.

3.4 Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada no qual as perguntas seguiram um roteiro, mas sem limitação estática de sua resposta. A metodologia seguiu a etnografia, ou seja, coube aqui todo o conteúdo e interpretação do próprio local e realidade vigente observados e relevados pelo pesquisador.

A etnografia permite a linguagem além das falas verbalizadas, é a observação contextualizada do entrevistado naquele momento, realizando o viés entre o espaço e realidade que o cerca. É a análise e desmistificação de todo o conteúdo manifesto de sua narrativa.

Todas as informações compõem o cenário de análise, todos os conteúdos se tornam interessantes e importantes para a função de analisar os enredos, cabendo a observação de todos os componentes de sua visão de mundo. (TRAVANCAS, 2006). As falas são acompanhadas por toda uma situação deixando de ser a única informação num processo de análise e composição da teia da vivência do entrevistado em estudo.

3.5 Coleta de Dados

Os levantamentos foram realizados em campo, sempre pautando os critérios estabelecidos no Decreto 3551/00, considerando suas histórias, adaptação e evolução.

Houve um mapeamento existente nas prefeituras locais de bairros rurais, assim como em comunidades ou núcleos isolados, sempre considerando que são moradores das áreas de influência da UHE Paraibuna.

O Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética para análise e permissão de uso da Ficha de Registro de Inventário como instrumento da coleta de dados.

A coleta foi realizada no período de 20 de setembro de 2014 à 13 de fevereiro de 2015.

As entrevistas foram gravadas em áudio, depois redigidas e parametrizadas dentro do delineamento dos eixos de cultura pautados no Decreto 3551/2000 - IPHAN: religião / celebrações, alimentação, artefatos, rotina e lugares.

3.6 Análise de Dados

Os dados foram submetidos à análise qualitativa de aprofundamento dos temas. Os resultados foram discutidos, levando-se em consideração a literatura especializada na área de linha dirigida segundo os autores e critérios do IPHAN, embora não seja aplicado o inventário modelado pela mesma instituição.

Os dados foram analisados quanto a taxonomia e regiões, num processo de caracterização das diversas manifestações culturais imateriais, contudo os manuseios de dados seguirão a subjetividade do tema e não foi apoiado em estatística local.

Foi realizado o levantamento bibliográfico relativo a cada tipo de manifestação para que possa indicar as características comuns e a particularidade regional de cada manifestação identificada, formando assim as tipologias.

Com as tipologias alinhadas em critérios, os grupos de adequação foram formados na busca quantitativa de dados específicos de cada localização e conceitos.

As especificações das tipologias de cultura imaterial foram analisadas segundo os critérios do Decreto 3551/ 2000:

Quadro 1 - Tipologias do patrimônio imaterial

TIPOLOGIAS	DADOS E INFORMAÇÕES ANALISADAS
Saberes	Conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades como o manuseio da terra, pesca, atividades laborais e artefatos de trabalho;
Formas de expressão	Manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas. Músicas, danças e escritas.
Celebrações	Rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social. Orações coletivas e individuais, objetos, rituais, encontros, missas e dias santos.
Lugares	Santuários, igrejas, feiras, comércios e locais específicos.

Fonte: Adaptado de IPHAN, 2015

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segue resultado dos estudos apresentados sobre a cultura imaterial vigente em cada município limdeiro da UHE – Paraibuna, tendo como base estrutural as normas regulamentadoras do IPHAN.

O Brasil, no seu aglomerado cultural, norteia-se pelas condutas e normas do IPHAN. Toda conduta tem como órgão regulador o Instituto que age desde o processo educacional até a punição de ações transgressoras contra o patrimônio.

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Cabe ao IPHAN proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. (IPHAN, 2015, s.p.)

4.1 IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Pelo Decreto nº 24.735 de 1934 foi implantado oficialmente no Brasil o primeiro órgão com a finalidade de zelar e preservar a história nacional através de monumentos e iniciação do arquivo histórico de patrimônios, ou seja, a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IPM). Neste período a preocupação vigente que inspirou a necessidade ao Poder Executivo em assegurar tal fato por decreto foi impedir que objetos antigos que referências sem a história brasileira, saíssem de país num processo de comercialização de antiguidades, assim como a expansão da reforma urbana que poderia acabar com as edificações históricas monumentais.

Em treze de janeiro de 1937, da Organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública, o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil decreta a Lei nº 378, onde fundamenta o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), com a finalidade de promover, em todo o país e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional (IPHAN, 2014).

Na consecutiva busca de preservação, o Decreto Lei nº 25, datado em 30 de novembro de 1937, fundamenta a organização do patrimônio histórico e nacional. O serviço pertencente a este Decreto sinaliza disposição de tombamentos, sua sistematização e efeitos (IPHAN, 2014).

De acordo com a descoberta de novas necessidades e cuidados com a preservação dos patrimônios culturais, os serviços e institutos foram se adequando num processo evolutivo até ser o IPHAN nos dias atuais (IPHAN 2014):

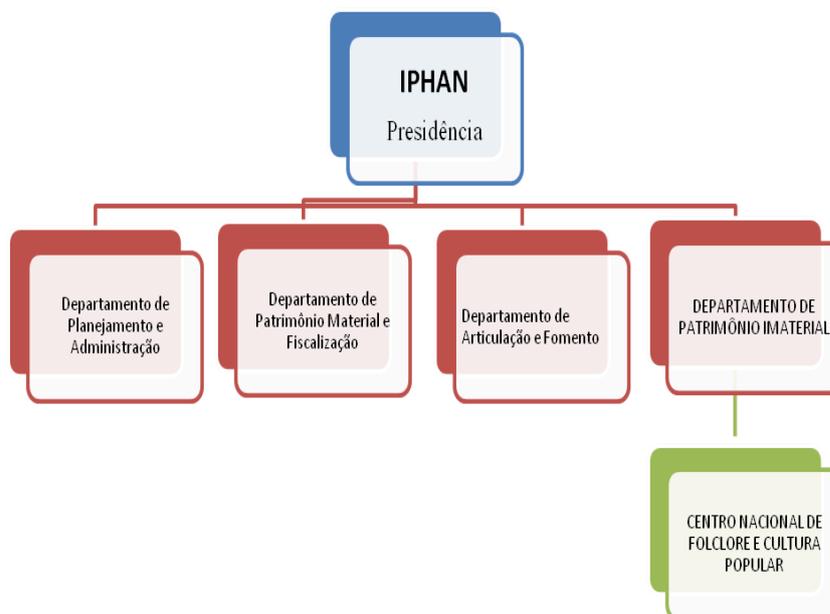
Quadro 2 - Apresentação das Instituições Governamentais e Leis que provêm a conservação do Patrimônio Cultural

• 1934 - Criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais (IPM).
• 1936 - Criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
• 1937 - Decreto-Lei nº 25 regulamenta as atividades do SPHAN.
• 1946 - O SPHAN tem o seu nome alterado para Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN).
• 1970 - O DPHAN é passa a ser nomeado como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
• 1979 - O IPHAN é dividido em SPHAN (Secretaria), na condição de órgão normativo, e na Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM), como órgão executivo.
• 1990 - A SPHAN e a FNPM foram extintas para darem lugar ao Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC).
• 1994 - Medida Prvisória nº 752 transforma o IBPC em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Fonte: Adaptado de IPHAN, 2014

“O IPHAN está presente nos estados e municípios, atuando pela preservação e dando apoio às comunidades” (IPHAN, 2014). Existem unidades espalhadas por todo o Brasil. Um Departamento exclusivo administra e realiza pesquisa sobre o Patrimônio Imaterial, centralizando as pesquisas e inventários:

Figura 3 - Recorte do Organograma do IPHAN



Fonte: Adaptado de IPHAN, 2014

Na portaria nº 92, de 5 de julho de 2012, 2º Artigo, fica explícito que:

O IPHAN tem como missão promover e coordenar o processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro visando fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico do País (IPHAN, 2014,s.p.).

A finalidade do IPHAN é a atuação direta com a população e seu enraizamento cultural pautado na forma direcionada e científica de proteger a história e identidade, além de promover o desenvolvimento buscando o foco nas particularidades de cada região.

Um dos principais enfoques do IPHAN é atuar no processo educacional da cultura promovendo ações constantes junto às instituições que acionem a preservação e cuidados para com a história nacional. São seis pilares de fundamentação de toda a estrutura do IPHAN (IPHAN, 2014):

- Banco de Dados de Bens Culturais Registrados (BCR);
- Banco de Dados de Consulta e Bens Culturais Procurados;
- Sistema de Acompanhamento e Cadastramento (SACCTA);
- Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão;
- Sistema de Gerenciamento de Patrimônio Arqueológico;

- Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIC);

A primeira ação do IPHAN foi trabalhar a questão do levantamento de bens materiais existentes no Brasil e sua localização geográfica, tal preocupação até hoje fundamenta a situação de pesquisa e organização de inventários promovidos e mantidos pelo Instituto, tanto que em 1937 há o Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro, que determina a criação de quatro livros: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Livro do Tombo Histórico, Livro do Tombo das Belas – Artes e Livro dos Tombos das Artes Aplicadas (IPHAN, 2014).

É passível de observação que o IPHAN continua na missão de registrar a cultura brasileira em toda a sua dimensão constituindo um processo educacional e monumentos. O registro constante e a averiguação de dados atuam diretamente na perpetuação da forma de fazer e os devidos locais de realização cultural, fato notório no registro de bens patrimoniais.

“Preservar o patrimônio não é apenas olhar para o passado, mas pensar nas coisas que devem fazer parte do futuro” (IPHAN, 2014, s.p.).

4.2 Leis do Patrimônio Cultural

O cuidado em preservar no Brasil é relativamente novo, o primeiro indício de proteger a memória cultural se deu em 1937 com a intenção de se proteger as “artes” do Brasil. Tal ordem veio ao encontro aos vandalismos que o patrimônio cultural arquitetônico sofria nesse período. A lei é oriunda do anteprojeto de Mario de Andrade e sua intenção foi resguardar a totalidade dos bens culturais do patrimônio brasileiro chamando-os de “obras de arte”. Em seu projeto, o autor agrupava as obras em oito categorias: arte arqueológica, arte ameríndia, arte popular, arte histórica, arte erudita nacional, arte erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e artes aplicadas estrangeiras. Compreende-se então toda e qualquer expressão do homem em suas manifestações assim como os artefatos (LEMOS, 2000).

Ainda em 1937, depois do golpe político de Getúlio Vargas, veio o Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro, que promoveu o primitivo SPHAN, onde se define oficialmente o Patrimônio Histórico Nacional como sendo o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (LEMOS, 2000, p.42-43).

Outros pontos isolados de preservação são observados no Brasil como o caso da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, que teve um decreto em 1933 do Governo Provisório federal para seus patrimônios serem preservados.

A Constituição de 1988, em seus artigos 215 e 216, o Estado garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, apoia e incentiva a valorização e a difusão das manifestações culturais. Ressalta sobre a qualificação da mão de obra na gestão da cultura em suas múltiplas dimensões. O artigo 216 visa o patrimônio material e imaterial e o qualifica como portador de referência a identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo: as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (IPHAN, 2013).

Nos artigos 215 e 216, a Constituição reconhece a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, além de estabelecer as formas de preservação desse patrimônio: o Registro, o Inventário e o Tombamento (IPHAN, 2015,s.p.).

A própria Constituição de 1988 prevê o levantamento de informações como o precursor do processo patrimonial na busca de democracia e garantias individuais, o cuidado com o patrimônio remete ao zelo por sua própria história e enredo, tal fato no resgate de ideais e reorganização política saliente na época.

Em 2000, o Decreto nº 3.551 viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural, concomitantemente há o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).

Outros decretos e leis foram com o tempo abastecendo de cuidados a patrimônio cultural material e imaterial ao longo do país, isso é muito notório em cidades como Paraty / Rio de Janeiro, estado do Amazonas e Minas Gerais.

Uma política de salvaguarda mais delineada e sistemática foi implementada pelo IPHAN com a criação do Departamento do Patrimônio Imaterial em 2004, que teve três diretrizes básicas regulamentadoras onde a política visa a produção de inventários e registros, além de medidas de apoio e fomento que visem garantir o status e o suporte econômico: a) investir no mapeamento, inventário e documentação para conhecer toda a diversidade cultural do país; b) melhorar as condições sociais,

materiais e ambientais forneçam a continuidade desses patrimônios; c) investir em estruturas e capacitações institucionais que garantam a continuidade desses bens culturais (IPHAN, 2014).

Essas diretrizes explicitam o desejo de manter o conhecimento e a reprodução dos bens culturais em todas as suas dimensões do patrimônio. O reconhecimento e a educação acabarão por promover a salvaguarda da memória e da origem.

São leis, decretos, portarias e normas que asseguram o direito da cultura em seu formato mais aberto de aplicabilidade, os dados do IPHAN (2014) revelam que há atualmente: 27 leis, 33 decretos, 40 portarias e outras normas e resoluções que buscam a seguridade da preservação cultural.

Proteger as marcas que identificam a cidade, sua história e sua gente acabou por se tornar um dos papéis fundamentais do IPHAN (2014).

Em 2015 o IPHAN enfatiza o Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético (CTA) como uma nova abordagem legislativa de proteção e base de estudo a povos indígenas e comunidades tradicionais.

Conhecimento Tradicional Associado (CTA) é a informação ou prática, individual ou coletiva, de povo indígena, povo ou comunidade tradicional, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético. O acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais associados é objeto de autorização estatal, para fins de pesquisa científica, bioprospecção ou desenvolvimento tecnológico, com vistas a sua aplicação industrial ou de outra natureza (IPHAN, 2015, s.p.).

A medida Provisória nº 2.186 – 16, de 23 de agosto de 2001 especifica que o conhecimento tradicional atrelado ao patrimônio genético integra o patrimônio cultural brasileiro e poderá ser objeto de cadastro dentro das normas do IPHAN (IPHAN, 2015).

Povos indígenas e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tal, possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição, conforme reconhecido na Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e no Decreto nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). (IPHAN, 2015 s. p.)

Em outubro de 2015 constam no site do IPHAN (2015) vinte processos de solicitação de autorização do CTA, observa que todos são provenientes de

instituições de estudos e análises, ou seja, o caráter educacional mostra-se cada vez mais envolvido com o desenvolvimento, defesa e cuidado com o patrimônio cultural.

4.2.1 Decreto nº 3551/ 2000

Em 04 de agosto de 2000, o Decreto nº 3551, regulamentou o Registro de Bens Culturais Imateriais formatando critérios próprios de observação e análise no processo de inventariar, documentar, produzir conhecimento e apoiar a dinâmica dessas práticas sociais e culturais (IPHAN, 2014).

A valorização de uma cultura inicia-se quando o olhar é voltado para ela com a intensidade do saber e sua propagação. A cultura imaterial passa a ser motivo de estudo e sistematização, novos olhares são voltados nesse infinito jeito de viver e conviver entre o homem e o meio.

O Decreto nº 3551 de 04 de agosto de 2000, traz em seu texto de forma clara e explícita as considerações sobre cultura imaterial:

Considerando que se entende por bem cultural de natureza imaterial as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social;

Considerando que, para o efeitos desta Resolução, torna-se tradição no seu sentido etimológico de “dizer através do tempo”, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado (IPHAN, 2014, s.p.).

Segundo o IPHAN (2014) os bens culturais imateriais estão agrupados nas seguintes categorias:

1. Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.
2. Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.
3. Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social.
4. Lugares: marcadores, feiras, santuários, praças e demais espaços

Tais classificações definem os elementos pertencentes a cada grupo na busca de conservação do elenco patrimonial. A catalogação é o meio da sistematização dos “monumentos imateriais”, essa seleção permite o registro respeitando as esferas relativas.

4.2.2 Levantamento dos Bens Imateriais no Brasil

Atualmente são 37 bens registrados no Banco de Dados de Bens Culturais Imateriais em todo o Brasil, segue abaixo relação e devidas classificações (IPHAN, 2015):

Tabela 2 - Registro dos Patrimônios Imateriais seguindo a Classificação de 1335 / 2000 – IPHAN

CLASSIFICAÇÃO	LISTAGEM DE BENS CULTURAIS REGISTRADOS
SABERES	Ofício das Paneleiras de Goiabeiras
	Modo de fazer Viola-de-Cocho
	Ofício das Baianas de Acarajé
	Modo artesanal de fazer Queijo Minas, nas regiões do Serro e das Serras da Canastra e do Salitre
	Ofício dos Mestres de Capoeira
	Modo de fazer Renda Irlandesa – Sergipe
	Modo de Fazer Cuias do Baixo Amazonas
	Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí
	Ofício de Sineiro
	Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro
	Saberes e Práticas Associados aos Modos de Fazer Bonecas Karajá
EXPRESSÕES	Arte Kusiwa - Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajapã
	Samba de Roda do Recôncavo Baiano
	Jongo do Sudeste
	Carimbó
	Cavalo-Marinho
	Maracatu Nação
	Maracatu de Baque Solto
	Teatro de Bonecos Popular do Nordeste
	Frevo
	Tambor da Crioula do Maranhão
	Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo
	O toque dos Sinos em Minas Gerais
	Roda de Capoeira
	Rtixòkò: expressão artística e cosmológica do Povo Karajá
	Fandango Caiçara

CLASSIFICAÇÃO	LISTAGEM DE BENS CULTURAIS REGISTRADOS
CELEBRAÇÕES	Círio de Nossa Senhora de Nazaré
	Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás
	Ritual Yaokwa do Povo Indígena EnaweneNawe
	Festa de Santana de Caicó
	Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão
	Festa do Divino Espírito Santo de Paraty
	Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim
	Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó
LUGARES	Cachoeira de Iauaretê - Lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri
	Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani
	Feira do Caruaru

Fonte: Adaptado de IPHAN, 2015

Os patrimônios imateriais são diversificados em seu contexto, mas todos focam no cotidiano de uma determinada região ou corte cronológico. O IPHAN busca salientar o marco específico do simbólico na vida das pessoas. Não há como descaracterizar a forma com que as pessoas vivem ou se comunicam. Tudo se expressa, tudo se demonstra, tudo se “acultura”.

No material do IPHAN ainda se observa que há 24 processos de registro em andamento, são eles:

- a. Areruya
- b. Banho de São João
- c. Bico e Renda Singeleza
- d. Caboclinho
- e. Centenária Procissão do Senhor dos Passos
- f. Cocos do Nordeste
- g. Congadas de Minas
- h. Cultura do Boi-Bumbá de Parintins
- i. Festa do Divino da comunidade de Marmelada
- j. Festa de São Benedito de Aparecida
- k. Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha
- l. Literatura de Cordel
- m. Marujada de São Benedito
- n. Matrizes do Forró
- o. Modo de Fazer arte Santeira do Piauí

- p. Modos de Fazer Cuias do Baixo Amazonas
- q. Modo de Saber Fazer do Queijo Artesanal Serrano de Santa Catarina e Rio Grande do Sul
- r. Ofício de Raizeiras e raizeiros no Cerrado
- s. Ofício de Tacacazeira na Região Norte
- t. Pesca com arpão do Pirarucu – AP
- u. Processos e práticas culturais referentes à Canoa Caiçara
- v. Produção de doces tradicionais pelotenses
- w. Repente
- x. Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade

Os processos de registro de patrimônio imaterial são constantes e todos são voltados à participação direta de pessoas em suas ações mais simples e corriqueiras. O IPHAN acaba por pactuar diretamente na sociedade em sua forma mais primitiva de compartilhar e desenvolver saberes.

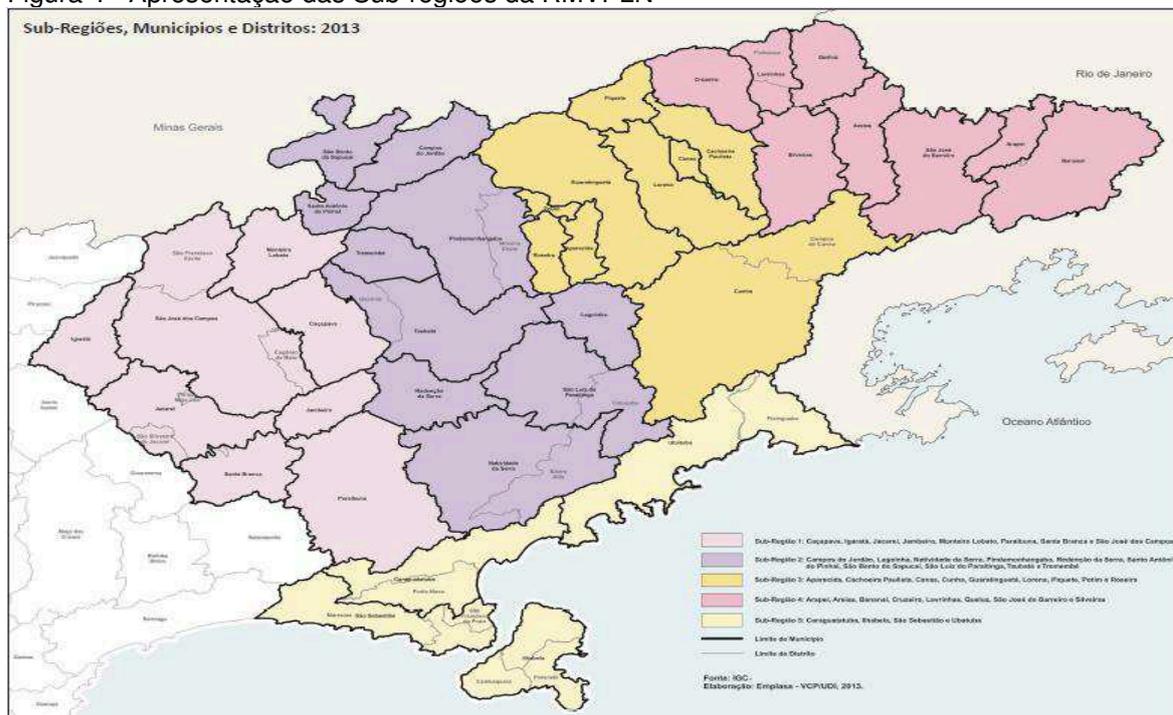
O Instituto pratica um canal direto com a população que o acessa para a comunicação de qualquer ação ou indicação de um patrimônio. As atualizações e cursos constantes partem do intuito educativo existente no IPHAN.

4.3 Localização Territorial da UHE – Paraibuna

4.3.1 RMVPLN

A RMVPLN é composta por 39 cidades e está estrategicamente situada entre as duas Regiões Metropolitanas mais importantes do País: São Paulo e Rio de Janeiro, toda sua extensão é cortada pela Rodovia Eurico Gaspar Dutra, de importância especial no escoamento da produção industrial realizando a acesso entre a Região Nordeste e o Sul do País. Tal acesso, facilitador de comunicação, foi um dos fatores decisivos para a industrialização e o avanço tecnológico do Vale do Paraíba (SÃO PAULO, 2013).

Figura 4 - Apresentação das Sub-regiões da RMVPLN



Fonte: São Paulo, 2013

Nos seus primórdios, a economia do Vale do Paraíba sempre esteve baseada na agricultura. Com a decadência do Período do Café e com a abertura da Via Dutra, as cidades que por ela foram margeadas buscaram novas alternativas econômicas e o desenvolvimento industrial. Nas áreas rurais e nas cidades mais afastadas, a cafeicultura deu lugar a pastagens e ao cultivo de arroz, milho e trigo. As antigas fazendas de café voltaram-se para o turismo rural e de aventura. Já as cidades situadas no entorno da Rodovia buscaram o desenvolvimento industrial que, embora lento, hoje é uma força econômica relevante. Seu desenvolvimento se deu em três fases absolutamente distintas, tendo como polos principais as cidades de Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá. Com a construção da Usina Siderúrgica Volta Redonda e a inauguração da Via Dutra, novos centros de desenvolvimento foram sendo criados, proporcionando o aparecimento das indústrias de grande porte. Hoje, a Região Metropolitana de Vale do Paraíba e Litoral Norte conta com um parque tecnológico dos mais desenvolvidos do País, absorvendo indústrias do porte da Johnson&Johnson, Ford, General Motors, Volkswagen, Nestlé, Ericsson, Villares, Basf, Monsanto, Avibrás, Mafersa, Liebherr, Basf, kaiser, LG, Embraer e National, entre outras, além de indústrias químicas, metalúrgicas, papel e celulose, têxteis e alimentícias. São José dos Campos constitui, hoje, o maior centro tecnológico da América Latina, contando com dois dos mais avançados centros de pesquisa: o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o Centro Técnico Aeroespacial (CTA) (SÃO PAULO, 2012, p. 34).

Os municípios que compõem a RMVPLN são: Aparecida (1), Arapeí (2) , Areias (3), Bananal (4), Caçapava (5), Cachoeira Paulista (6), Campos do Jordão (7), Canas (8), Caraguatatuba (9), Cruzeiro (10), Cunha (11), Ilhabela, (12)

Guaratinguetá (13), Igaratá (14), Jacareí (15), Jambeiro (16), Lagoinha (17), Lavrinhas (18), Lorena (19), Monteiro Lobato (20), Natividade da Serra (21), Paraibuna (22), Pindamonhangaba (23), Piquete (24), Potim (25), Queluz (26), Redenção da Serra (27), Roseira (28), Santa Branca (29), Santo Antonio do Pinhal (30), Santo Bento do Sapucaí (31), São José do Barreiro (32), São José dos Campos (33), São Luiz do Paraitinga (34), São Sebastião (35), Silveiras (36), Taubaté (37), Tremembé (38) e Ubatuba (39) (SÃO PAULO, 2013).

As cidades citadas compõem a RMVPLN por meio da Lei Complementar Estadual 1.166/2012 que vislumbrou o recorte territorial de cinco sub-regiões:

Quadro 3 - Apresentação das Sub-regiões da RMVPLN

Sub-região	Composição de cidades
1	Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos;
2	Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé.
3	Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira.
4	Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras.
5	Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

Fonte: Adaptado de São Paulo, 2012a

De acordo com o Quadro acima, a cidade de Paraibuna pertence a sub região 1, Redenção da Serra e Natividade da Serra a sub região 2. Algumas divergências podem ocorrer no atendimento direcionado a estas sub-regiões, pois os atendimentos são proporcionados por equipes e conselhos diferentes.

A região possui mais de 36% do seu território protegido por 24 Unidades de Conservação, perfazendo um total de aproximadamente 5 865 km²:

Figura 5 - Apresentação das Unidades de Conservação da RMVPLN

Unidades de Conservação			
Tipo	Nível	Denominação	Grau de Proteção ⁽¹⁾
Estação Ecológica - EE	Federal	Tupinambás	Proteção Integral
Estação Ecológica - EE	Federal	Bananal	Proteção Integral
Parque Nacional - PN	Federal	Serra da Bocaina	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Campos do Jordão	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Ilha Anchieta	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Ilha Bela	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Juquery	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Mananciais de Campos de Jordão	Proteção Integral
Parque Estadual - PE	Estadual	Serra do Mar	Proteção Integral
Área de Proteção Ambiental - APA	Federal	Bacia do Rio Paraíba do Sul	Uso sustentável
Área de Proteção Ambiental - APA	Federal	Serra da Mantigueira	Uso sustentável
Área de Proteção Ambiental - APA	Estadual	Campos do Jordão	Uso sustentável
Área de Proteção Ambiental - APA	Estadual	Sapucaí Mirim	Uso sustentável
Área de Proteção Ambiental - APA	Estadual	Silveiras	Uso sustentável
Área de Relevante Interesse Ecológico -ARIE	Estadual	Pedra Branca	Uso sustentável
Área Natural Tombada - ANT	Estadual	Ilhas do Litoral Paulista	Não Classificada
Área Natural Tombada - ANT	Estadual	Núcleo Caiçara de Pissinguaba	Não Classificada
Área Natural Tombada - ANT	Estadual	Serra do Mar e de Paranabiaca	Não Classificada
Área Sob Proteção Especial - ASPE	Estadual	Centro de Biologia Marinha (CEBIMAR)	Não Classificada
Área Sob Proteção Especial - ASPE	Estadual	Costão de Boissucanga	Não Classificada
Área Sob Proteção Especial - ASPE	Estadual	Costão do Navio	Não Classificada
Área Sob Proteção Especial - ASPE	Estadual	Roseira Velha	Não Classificada
Terra Indígena	Federal	Boa Vista do Sertão do Prumirim	Não Classificada
Terra Indígena	Federal	Guarani do Ribeirão Silveira	Não Classificada

Fonte: Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo, São Paulo. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2000.

(1) Lei Federal Nº 9.985/00

Fonte: SÃO PAULO, 2012a

As unidades de conservação contribuem na preservação do Patrimônio Histórico Material, onde ressalta os cuidados, se tornando, na maioria das vezes pontos de turismo e educação patrimonial.

A atuação do CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - está interligada ao trabalho desenvolvido pela Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH), uma das Unidades da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. A UPPH foi criada pelo Decreto Estadual nº 50.941, de 5 de julho de 2006, e tem por atribuições dar apoio técnico e administrativo ao CONDEPHAAT (CONDEPHAAT, 2014, s.p.).

Por meio do Condephaat torna-se passível de observação os patrimônios tombados na RMVPLN, sendo estes como o

[...] conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (IPHAN, 2014, s.p.).

Tabela 3 - Apresentação de tombamentos da RMVPLN

Sub-Região	Número de Cidades	Número de tombamentos
1	8	9
2	10	16
3	9	10
4	8	13
5	4	18
TOTAL DE SUB-REGIÕES: 5	TOTAL DE CIDADES: 39	TOTAL DE TOMBAMENTOS: 66

Fonte: elaborado pelo autor com dados do CONDEPHAAT (2014)

Observa-se que num total de 39 municípios há um total de 66 tombamentos distribuídos numa faceta de 5 sub-regiões. A sub-região 5 é caracterizada pelo Litoral Norte, ou seja, Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba, sendo em sua maioria tombamentos paisagísticos como ilhas, ilhotas e serra.

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte tem um rico patrimônio histórico-cultural e arquitetônico, além de função turística destacada de alcance nacional. Os municípios polarizadores de atividades socioculturais arquitetônicas e de turismo na região são: Jacareí, São José dos Campos, Taubaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Lorena, Cruzeiro e Aparecida do Norte. Dotados de uma infraestrutura mais dinâmica, possuem museus, arquivos, bibliotecas, teatros, fundações culturais, cinemas, grandes centros comerciais e uma gama variada de segmentos de turismo. O patrimônio histórico-cultural e arquitetônico encontra-se também espalhado pelas cidades do Vale Histórico, exibindo fazendas que passaram pelos principais ciclos econômicos do País. Cabe ressaltar o grande potencial para o turismo ecológico e de contemplação, com destacada função de preservações ambiental e paisagística. Em termos de celebridades nacionais, a região metropolitana contribuiu com grandes vultos da história, literatura e cinema, como: o presidente Rodrigues Alves, Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo e Mazzaropi, apenas para exemplificar (SÃO PAULO, 2012a, p. 101).

A região é constituída por muitas histórias, lendas, danças, culturas miscigenadas numa alegoria de folclore e festas. Sua caracterização religiosa funde comportamentos voltados a rituais e hierarquias definidas na sociedade. Também apresenta um amplo leque culinário marcado pelas fusões: mineira, afro descendente, tropeiro e português. As tradições cercam a cultura de forma intrínseca e visceral, a ponto de não conseguir destacar as partes na conduta rotineira.

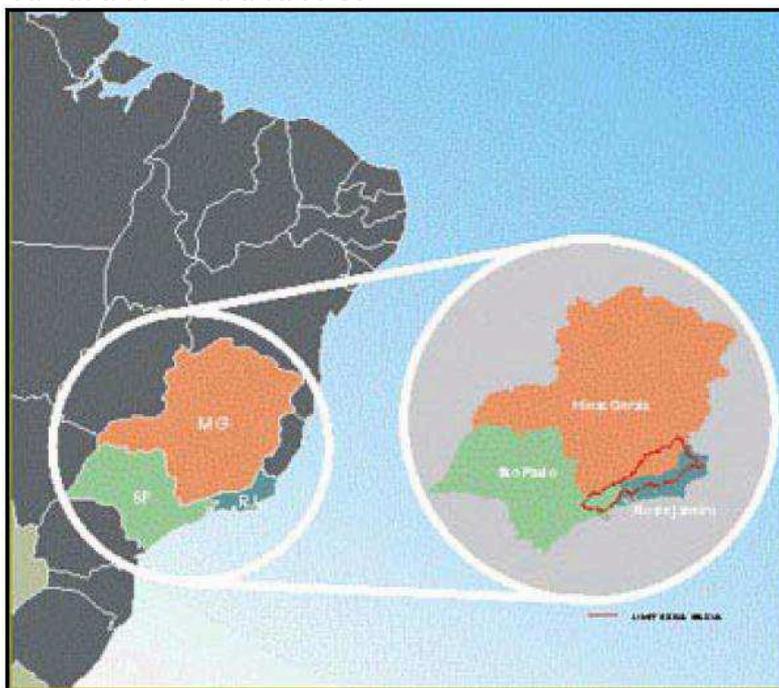
4.4 Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra

A área focada neste trabalho está situada na Bacia do Rio Paraíba do Sul, os municípios situados às margens do Reservatório da UHE são Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra (CESP, 1995), ou seja, as cidades diretamente influenciadas pela UHE Paraibuna.

O reservatório de Paraibuna está situado na cabeceira da bacia do rio Paraíba do Sul que se localiza na Região Sudeste do Brasil e ocupa uma área de, aproximadamente, 55.500 km² e envolve três Estados dos mais desenvolvidos do Brasil: São Paulo (13.500 km²), Minas Gerais (20.500 km²) e Rio de Janeiro (22.600 km²) (LIMA, 2010).

A Bacia abrange 180 municípios, sendo composto por 39 cidades no estado de São Paulo, 88 em Minas Gerais e 53 no Rio de Janeiro com uma população total de 5.6 milhões de pessoas que dependem de suas águas (SERRICCHIO, 2005)

Figura 6 - Localização da Bacia do rio Paraíba do Sul



Fonte: Ceivap 2001 apud SERRICCHIO, 2005

As três cidades possuíam até 1980 menos de quinze mil habitantes e a maioria de sua população sempre residiu em zona rural, tirando dela seu sustento, formação social e moldes culturais (SERRICCHIO, 2005).

Tais municípios contam com seu enredo dividido em dois momentos: antes e depois da construção da UHE Paraibuna. Os perfis das três cidades eram muito

semelhantes até a implantação da Usina, os fatos começam a mudar com as alterações particulares em cada cidade, por exemplo, os municípios de Redenção da Serra e Natividade da Serra tiveram sua zona urbana totalmente relocadas e Paraibuna não apresentou nenhuma relocação urbana, ou seja, em duas cidades há o rompimento de vínculos e corte estrutural do viés existente, o mesmo não ocorre em Paraibuna.

Segundo CESP (1992) o enchimento do reservatório inundou terras dos municípios de Natividade da Serra (perdeu 14%, ou seja, 120 km²), Paraibuna (perdeu 9%, ou seja, 70 km²) e Redenção da Serra (perdeu 6%, ou seja, 20 km²) de suas áreas totais.

4.4.1 Paraibuna

A UHE está localizada em Paraibuna. Este município está localizado na região geográfica denominada Alto Vale do Paraíba. Alto vale, porque está entre as montanhas da Mantiqueira e Serra do Mar. Em seus mais de setecentos quilômetros quadrados, encontra-se um rico manancial aquífero e muitos rios importantes em sua formação (CESP, 1995).

Em 13 de junho de 1.666 funda-se a primeira capela de Paraibuna em homenagem ao santo do dia. Tempos depois, com um número razoável de famílias, o Governador de São Paulo ordena a fundação de Santo Antônio da Barra do Parahybuna. A barra, a qual se refere, é onde o rio Paraibuna se encontra com o rio Paraitinga e se forma o rio Paraíba do Sul, onde se usava o y, em Parahybuna (CESP, 1995).

Em momento histórico posterior, Paraibuna passa a receber pequenos agricultores ao longo das estradas que se ligava com a capital para plantar roças de milho, feijão e mandioca, para oferecer pousada a tropeiros e mascates que vinham do sul de Minas Gerais e de São Paulo em direção ao litoral.

A produção e comércio de alimentos com as cidades vizinhas foi o grande responsável pela estabilidade econômica de Paraibuna por mais de cem anos, ciclo de progresso que começou a se extinguir no fim dos anos de 1960. Posteriormente, com o aumento da produção de café, abriram-se na cidade, nos bairros e estradas, muitos empórios de secos e molhados, vendas, armazéns. Paraibuna vê, ano a ano,

sua população crescer e a produção de alimentos aumentar cada vez mais (CESP, 1992).

A riqueza do café que se iniciou a partir de 1830, durou até 1929. Anos antes, esta produção de café havia aumentado demais, pois outros países começaram a também cultivá-lo; muita produção, pouco consumo. Já nos primeiros anos de 1930, começam a chegar na cidade os primeiros pecuaristas vindos de Minas Gerais, com o objetivo de criar gado de leite e ano a ano, foram chegando mais famílias oriundas, principalmente da região sul de Minas (CESP, 1995).

Com a construção da usina hidrelétrica local em meados dos anos de 1970, muitas das terras férteis de várzea dos rios Paraitinga e Paraibuna foram afogadas pela água do reservatório, e muitos bairros desapareceram ou tiveram suas terras inundadas como Varginha, Remédio, Barra, Escaramuça, Mata Onça e Comércio. Muitos agricultores e pecuaristas foram obrigados a abandonar suas propriedades. Tem início um processo de empobrecimento financeiro que repercute decisivamente no dia a dia da cidade, que conta com hoje com o turismo para revitalizar sua economia, preservar sua história e conseqüentemente melhorar a qualidade de vida de sua população (OLIVEIRA, 2014).

Paraibuna possui uma cultura particular, própria marcada pela Igreja Católica que sempre cercou a população com seus rituais, celebrações em forma de um gargalo moral na manifestação cultural.

Paraibuna é o município diretamente ligado à Rodovia dos Tamoios, ou seja, seu acesso é diretamente ligado ao litoral. Os municípios limítrofes são Jambeiro a norte, Redenção da Serra a nordeste, Natividade da Serra a leste, Caraguatatuba a sul, Salesópolis a sudoeste e Santa Branca a oeste. Somente vias rurais ligam Paraibuna à Redenção da Serra e Natividade da Serra, sendo que para se chegar à Natividade é necessário o uso de balsa, ou seja, o caminho foi atingido pela água.

A cidade referência de Paraibuna é São José dos Campos que acaba por suprir suas necessidades como saúde, educação e infraestrutura comercial.

A Igreja de Santo Antônio, padroeiro da cidade, marca o centro da cidade. Segundo relatos, todas as manifestações tinham sua contribuição nessa região.

Figura 7 - Igreja de Paraibuna



Fonte: http://seboparaibuna.blogspot.com.br/2009/09/fotos-antigas-de-paraibuna_03.html, acesso de 10 de outubro de 2015

As imagens confirmam que a cidade não teve sua zona urbana afetada pela construção da Usina UHE-Paraibuna. A região central não sentiu nenhuma movimentação física ocasionada pela construção da represa.

Figura 8 - Paraibuna em 2014



Fonte: Paraibuna, 2014, s.p

A região central da cidade não sofreu processo de inundação. As relações políticas sociais desencadearam em contínua ordem não padecendo de intervenções. A rodovia dos Tamoios se localiza à margem da cidade, ofertando seu movimento contínuo de acesso ao litoral.

4.4.2 Redenção da Serra

A cidade de Redenção da Serra foi fundada em três de maio de um mil oitocentos e setenta e sete; no início do século XIX um casal de sertanistas acompanhado de muito escravos fixou-se às margens do Rio Paraitinga e por lá se organizou em meios de vida.

Na abertura do caminho pela mata, um dos escravos desbravadores faleceu e para assinalar sua sepultura foi erguida uma grande cruz. Nesse local surgiu um vilarejo denominado Paiolino, por causa da existência de um paiol onde o linho, principal produto econômico da época, era armazenado. (REDENÇÃO DA SERRA, 2014 s.p.)

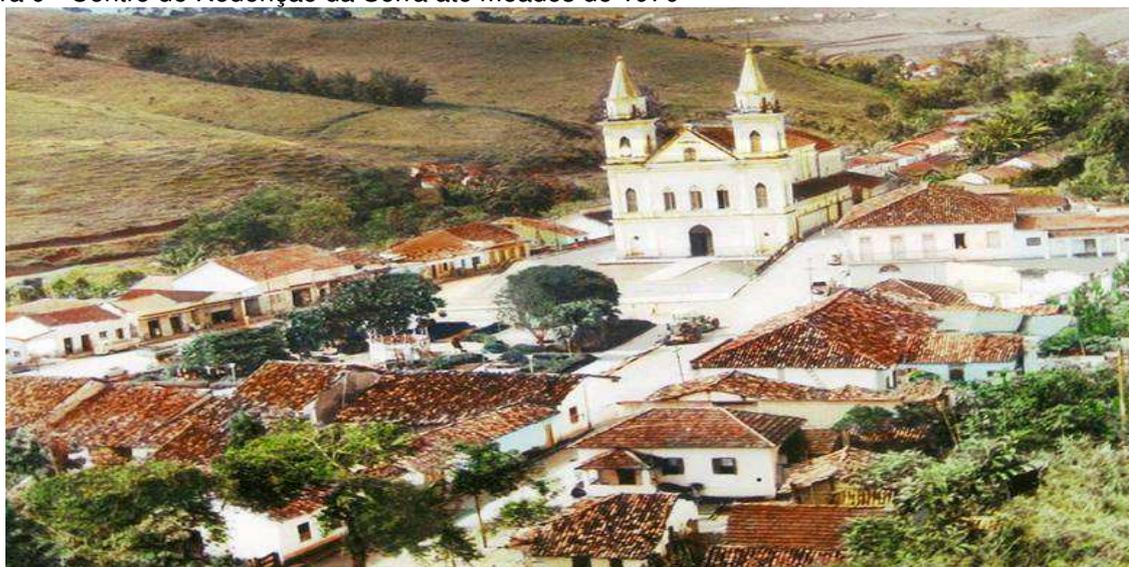
Com o tempo Paiolino foi se desenvolvendo concomitantemente com sua produção de café, “e no dia 24 de março de 1860 foi elevado à categoria de Paz segundo a Lei Provincial nº 3. Após 17 anos com a expansão agrícola levou Paiolino à categoria de Município com o nome de Redempção, segundo a Lei Provincial nº 33, de 8 de maio de 1877” (REDENÇÃO DA SERRA, 2014).

Tal nome de Redenção foi dado por ser a primeira cidade a adotar a Lei Áurea e abolir seus escravos em 13 de maio de 1888. O nome atual foi dado em 1953. Com a decadência do café o município passou a viver da agricultura em pequena escala e a produção de eucaliptos (CESP, 1997).

Com o enchimento do reservatório a cidade foi toda transferida para uma nova área fora da inundação.

[...] uma nova cidade iria surgir, o dia histórico desse recomeço foi 25 de agosto de 1975 quando ocorreu uma grande procissão conduzindo uma cruz de madeira, que percorreu o caminho entre a cidade velha e o novo local, onde seria construída a nova Redenção da Serra. A cidade ressurgiu como uma fênix das cinzas, e assim, foi-se construindo a nova Redenção da Serra, com muito sacrifício e esforço de um povo humilde e trabalhador, a cidade hoje, traz seus costumes e tradições em festas típicas e religiosas, realizadas durante todo ano. A mesma represa que há anos trouxe dor e tristeza, hoje é parte da beleza inigualável do município, e é parte do principal atrativo turístico de Redenção. (REDENÇÃO DA SERRA, 2014, s.p.)

Figura 9 - Centro de Redenção da Serra até meados de 1970



Fonte: Redenção da Serra, 2014, s.p

A imagem acima mostra a cidade de Redenção da Serra antes de sua remoção e a inundação proveniente da represa da UHE-Paraibuna. Observa-se a disponibilidade do centro do município com as casas em volta da Igreja Matriz e sem a presença da água em sua redondeza. A região era urbana, voltada ao catolicismo e agricultura. A disponibilidade da vizinhança foi uma construção ao longo do tempo e as ligações eram frutos das relações emocionais temporais.

Figura 10 - Redenção da Serra – Cidade Antiga antes do período da estiagem



Fonte: Redenção da Serra, 2014, s.p

A Figura acima mostra a Cidade Velha, como referenciam os moradores, antes do período da seca que teve início nos meados de 2014. Grande parte das casas e estradas que promoviam a mobilidade antes da UHE-Paraibuna ficava

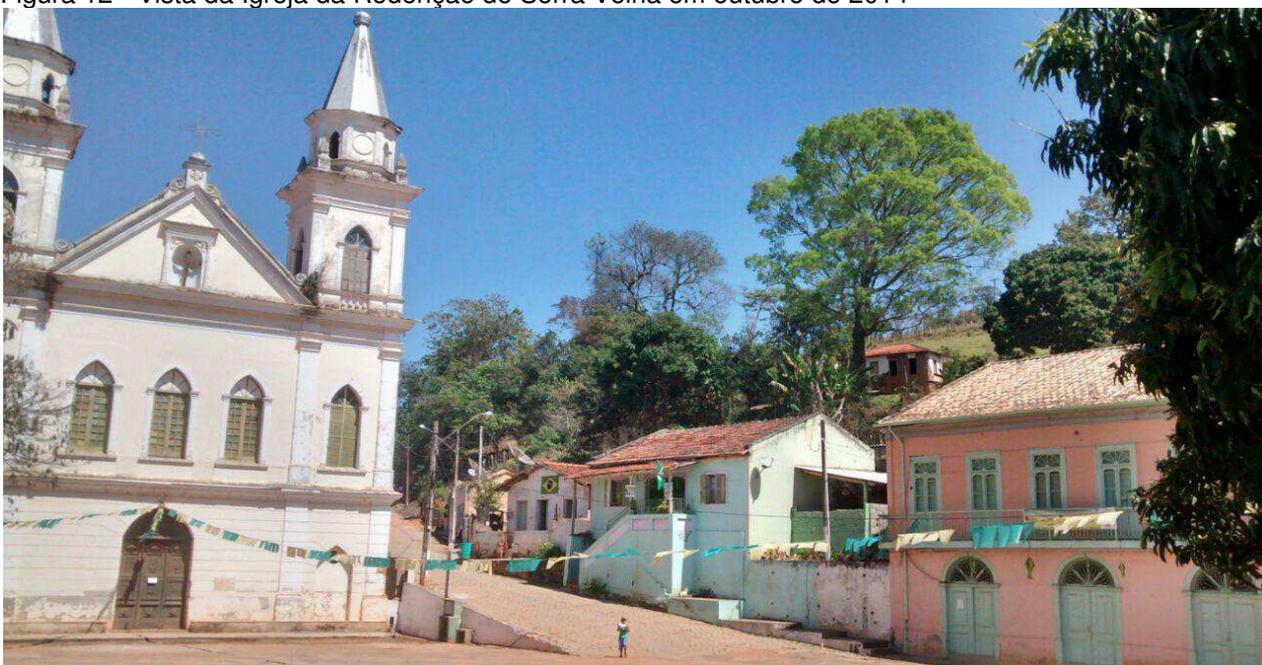
submersa. No momento da aplicação da pesquisa, Redenção da Serra se encontrava com os caminhos descobertos e novamente em uso pelos moradores. A ligação entre as cidades Velha e Nova era realizada pelo caminho proporcionado pela seca.

Figura 11 - Bairro Redenção da Serra Velha após a inundação e período da seca (outubro de 2014)



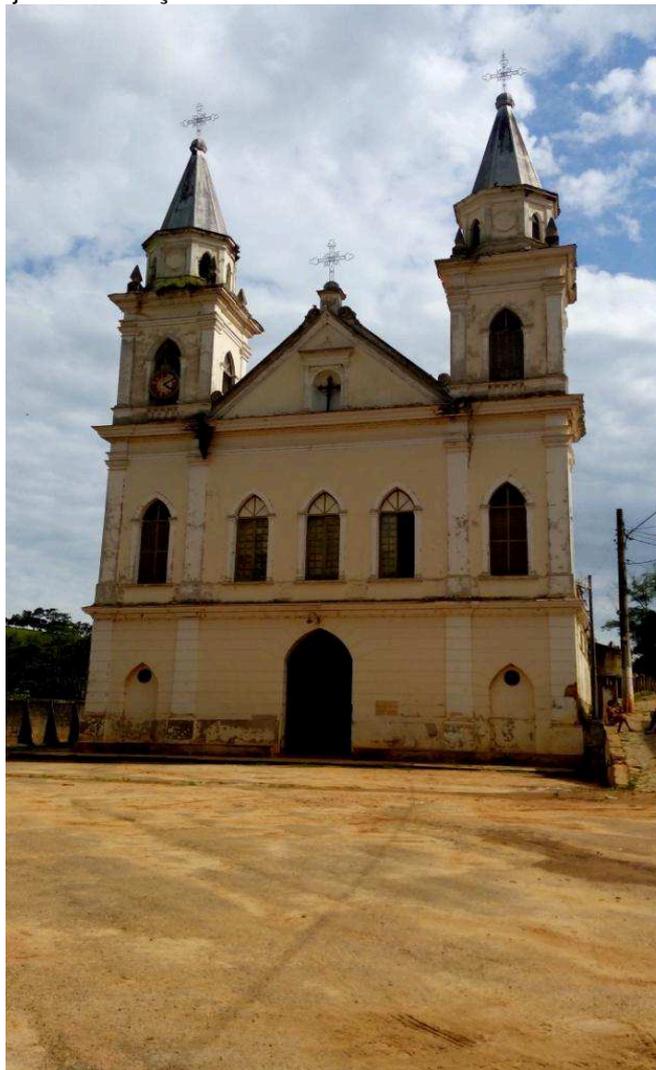
Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2014



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 13 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2015



Fonte: Acervo Pessoal

No entorno da Igreja as famílias conversam e as crianças brincam. Muitas famílias de Redenção Nova vão até à antiga Praça para conversarem e contarem os “causos”.

A memória fica intermitente entre o passado e o presente. As pessoas se dicotomizam nesse recorte temporal nas práticas entre antes e depois do fato da inundação.

Durante a visita realizada junto à CESP, muitas famílias se encontram em áreas pertencentes à União onde o Ministério Público decretou a desocupação dessa região. Segundo dados são por volta de 80 casas.

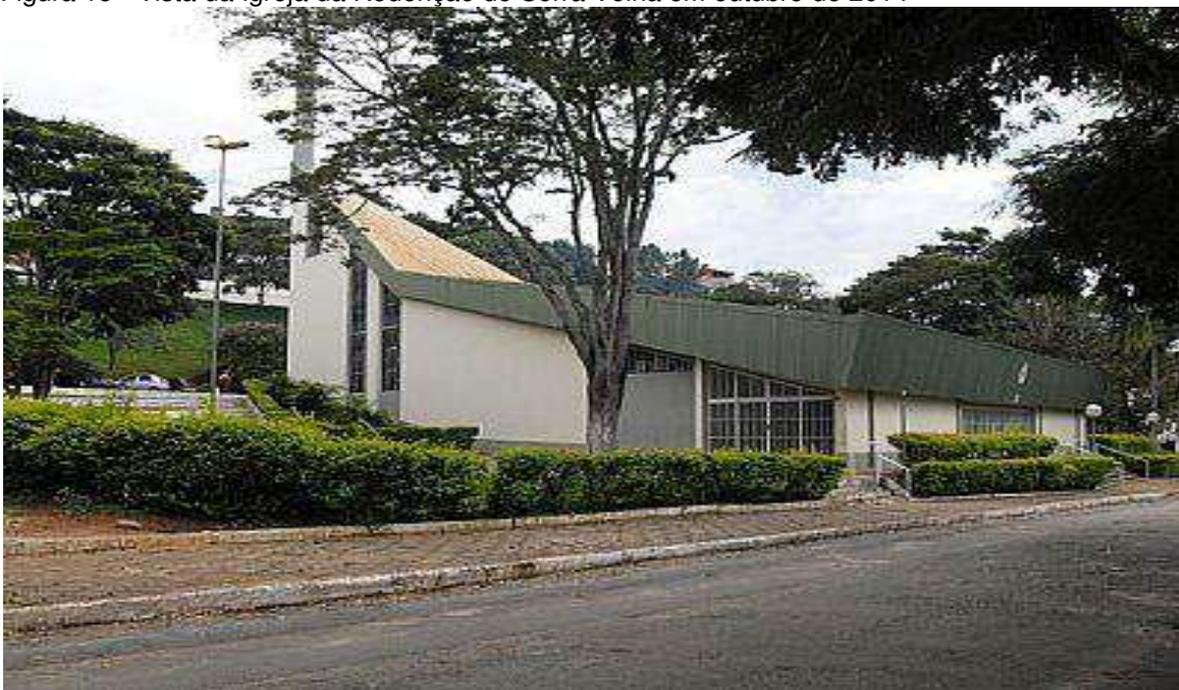
Figura 14 - Rua de Redenção da Serra Velha, rua destinada a desocupação das casas



Fonte: Acervo Pessoal

Estas casas foram notificadas a desocupação, pois as verbas de indenização já foram recebidas no processo de inundação da região.

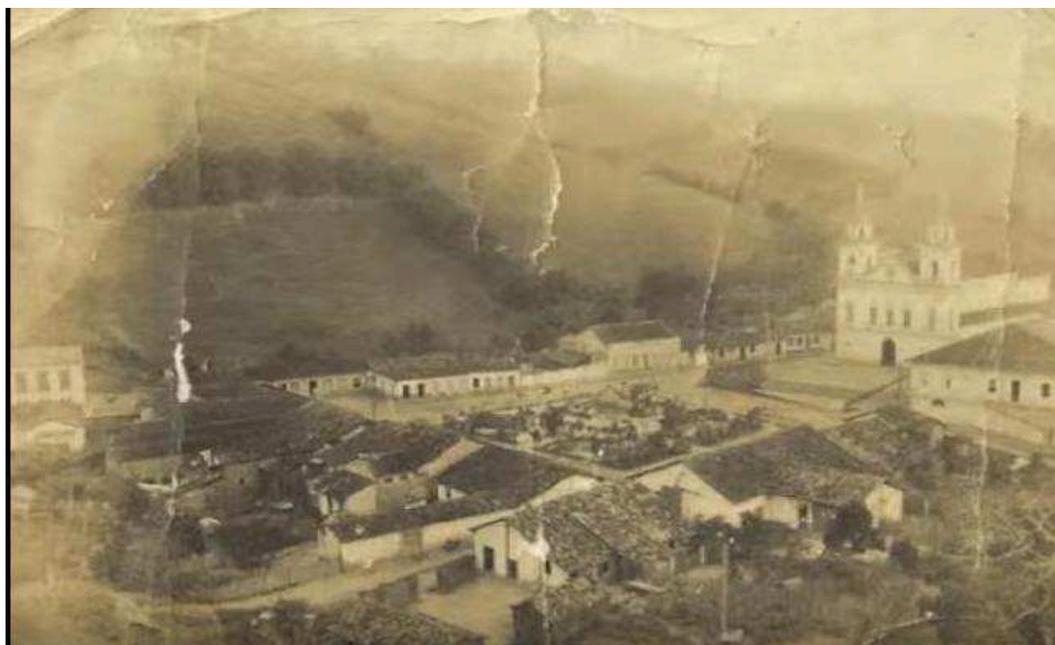
Figura 15 - Vista da Igreja da Redenção de Serra Velha em outubro de 2014



Fonte: Redenção da Serra, 2014, s.p

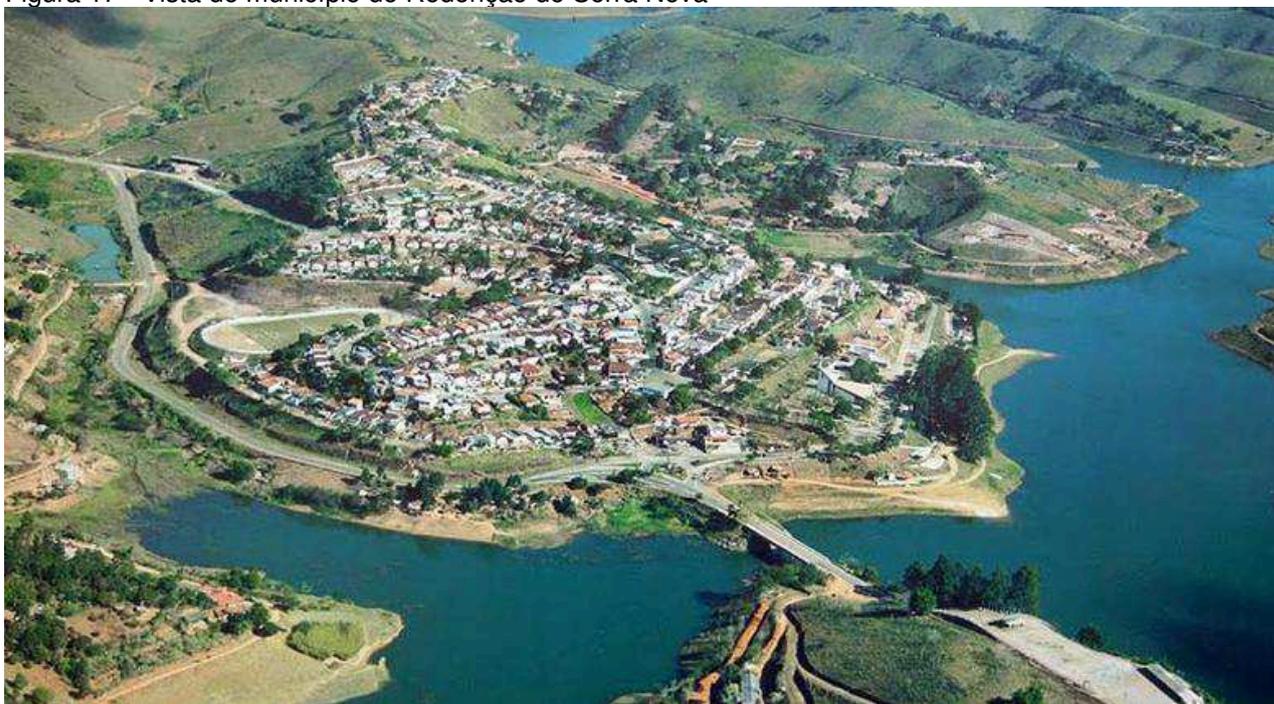
Na figura 15 está a imagem da atual Igreja de Redenção da Serra (nova), onde os moradores frequentam a igreja da cidade nova, mas usam a antiga igreja como referência de sua fé e catolicismo.

Figura 16 - Vista da cidade de Redenção de Serra Velha



Fonte: acervo de um entrevistado, 2014

Figura 17 - Vista do município de Redenção de Serra Nova



Fonte: Redenção da Serra, 2014, s.p

Essa imagem é de Redenção da Serra Nova, ou seja, a cidade relocada com a inserção da UHE-Paraibuna. Observa-se o envolto pelo espelho d'água, o lago se tornou e vizinho da cidade, e a água o mecanismo de transição. A recolocação da cidade foi promovida pela CESP junto à União.

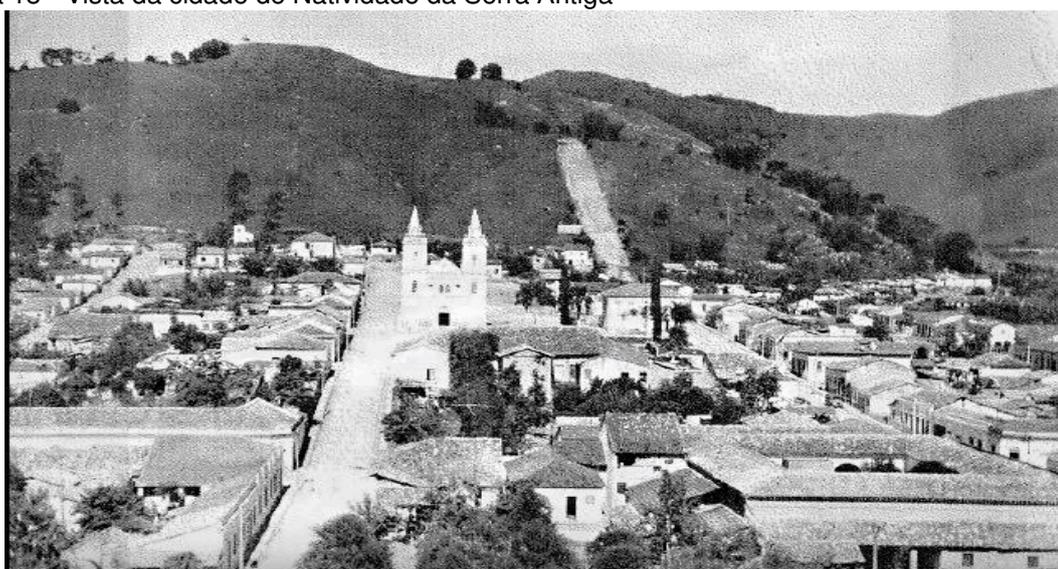
4.4.3 Natividade da Serra

A cidade de Natividade da Serra surgiu em vinte e nove de maio de um mil e oitocentos e cinquenta e três quando o Coronel José Lopes Figueira de Toledo instalou sua fazenda após conhecer a bela paisagem na procura de um escravo que havia fugido.

A acomodação de sua fazenda e empregados repercutiu num vilarejo chamado Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Peixe.

Em 24 de abril de 1858 foi elevada à categoria de Freguesia, sendo chamada de Nossa Senhora do Rio do Peixe. Mais tarde, em 18 de abril de 1863 foi incorporado à Freguesia um outro vilarejo que se formava conhecido como povoado de Nossa Senhora da Conceição e que hoje é o Bairro Alto. Com isso a Freguesia passou a categoria de Vila com o nome de Natividade e tendo como principal atividade econômica a pecuária e a agricultura de subsistência. Em 30 de novembro de 1944, recebeu o nome definitivo de Natividade da Serra, nome originário da Padroeira da cidade, Nossa Senhora da Natividade e, também devido a sua situação geográfica entre os contrafortes da Serra do Mar. (NATIVIDADE DA SERRA, 2014, s.p.)

Figura 18 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga



Fonte: acervo de um entrevistado, 2014

Figura 19 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga



Fonte: acervo de um entrevistado, 2014

A Felix Guisard veio para Redenção da Serra em 1913 e havia planos de construir uma Usina Hidrelétrica em Natividade da Serra para suprir o abastecimento de energia elétrica na região aproveitando as corredeiras do rio Paraitinga num local conhecido como Ponte dos Mineiros. Os planos foram anulados com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914 que impediu a chegada dos devidos maquinários para o Brasil (NATIVIDADE DA SERRA, 2014).

Passados 120 anos de sua existência, Natividade da Serra, sofreu uma enorme transformação e foi translada para um novo local, à aproximadamente um quilômetro adiante na rodovia que liga a cidade à Taubaté. Esta mudança foi em consequência do represamento do rio Paraibuna, rio Lourenço Velho, rio do Peixe e rio Paraitinga, para a construção da Usina Hidrelétrica de Paraibuna formando a represa da Companhia Energética de São Paulo (CESP) devido uma necessidade de atendimento sócio-econômico regional (NATIVIDADE DA SERRA, 2014, s.p.)

A União procedeu com à construção da UHE - Paraibuna, inundando quase 200% da área e das edificações da sede e parte da área rural. Na zona rural, o represamento das águas afetou as terras férteis, eliminando grande parte da agricultura de subsistência (NATIVIDADE DA SERRA, 2014).

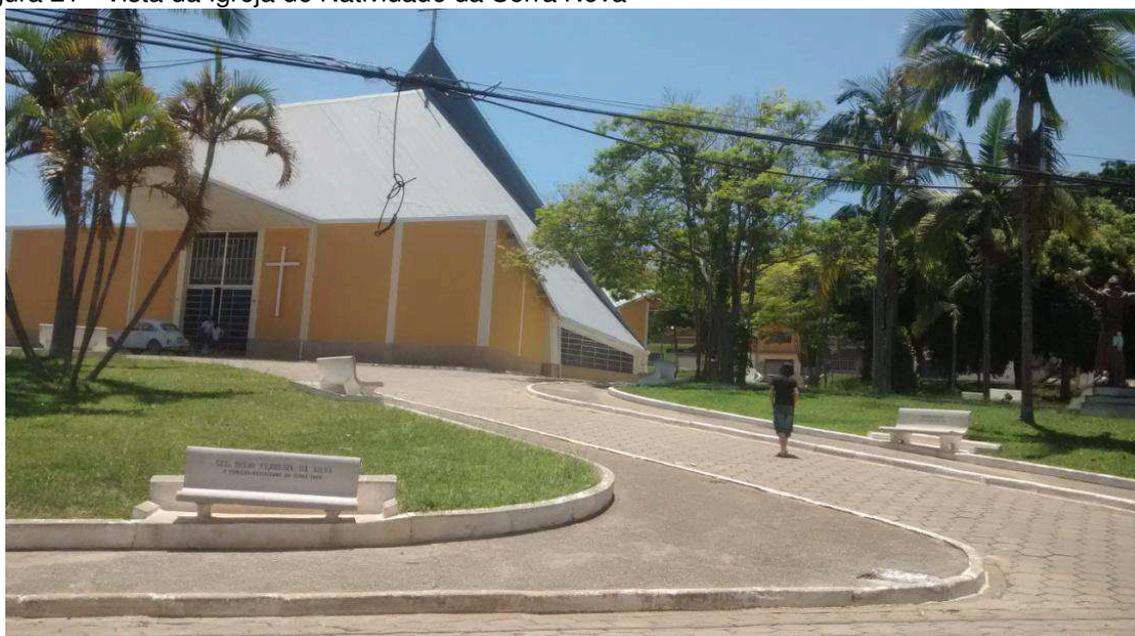
Com construção da barragem de Paraibuna, ocorreu a inundação da cidade antiga, surgindo a nova Natividade da Serra fundada 13 de agosto de 1973 com o lançamento da pedra fundamental feita pelo então prefeito Otacílio Fernandes da Silva, Padre Higino e Terezinha de Castro Aquino, no local onde se ergue a igreja matriz da cidade. (NATIVIDADE DA SERRA, 2014, s.p.)

Figura 20 - Vista da cidade de Natividade da Serra Antiga



Fonte: acervo de um entrevistado, 2014

Figura 21 - Vista da Igreja de Natividade da Serra Nova



Fonte: acervo pessoal, 2014

Em meados de 1970, com a inundação provocada pela represa da UHE-Paraibuna todo o centro da cidade foi relocado e há grande perda de regiões rurais férteis, representando a pecuária a principal atividade econômica local (CESP, 1997).

Os municípios que fazem fronteira com Natividade da Serra são: Redenção da Serra, São Luís do Paraitinga, Ubatuba, Caraguatatuba e Paraibuna.

Natividade da Serra tem como seu polo regional de referência, a cidade de Taubaté, seja na questão de saúde, educação, comércio e serviços. (São Paulo, 2012b).

Figura 22 - Vista do município de Natividade da Serra Nova e sua organização



Fonte: CESP, 1992

Toda a área urbana foi inundada, porém sua antiga cidade está até os dias de hoje sob as águas. As pessoas não têm mais acesso às antigas ruas, patrimônios, móveis ou imóveis. O único meio de acesso à Antiga Natividade da Serra é por meio de fotografias, histórias e memórias de quem lá viveu.

Figura 23 - Vista do município da margem da represa de Natividade da Serra Nova



Fonte: Acervo pessoal, 2014

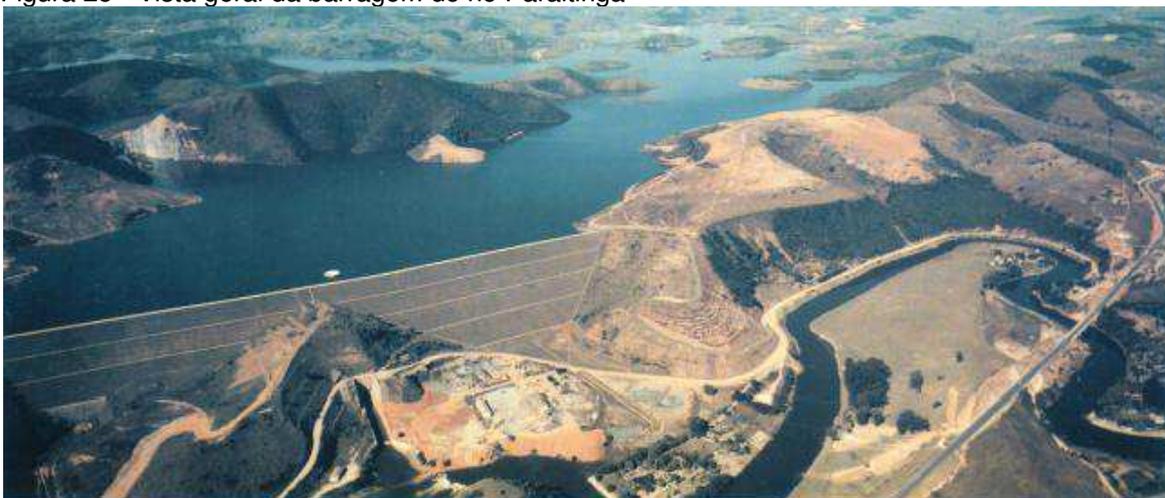
A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993; p. 7)

Essa imagem acima é indicada pelos moradores como a cidade “afogada”, embaixo dessa água se encontra a cidade antiga. Durante o período de seca os moradores frequentavam a beira do lago em busca de imagens do passado, como forma de regatar suas memórias, enredos e identidade.

4.5 Área de Influência da UHE Paraibuna

A região estudada se localiza na porção sudeste do Estado de São Paulo, abrangendo a quase totalidade do chamado Alto do Vale do Paraíba. Os principais acessos a região se realiza por tres estradas: Presidente Dutra, Rodovia dos Tamoios e Rodovia Oswaldo Cruz (CESP, 1995).

Figura 25 - Vista geral da barragem do rio Paraitinga



Fonte: CESP, 1992

Figura 26 - Vista geral da barragem do rio Paraibuna



Fonte: CESP, 1992

A UHE Paraibuna está localizada em Paraibuna sendo alimentada pelas águas armazenadas pelos barreamentos dos rios Paraibuna e Paraitinga, com a construção da barragem, os dois reservatórios foram interligados. O reservatório ocupa um total de 206 km². O período de construção de todo o complexo estendeu-se de 1964 à 1977 (CESP, 1992).

O enchimento do reservatório de Paraibuna alterou a utilização e a ocupação de uma significativa área do Alto do Paraíba. As atividades agropecuárias e urbanas acabaram por sofrer diretamente os efeitos desse impacto provocando uma reorganização espacial e qualitativa na economia local. (CESP, 1992)

Tabela 4 - Evolução da população nos municípios afetados

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NOS MUNICÍPIOS AFETADOS									
Cidades	1960			1970			1980		
	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural
Natividade	11.335	1.170	10.165	10.039	1.463	8.576	6.890	1.901	4.989
Paraibuna	15.415	2.384	13.031	13.382	5.040	8.342	14.114	5.571	8.543
Redenção	5.400	1.052	4.348	5.193	1.269	3.924	3.995	1.230	2.765

Fonte: CESP, 1992

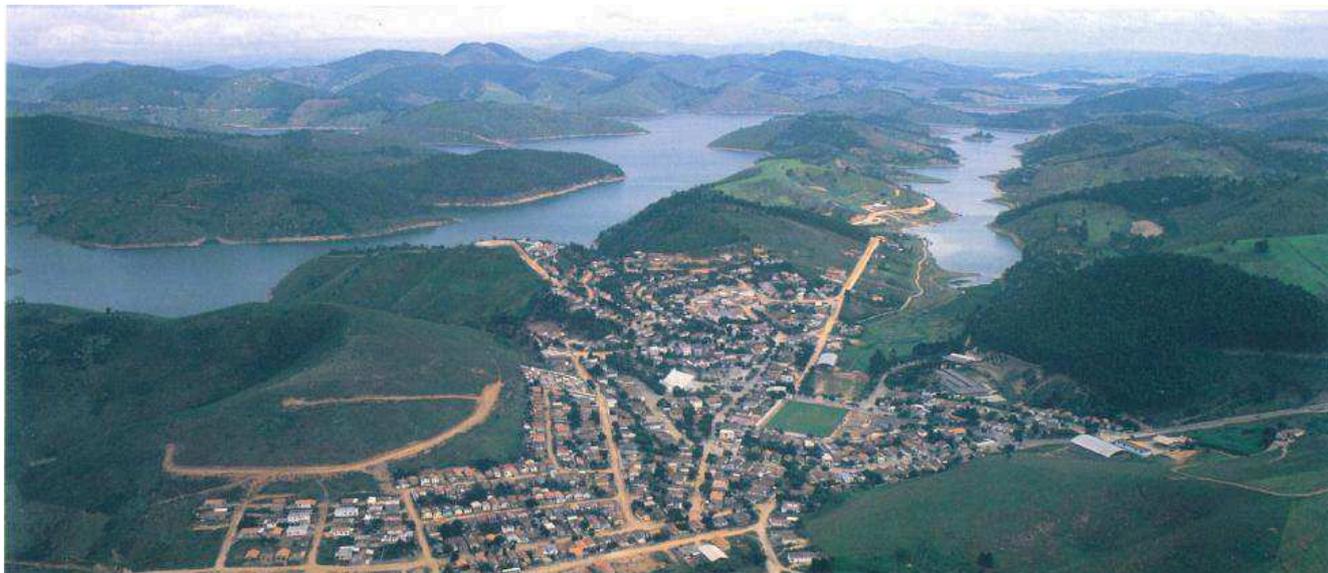
É notório que os municípios de Natividade da Serra e Redenção da Serra apresentam no período posterior à 1980 um decréscimo em sua população.

Tabela 5 - Apresentação das cidades com os dados do IBGE e CESP

	População em 1960	População em 1970	População em 1980	População em 2010	População em 2013
Natividade	11.335	10.039	6.890	6.678	6.821
Paraibuna	15.415	13.382	14.114	17.388	18.040
Redenção	5.400	5.193	3.995	3.873	3.952

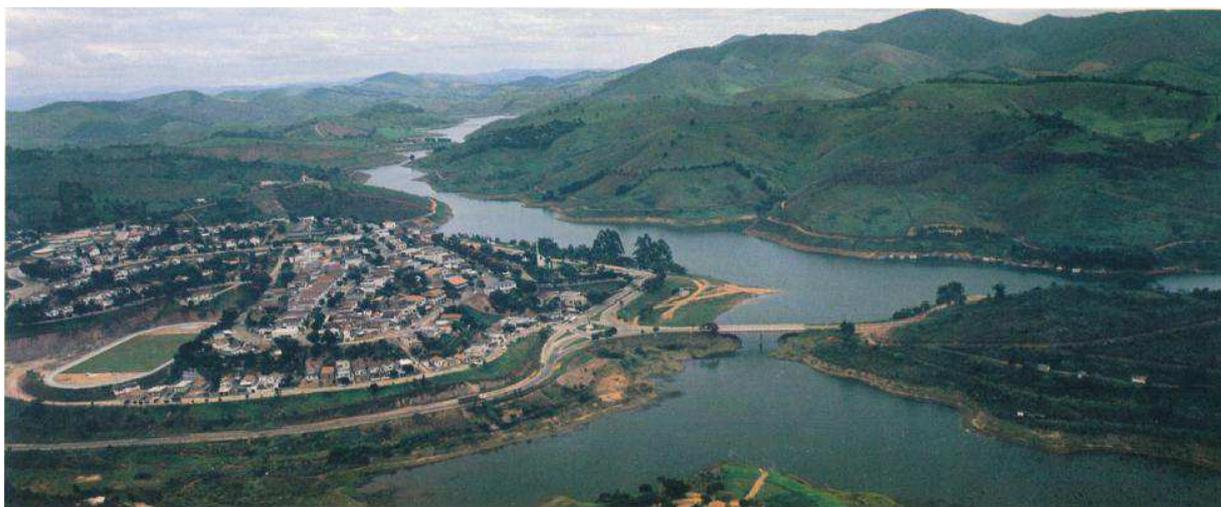
Fonte: elaborado pelo autor. CESP, 1992

Figura 27 - Natividade da Serra relocada após o enchimento do reservatório



Fonte: CESP, 1992

Figura 28 - Redenção da Serra relocada após o enchimento do reservatório



Fonte: CESP, 1992

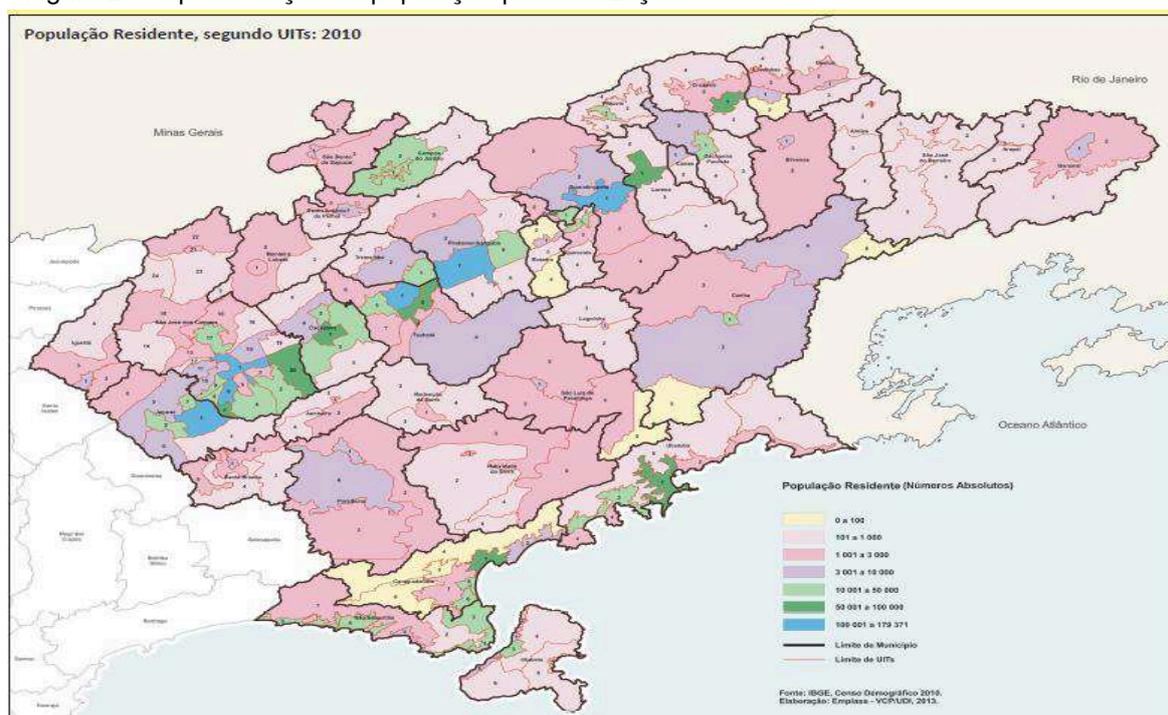
Nota-se que as cidades de Natividade e Paraibuna, embora possuam a proximidade em expansão territorial, há grande diferença em população.

Tabela 6 - Apresentação das cidades com os dados do IBGE (2014)

Cidades	População Estimada – 2013	População em 2010	Área da Unidade Territorial (Km ²)
Natividade	6.821	6.678	833,372
Paraibuna	18.040	17.388	809,576
Redenção	3.952	3.873	309,366

Fonte: elaborado pelo autor

Figura 29 - Apresentação da população por localização



Fonte: São Paulo, 2013

Com toda a alteração espacial e sua própria localização geográfica, muitos dos moradores acabaram por deixar a cidade, até mesmo porque suas atividades profissionais eram no campo agropecuário. Assim há a redução de população em Redenção da Serra e Natividade da Serra.

Tabela 7 - Evolução do pessoal ocupado por atividade econômica nos municípios afetados

VOLUÇÃO DO PESSOAL OCUPADO POR ATIVIDADE ECONOMICA NOS MUNICÍPIOS AFETADOS

	1970				1980			
	TOTAL	Agropecuária	Indústria	Serv. Comercial	TOTAL	Agropecuária	Indústria	Serv. Comercial
Natividade da Serra	2845	2491	180	174	2190	1498	275	417
Paraibuna	3888	2265	687	936	4760	2007	1386	1367
Redenção	1293	1038	118	137	1288	793	203	292

Fonte: CESP, 1992

Com a saída da população dos municípios, toda a renda e forma de organização interna acabam por sofrer impactos, principalmente no tangente produção e rebanho bovino.

Tabela 8 - Evolução do rebanho bovino e do número de produtores

Cidades	Rebanho bovino			Rebanho bovino - nº de produtores		
	1970	1980	%	1970	1980	%
Natividade da Serra	33.112	22.815	-31	875	475	-45
Paraibuna	32.075	19.786	-38	654	416	-36
Redenção da Serra	13.075	11.756	-13	385	222	-45

Fonte: CESP, 1992

Com o enchimento do reservatório, o núcleo urbano de Natividade da Serra foi totalmente submerso, o de Redenção da Serra parcialmente e Paraibuna nada foi alterado no centro urbano. Alguns bairros foram totalmente submersos, como por exemplo o do Remédios, em Natividade da Serra; Varginha em Paraibuna e Bairro Alto em Natividade da Serra foi totalmente relocado. (CESP, 1992).

Algumas estradas vicinais existentes foram inundadas, provocando o isolamento e alterando substancialmente a circulação local. A ligação rodoviária Paraibuna-Redenção da Serra teve vários trechos submersos, provocando na recolocação um prolongamento em seu trajeto; a ligação Natividade da Serra – Paraibuna teve sua circulação completamente alterada dependendo agora de balsas e estradas que tiveram seus traçados bastante estendidos. Com a ruptura, a ligação Natividade da Serra – Paraibuna é feita hoje com mais intensidade via Redenção da Serra,

prejudicando os estabelecimentos rurais locais. As mudanças verificadas, principalmente na esfera da circulação, provocaram um rearranjo regional. (CESP, 1992, p.40)

A fixação num novo espaço acaba por realizar um novo cenário, onde conseqüentemente surgem lapidações existenciais de recolocação simbólica no espaço, no intrínseco e nas referências enquanto homem. Altera-se nesse momento todas as formas de contato e estrutura. A fragmentação do externo, o isolamento geográfico e a perda de suas terras produtivas ficam ainda mais significativas quando surgem a insegurança de suas indenizações pagas pela União.

Os contatos agora sofrem também reorganizações. As relações começam a /ser refeitas com a nova estrutura de caminhos internos. O eixo entre Paraibuna e Redenção da Serra pode ser realizado por estrada não pavimentada, via Fazenda Ponte Alta, que é interrompida pelo reservatório e servida pela balsa Paraitinga. Paraibuna à Natividade da Serra pode ser utilizada a estrada não pavimentada do bairro do Ribeirão Branco, onde se atravessa via balsa e há também o caminho não pavimentado via bairro da Varginha, interrompida por duas travessias de balsa. Já de Redenção à Natividade da Serra utiliza-se a rodovia Gabriel Ortiz Monteiro (CESP, 1992).

Com as novas manobras geográficas de locomoção, a subsistência também se remodela buscando meios de adequação, assim como a silvicultura e o turismo e lazer às margens do reservatório (CESP, 1992).

4.5.1 A influência da cultura do café: patrimônios materiais e imateriais na região

A cultura do café, seu plantio e sua forma de lidar com a planta traz rituais próprios e particulares, ainda mais quando pensados na conduta do negro nessa inserção e miscigenação do saber fazer. (RIBEIRO, 2013)

A função social do café está entrelaçada nos patrimônios tombados ao longo do tempo e na constituição cultural de sua identificação na formação de padrões. O que permeia a vida social é nova versão comportamental na convicção simbólica da geração contínua da riqueza, dos padrões hierárquicos e intrínsecos.

Os dados abaixo clarificam que as cidades gradativamente vão se formando, assim como no em 1836 aparece somente Taubaté e com uma concentração maior de população, já nos anos sequenciais há uma descentralização populacional e aumento regional dessa população. O mesmo fato ocorre em toda a região. O

atrativo cafeeiro é um dos impulsionadores de crescimento e desenvolvimento regional.

Há constituição de novas vilas que aos poucos se constituem distritos e cidades. Em 1936, Taubaté centraliza a população e as cidades vizinhas como Caçapava e Jambeiro acabam por não se evidenciarem como municípios, o fato que não garante um povoado ou agrupamento de pessoas.

Em 1854 Taubaté continua como centro populacional da RMVPLN seguido de Guaratinguetá. Outro fato passível de observação é que Areias contava em 1836 como outro município como centralizador populacional, item que se dissolve em 1854 quando aparece moradores em Queluz, São José do Barreiro e Cruzeiro.

No ano de 1886, Guaratinguetá passa a ser a cidade mais populacional da RMVPLN seguida por Silveiras e Taubaté.

Já em 1920 continua Guaratinguetá e Taubaté na liderança populacional, sendo que em 1935 a cidade mais populacional é Mogi das Cruzes e depois Taubaté.

É notório que Taubaté acaba centralizando a região com o maior índice de população, mesmo com o aparecimento de novas cidades que impulsionam a rotatividade de futuros enraizamentos culturais, familiares e produtivos.

Tabela 9 - Apresentação da população da Região Norte

Municípios	1836	1854	1886	1920	1935
Areias	9.369		6.788	5.100	5.770
Queluz		4.998	6.455	6.793	5.894
São José do Barreiro		3.916	7.070	4.879	7.445
Pinheiros		2.749	5.348	4.375	4.525
Bananal	6.599		17.654	11.507	12.932
Cunha	3.403		10.856	20.171	21.869
Guaratinguetá	7.658	11.482	25.632	43.101	30.953
Aparecida		2.232			7.885
Jacareí	8.227	6.109	10.545	18.135	24.022
Santa Branca		3.752	6.020	7.228	7.278
Lorena	9.384	6.479	10.333	15.645	15.826
Silveiras			24.590	7.398	7.532
Jataí				2.300	2.181
Cruzeiro		10.306	5.421	12.676	18.280
Cachoeira		3.827		9.691	8.400
Piquete				4.369	5.450
Mogi das Cruzes	10.490	10.154	19.454	29.158	42.783
Salesópolis			6.195	7.426	6.447
Guararema				8.666	7.578
Santa Izabel	2.860	6.448	6.441	8.540	7.974
Igaratá			4.889	4.796	4.331

Municípios	1836	1854	1886	1920	1935
Paraibuna	3.179	7.261	11.159	19.435	16.141
Natividade			6.524	12.781	10.642
Pindamonhangaba	7.915	14.654	17.811	26.493	26.164
São Bento			17.273	16.690	14.120
São Luiz do Paraitinga	6.296	8.161	12.348	17.870	15.129
Lagoinha			5.020	7.296	5.238
São José dos Campos	3.909	6.935	17.906	30.681	31.606
São Sebastião	4.290	4.101	5.132	6.340	6.727
Caraguatatuba		1.616	1.951	2.917	4.230
Vila Bela	4.235	10.769	6.833	8.052	6.215
Taubaté	11.833	17.700	19.501	45.445	36.567
Caçapava		4.607	11.613	18.099	15.782
Jambeiro			4.714	5.517	4.844
Buquira		22.307	40.624	85.433	60.043
Tremembé			4.796	7.877	4.534
Tremembé				8.495	6.316
Ubatuba	6.032		7.803	10.179	7.593

Fonte: Miliet, 1946

A Tabela 10 mostra a produção cafeeira nos anos de 1836, 1854, 1886, 1920 e 1935, torna-se evidente que em 1836 a produção de café é maior em Areias de maneira acentuada e, depois em Bananal.

Em 1854 a liderança da região em produção cafeeira continua em Bananal, que multiplicou sua produção em mais de cinco vezes, seguido de Taubaté e Pindamonhangaba. Em 1886 as maiores produções ficam com Guaratinguetá, Taubaté e São José dos Campos.

No ano de 1920 a produção começa a cair em sua quantidade de arrobas, mas as cidades que mais produziram foram: Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté. Já em 1935 a produção torna a dobrar em Taubaté e seguido de Paraibuna em arrobas de café.

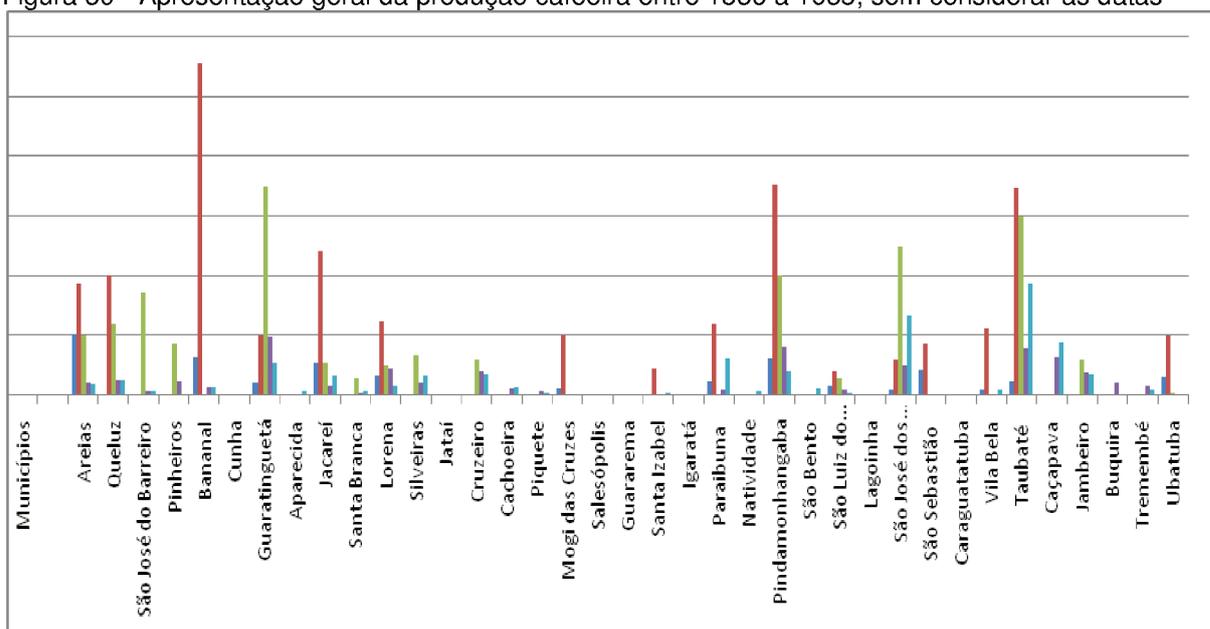
Os anos de auge da cafeicultura na RMVPLN são de 1854 à 1886, após tal período inicia-se seu declínio como pode observado na Tabela 10.

Tabela 10 - Produção cafeeira em arroba – Região Norte

Municípios	1836	1854	1886	1920	1935
Areias	102.797	186.094	100.000	21.920	18.521
Queluz		200.000	120.000	26.273	25.970
São José do Barreiro		386.094	480.000	79.900	52.335
Pinheiros			173.333	7.880	7.844
			86.667	23.827	
Bananal	64.822	554.600		15.847	13.650
Cunha	50				350
Guaratinguetá	22.442	100.885	350.000	97.687	55.740
Aparecida					7.885
Jacareí	54.004	240.010	56.000	86.000	16.727
Santa Branca			30.000	5.153	21.880
Lorena	33.649	125.000	50.000	45.213	17.950
Silveiras			66.667	21.607	32.760
Jataí				2.467	
Cruzeiro			60.000	176.667	41.087
Cachoeira				11.927	130.961
Piquete				8.650	37.090
Mogi das Cruzes	11.237	100.000		2.520	4.740
Salesópolis				687	559
Guararema				4.907	1.803
Santa Izabel	2.499	45.000	2.000	393	1.244
Igaratá				3.186	5.885
				2.793	
Paraibuna	23.322	118.320		8.807	61.420
Natividade				11.747	68.725
				2.940	7.305
Pindamonhangaba	62.628	350.000	200.000	82.047	40.149
São Bento				84.520	51.109
				2.473	10.960
São Luiz do Paraitinga	16.200	41.000	30.000	8.967	9.567
Lagoinha				600	3.875
São José dos Campos	9.015	60.000	250.000	51.173	134.254
São Sebastião	42.845	86.000	600		1.060
Caraguatatuba					1.213
					153
Vila Bela	10.289	112.500	4.000	3.020	10.338
Taubaté	23.607	345.730	300.000	78.980	187.636
Caçapava				65.813	89.275
Jamboiro			60.000	360.000	39.527
Buquira				222.147	36.968
Tremembé				21.327	324.293
				16.500	10.414
Ubatuba	31.000	99.500	5.000	453	2.132

Fonte: Miliet, 1946

Figura 30 - Apresentação geral da produção cafeeira entre 1836 à 1935, sem considerar as datas

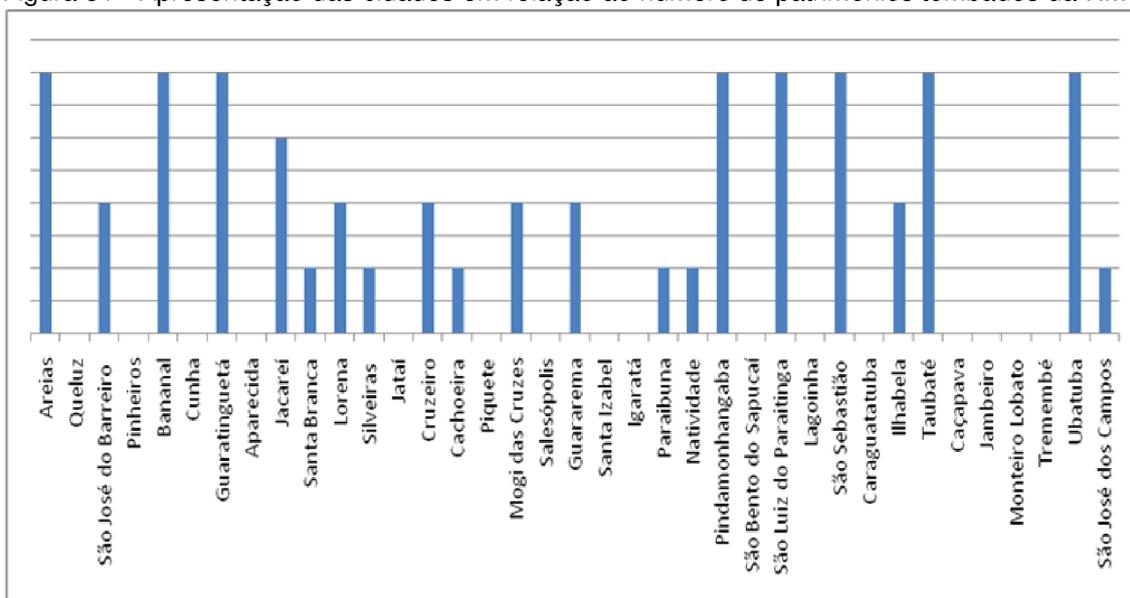


Fonte: Adaptado de MILIET, 1946

Na Figura 31 e na Tabela 11 os dados apresentados são referentes ao número de patrimônios tombados em todas as cidades da RMVPLN, sem considerar os patrimônios de ordem natural como ilhas, ilhotas, ilhéus, paisagens e reservas naturais. Tais dados mensuram construções físicas de casas, centros históricos, capelas, casarões e palacetes. Ressalta-se ainda que tal indicador foi extraído do site oficial do CONDEPHAAT, 2014.

As cidades com o maior número patrimônios tombados são: Areais, Bananal, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Ubatuba.

Figura 31 - Apresentação das cidades em relação ao número de patrimônios tombados da RMVPLN



Fonte: Adaptado de CONDEPHAAT, 2014

Tabela 11 - Cidades e seus patrimônios tombados

CIDADE	PATRIMÔNIO TOMBADO		
Areias	Casa de Câmara e Cadeia de Areias	4	4
	Casa do Capitão-Mor e Casa Vizinha		
	Sobrado na Rua Nove de Julho, nº 136 (antiga Rua das Mercês, 6)		
	Sobrado na Rua Quinze de Novembro (antiga João Pessoa, 8)		
Queluz	Nada consta	0	0
São José do Barreiro	Cemitério dos Escravos	2	2
	Sede da Fazenda Pau D'alho		
Pinheiros	Nada consta	0	0
Bananal	Centro Histórico de Bananal	4	4
	Estação Ferroviária de Bananal		
	Sede da Fazenda Resgate		
	Sobrado Vallim		
Cunha	Serra do Mar e de Paranapiacaba	1	0
Guaratinguetá	Casa do Conselheiro Rodrigues Alves	5	4
	Casa Térrea à Rua Frei Galvão		
	EE Conselheiro Rodrigues Alves		
	Estação Ferroviária		
	Igreja de Santa Rita		
Aparecida	Basílica de Nossa Senhora Aparecida	1	0
Jacareí	Capela de Nossa Senhora dos Remédios (Jacareí)	3	3
	Edifício da Manufatura de Tapetes Santa Helena		
	Solar Gomes Leitão		
Santa Branca	Casa do Ajudante Braga	1	1
Lorena	Sobrado Do Conde Moreira Lima	2	2
	Solar dos Azevedos		
Silveiras	Sobrado do Capitão Silveira	1	1
Jataí	Nada consta	0	0
Cruzeiro	Rotunda	2	2
	Solar do Major Novaes		
Cachoeira	Estação Ferroviária de Cachoeira Paulista	1	1
Piquete	Nada consta	0	0
Mogi das Cruzes	Casarão do Chá	4	2
	Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes		
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
	Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo		
Salesópolis	Nascente do Rio Tietê	2	0
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Guararema	Capela Nossa Senhora da Ajuda e Seus Pertences	2	2
	Igreja Nossa Senhora da Escada		
Santa Izabel	Nada consta	0	0
Igaratá	Nada consta	0	0
Paraibuna	Sede da Fazenda Conceição	2	1
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Natividade da Serra	Sede da Fazenda Ponte Alta	2	1
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Pindamonhangaba	Casa de Câmara e Cadeia de Pindamonhangaba (atual Palacete Tiradentes)	4	4
	Igreja de São José da Vila Real		
	Palacete Palmeira		
	Palácio 10 de Julho		
São Bento	Nada consta	0	0
São Luiz do Paraitinga	Capela Nossa Senhora das Mercês	5	4
	Casa de Oswaldo Cruz		
	Centro Histórico de São Luís do Paraitinga		
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
	Sobrado na Praça Oswaldo Cruz		
Lagoinha	Nada consta	0	0
São José dos Campos	Igreja de São Benedito	2	1
	Sanatório Vicentina Aranha		

CIDADE	PATRIMÔNIO TOMBADO		
São Sebastião	Casa Com Teto Pintado ou Casa Esperança	6	4
	Centro Histórico de São Sebastião		
	Convento Franciscano de Nossa Senhora do Amparo		
	Ilhas, Ilhotas e Lajes		
	Sede da Fazenda Santana		
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Caraguatatuba	Ilhas, Ilhotas e Lajes	2	0
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Ilhabela (Vila Bela)	Cadeia e Fórum de Ilhabela	3	2
	Sede da Fazenda Engenho D'Água		
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
Taubaté	Casa Oliveira Costa	4	4
	Chácara do Visconde		
	Convento de Santa Clara		
	Sede da Fazenda Pasto Grande		
Caçapava	Coleção de Veículos e Acessórios do Museu Paulista de Antiguidades Mecânicas	1	0
Jambeiro	Nada consta	0	0
Monteiro Lobato (Buquira)	Nada consta	0	0
Tremembé	Nada consta	0	0
Ubatuba	Edifício Paço da Nóbrega	7	4
	Ilhas, Ilhotas e Lajes		
	Residência Irmãos Gomes		
	Ruínas do Engenho da Lagoinha		
	Serra do Mar e de Paranapiacaba		
	Sobrado Do Porto		
	Unidades Habitacionais de Picinguaba		

Fonte: Adaptado de CONDEPHAAT, 2014

Tais cidades condensam a história marcada em sua memória na arquitetura, a perpetuidade torna-se referenciada na paisagem construída pela interação direta do homem.

Ao longo do estudo torna-se evidente a repetição das cidades com os maiores indicadores de bens tombados em comparação com a produção cafeeira, a partir desse eixo de pensamento fica clara a importância do café no crescimento desenvolvimento da região como também nas marcas do impacto cultural desse novelo de poder, valorização de terras e construções homéricas de ostentação.

O negro na produção cafeeira, os donos de engenhos constroem um Brasil novo de riquezas sólidas e passíveis de imagens do passado. Os exemplares históricos não se apresentam de forma isolada, quando se fala de Areais, Bananal, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, São Luiz do Paraitinga e Taubaté refere-se a rota cafeeira de produção e trajeto de desembarque para futuros “empreendimentos”.

Nesse contexto salienta-se que a história não se apresenta num só campo, numa só configuração. Não há como deixar de explanar a racionalidade estética da construção humana ao longo dos tempos e das marcas deixadas da riqueza do café.

A cultura negra, a cultura de poder e da religião na ostentação e saliência do retorno financeiro torna-se remanescentes em monumentos, conjuntos arquitetônicos e espaços.

É ainda evidente a necessidade de guardar essa memória de auge e desenvolvimento do Brasil “utilizado” ao longo dos tempos. A necessidade de guardar tal referência e construir a figura desse país marca um perfil heróico e conquistar de próprio brasileiro e sua representatividade na época. Exacerbar as representações materiais é mostrar a história com certo orgulho e respeito; lógico que tais monumentos apresentam de forma endógena ou exógena sua necessidade de compor o quadro de tombamentos da região.

4.5.2 Resultado das entrevistas

As entrevistas foram aplicadas com a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nas cidades de Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra.

Ao total foram aplicadas 12 (doze) entrevistas ficando assim subdivididas pelas cidades:

Tabela 12 - Comparativo de cidades com dos entrevistados

Número de Entrevistados	Cidade
4	Redenção da Serra
5	Natividade da Serra
3	Paraibuna

Fonte: Autora

A pesquisa foi realizada de maneira arbitrária, não seguiu um cronograma pré-estabelecido de pessoas ou locais, os entrevistados foram pessoas que dedicaram seu tempo e história para a construção desse trabalho.

Tabela 13 - Comparativo de sexo dos entrevistados

Número de Entrevistados	Sexo
3	Mulheres
9	Homens

Fonte: Autora

Os homens se apresentaram com maior disponibilidade para participar, se mostravam como a voz ativa da família e demonstraram satisfação ao responder. As mulheres quando abordadas acabavam por chamar o marido para responderem. Elas gostavam de ouvir, mas não de ser exporem. Segundo Queiroz (1973) no meio doméstico perpetua a divisão clara das atividades, onde não cabe a mulher a exposição de informações à estranhos. Na ausência do homem ou com a sua permissão a mulher se colocava em ativa na conduta da entrevista. Candido (2010) ressalta a mulher vive no papel de absoluta sujeição ao marido dentro do matrimônio.

A única mulher que tomou a situação para si foi a Sra. 05F, pois viveu neste território desde pequena e se sentia parte do local. A entrevistada se emocionou, quando relatou sobre a desapropriação de terras pelo Poder Público:

Pra você vê não tinha aula, não tinha casa, tinha dia que a gente passava apuro , mai fomo lutando , lutando, na minha casa. Acho bom você chega lá, noi vinha de caminhão pa fazer a casa , durmia no caminhão , fazia comida no Caminhão , caminhão baú , meu irmão tinha um caminhão baú , daí noi ficava dentro do caminhão baú e lá fazia , pegava canequinha de água e jogava assim , pra toma banho , isso e conseguimos toma banho , agora eu entro da minha casa , tenho água graças a Deus , tem luz tem tudo , agradeço a Deus , e assim foi , ai foi fazendo as casinhas , foi agora já tem , uma , duas , três , quatro , com a de casa mesmo , o resto é ranchinho , então a luta foi essa ea gente continua Graças a Deus , agora vem essa tempestade da Cesp , arranca tudo , acaba com tudo , porque aqui dava uma rendinha pra gente ,do pessoal , agora não tem mais , agora ta mais , na crise né , então , eu sei. (05F)

Neste relato da Sra. 05F nota-se o sentimento de ser o local e da ligação de solidariedade que existe entre os moradores, mesmo quando há diferenças sócio-econômicas. Candido (2010) salienta em sua obra o comportamento de cumplicidade entre os rurais, essa preocupação da parceria entre a mão-de-obra e a rotina. Há o processo dialético cultural: estar junto, mas não ser junto. Há o ângulo social da atividade entre indivíduos e a necessidade de satisfação primária, ou seja, alteração de vínculos entre homem e meio social.

Quanto ao estado civil dos entrevistados foi observado que 8 são casados; 2 são amasiados, 1 é divorciado e 1 é solteiro. A constituição familiar está presente nas entrevistas e sua conduta de união. Queiroz (1973) cita a parentalidade como condutora de contatos sociais, como meio de organização primária de convívio social, como o formato regulador da vivência rural. Já Candido (2010) ressalta a

expressão “família caipira” como uma modalidade de organização familiar que direciona no tipo chamado patriarcal, desenvolvido no Brasil no tempo da Colônia.

O matrimônio patriarcal traz as condições diferentes de participação cultural, seu foco é a organização do trabalho, distribuição dos bens e o proprietário e trabalhador rural encontra maior conservantismo. A escolha do cônjuge é o ponto inicial de uma família nuclear, onde há os apontamentos dos valores culturais. Segundo Candido “há o padrão que casar é indispensável ao indivíduo. Casar é na verdade é necessário não apenas dentro das condições de trabalho como das de vida sexual que prevalecem no meio rural”. (2010, p.264)

A esposa é também considerada a regulamentadora social primária: alimentação, vestimenta e organização doméstica. A estrutura fornecida pela figura feminina traz a seguridade para o homem assumir suas funções de trabalho e iniciativa econômica. Os casamentos eram acordados numa pretensão de confiança e prosperidade. A casa do homem rural é caracterizada pela situação matrimonial e a formação da família dos filhos.

A tabela 14 mostra a constituição familiar e moradores da casa rural. Brandão (1983) ressalta a família do caipira de São Paulo como organizada intrinsecamente na divisão de atividades laborais. O tradicionalismo abordado por Candido (2010) traz a formação familiar com a constituição dos filhos, onde 50% dos entrevistados têm dois ou mais filhos. A família era vista como funcional e dentro da tradição com a inserção dos filhos, vale ressaltar que os filhos eram a mão-de-obra rural na conduta dos afazeres do trabalho.

Tabela 14 - Apresentação de dados da família dos entrevistados

Idade entrevistados	Número de filhos	Agregados na casa	Mantenedores	Moradores
61 a	6	1	1	13
58 a	3	0	3	3
78 a	0	0	1	1
65 a	6	0	2	3
70 a	0	0	1	2
75 a	8	0	1	3
58 a	4	0	1	4
45 a	1	0	1	3
68 a	0	0	1	2
43 a	0	0	2	2
37 a	1	0	2	3
47 a	2	0	2	4

Fonte: elaborado pelo autora

Queiroz (1973) traz em sua obra que os casais encontrados num bairro do município de Paraibuna têm mais de 50 anos, com a população infantil muito pequena; compõem-se de autóctones, em sua maioria, e a população jovem partiu para a cidade em busca de melhoria de vida. Tal fato também pode ser notado quando confrontado com os dados desses entrevistados como visto na tabela abaixo.

Os moradores vivem no local como se a paisagem e o contexto fizessem parte deles, pois 8 dos entrevistados residem no mesmo local há mais de 37 anos. Metade dos entrevistados, 6 entrevistados receberam suas terras como herança familiar e sempre tiveram com esse espaço uma relação de cotidiano, sustento, afeto e desenvolvimento. A memória entre os entrevistados e o ambiente é algo imensurável. Não há limite entre a história pessoal e do local. As falas trazem um único enredo de organização entre o homem e seu espaço. Os panoramas, os monumentos, as histórias e os indivíduos se intercalam na intimidade da convivência onde a conotação geográfica e o sentimento de pertencimento coincide num único “mapa”.

Ah! Minha mãe morava, daí ela faleceu e ficou pra mim. (02M)

Então a gente, meu pai compro terra pra cá sabe, meu pai é de Minas , ai ele compro terra pra cá , a gente veio, a gente é de Ca , Natividade mesmo , ai ficamos por aqui , crio raiz (risos) (07M)

[...] meu pai faiz 10 anos que faleceu meu pai e minha mãe, meu pai vivia la e minha mãe na cidade, antigamente minha mãe morava lá aí a represa encheu e tomou o lugar ai veio morar pra roça ai meu pai continuo pescando Lá, antigamente , eu era pequena, antigamente não tinha barco a motor não tinha nada , era canoinha, a casa onde eu morava só tá os morão,pau a pique . (08M)

Eu nasci aqui na cidade, sai da cidade com 6 anos da cidade , vim de Natividade da Serra a cidade velha , não tem, virou tudo água , quando a CESP avisou que a água tava subindo, todo mundo foi obrigado a sair.(10M)

Esse sentimento de complementariedade e de ser o local é mais manifesto quando as pessoas nascem e se desenvolvem nessa paisagem. As raízes se misturam, os enredos se entroncam num só contexto.

Tabela 15 - Apresentação de dados da família dos entrevistados

Faixa etária	Percentual de idade das famílias dos entrevistados
60 anos ou mais	50%
50 a 59 anos	16,66%
40 a 49 anos	25%
30 a 39 anos	8,33%

Fonte: Autora

As profissões dos entrevistados são: do lar (2 pessoas), pedreiro, aposentado (04 pessoas), mecânico, pecuarista, pescador e funcionário público (2 pessoas). Trabalham nas proximidades de seu lar, ou seja, além da conotação afetiva o espaço também remete sua sustentabilidade econômica.

Dos doze entrevistados somente um candidato reside sozinho, porém sua rotina é marcada por atividades sociais e sua atuação é no comércio informal. Os demais pesquisados residem com suas famílias, sendo assim, cônjuge e filhos. Candido (2010) ressalta em sua obra sobre a expressão família caipira e aponta características dos grupos familiares do lavrador humilde, como conotam hoje e como podem ser reconstituídos.

Neles encontramos mais persistência dos comportamentos tradicionais do que em famílias abastadas e urbanizadas, nas quais atua com vigor a mudança social e cultural. Podemos ver então que seus padrões são essencialmente os mesmos registrados por viajantes e estudiosos para a família patriarcal, variando naturalmente conforme o papel que desempenham no processo de produção, pois ele condiciona formas diferentes de participação cultural. Num e outro caso, com efeito, a família desempenha função econômica importante; mas a organização do trabalho, a distribuição dos bens, o papel na vida política variam sensivelmente de um para o outro. (CANDIDO, 2010, p.263)

O comportamento tradicionalista do caipira na manutenção matrimonial retrata ainda a visão de Candido (2010) na forma de sustentar os costumes perfazendo um viés com Queiroz (1968) no enquadramento comportamental junto ao catolicismo.

Há ainda em torno de 50% da população rural que vive nas tradições rústicas e na homogênea doutrina católica. O casamento e a sua tradição realizam a conservação desse costume.

A rotina dos moradores é voltada ao trabalho e cuidados dos animais. O ciclo do dia do caipira é marcado pelo “relógio do sol”. A ação das mulheres é marcada

pela limpeza da casa, alimentação e ajuda ao marido da função da plantio, do gado e animais. Os rituais compõem a autonomia familiar.

Marido, esposa, filhos “mais velhos” e filhos “crianças” repartem entre si o trabalho cotidiano de acordo com os preceitos consagrados. Isto faz com que, sendo quase todos os membros da família, capazes de executar quase todas as operações, algumas delas sejam comuns e possam ser indiferentemente executadas por qualquer um; outras sejam preferencialmente atribuídas de acordo com o sexo, a idade e a posição da pessoa na constelação familiar; e, outras finalmente sejam atribuições exclusivas desta ou daquela categoria do grupo doméstico.(BRANDÃO, 1983, p. 71)

O mesmo autor ainda salienta neste capítulo que o caipira não será citado na atividade culinária, ou seja, pode até atuar na cozinha nas pescas com os amigos, mas em sua casa essa função pertence exclusivamente ao caráter feminino. A mulher não participa das atividades da derrubada de mato, de queima e comercialização dos produtos da roça.

Na rotina do caipira de Natividade da Serra, Paraibuna e Redenção da Serra também há verbalizado sobre a pesca e sua inserção nas atividades diárias. O lago, a água se tornou parte integrante da vida desses moradores.

Ahh.... agora a gente fica aqui. Não tem mais jeito de pescar porque a represa abaixou, né? Mas ia pescar e depois ficava aqui. Daí depois vou tomar um cerveja no bar, fico até umas onze horas meio dia lá e tem os quadros meus tudo a mostra lá na lanchonete da praça lá. A lanchonete é Jacu da Roça o nome dela, né? Então eu faço verso pra esses, daí ele põem na internet, né? Eu faço verso para essa turma toda. E daí fico tomando cerveja, vendendo os livros, depois eu venho aqui em casa, almoço e depois eu não saio mais, né? Daí eu fico aqui vendo televisão e ouvindo rádio. Isso aí. (03M)

Ah, eu , aqui tenho diário aqui é peixe , porque eu pego na rede , eu sei pesca , vo lá e pesco . então isso tem mesmo . (04M)

Entrevistador: - Onde leva as visitas para conhecerem?

ah sempre que vem em casa , a gente não sai muito , vem aqui pra beira da água , pesca , anda um pouco aqui, ali em cima tem outra represinha , vai na Redenção , vai na igreja com noi ne ,é isso ai porque não tem outra coisa pra se leva (risos). (06M)

A pesca faz parte da vida desses caipiras da beira da represa. Aprenderam a viver com a água e fazer dela uma das melhores companhias. A água em seu espelho reflete a solidão do caipira e sua forma recolhida de viver.

A seca também limita a rotina de muitos moradores da margem do rio assim como se torna a causa de busca de novos recursos de adaptação laboral, a pesca ficou prejudicada dentro do contexto da seca no momento do estudo. O trabalho e o lazer sofreram adaptações dentro do cotidiano do morador.

Figura 32 - Imagem do transformador de energia da antiga Usina Felix Guisard



Fonte: Acervo pessoal

Essa construção era toda coberta pela água e, agora nesse período de seca, se tornou toda a mostra. Voltaram memórias, relatos, saudades e referências. Os moradores levam as pessoas para mostrarem seu passado, parece que querem provar sua própria identidade nesse “resgate” de imagens.

Figura 33 - Margem da represa – região de Natividade da Serra



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

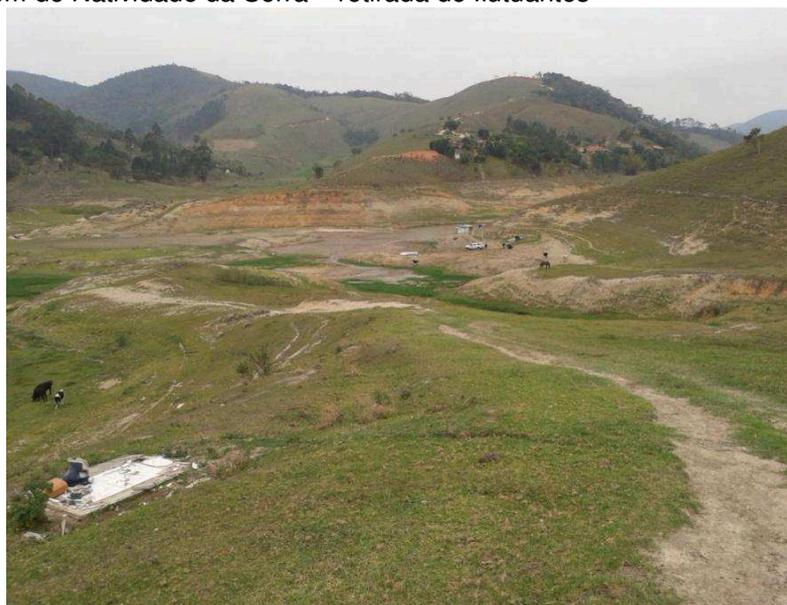
Figura 34 - Margem da represa – região de Redenção da Serra



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Já em Natividade da Serra, a visita para a realização da entrevista foi marcada junto com a equipe da CESP que averiguava a retirada de casas flutuantes que os moradores construíram e utilizavam como renda secundária. Os funcionários constatavam por meio de imagens a retirada dessas casas a fim de comprovar para a União a necessidade ou não de intervenção dos poderes jurídicos, uma vez que as construções não foram realizadas em terrenos próprios, pois a margem e a água pertencem à própria União.

Figura 35 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Nesse local da entrevista do Sr. M6 foi passível de averiguação que este construía as casas flutuantes e alugava para famílias da Capital (São Paulo), onde o valor não era afixado, ou seja, as pessoas ficavam e, em troca traziam objetos da capital e também comprava os produtos produzidos pela família: queijo, doces, leite e legumes/verduras.

A retirada das casas flutuantes traz a perda com o social, da troca e das referências. Com a baixa da água dá para se ver a antiga construção de sua casa onde residia antes na construção da Usina. Voltaram as histórias, as imagens, as lembranças e as figuras do passado. Há necessidade de mostrar, de relatar e contar sobre os próprios sentimentos.

Figura 36 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Figura 37 - Imagem de Natividade da Serra – retirada de flutuantes



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Esta visita foi marcada pelo sofrimento de alguns moradores e revolta de outros. Embora a ação dessa pesquisa não foi direcionada para esta abrangência, fez-se aqui necessária a explanação desse tema situacional.

4.6 Cultura Imaterial – Lei nº 3551/2000

Levantamento da Cultura Imaterial das cidades lindeiras da UHE – Paraibuna:

4.6.1 Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades

Os saberes são voltados às rotinas laborais: o cultivo dos alimentos no “terreiro”, a comum hortinha, é realizada pelas mulheres, assim como a culinária que é aprendida com a família da esposa e sempre realizada por ela. As receitas são passadas de geração a geração, é aprendida junto à genitora e realizada como um ato de memória e afeto.

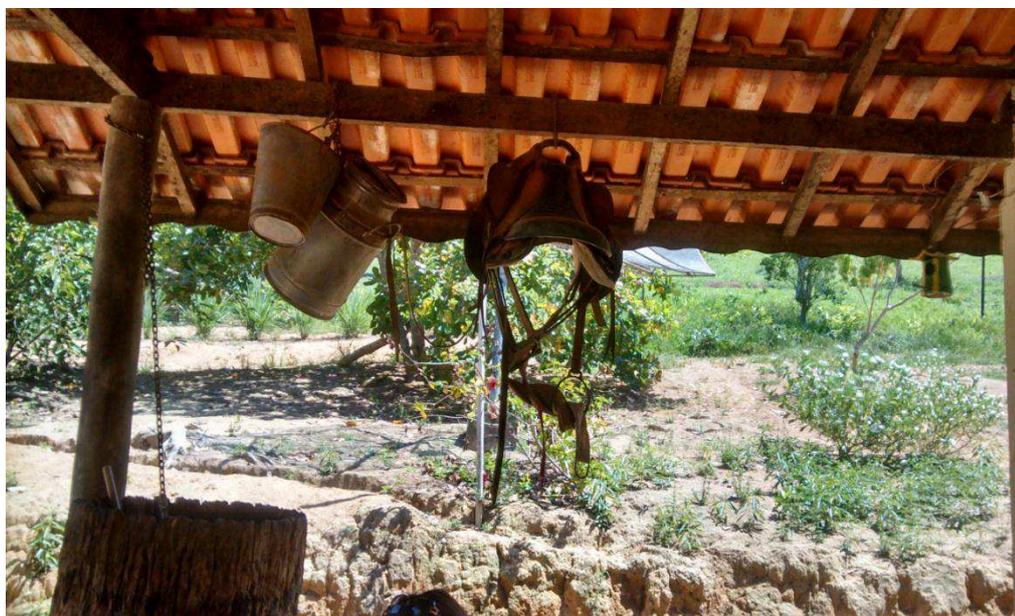
A pescaria entra na ação da rotina, mas diferente do contexto urbano, a pescaria no rural é realizada de maneira isolada, não é feita e marcada por um grupo de amigos. Há o quesito de alimentação e lazer, é meio de sustento para alguns entrevistados.

O caipira é quieto, isolado e, em nenhum momento verbalizou sobre rotinas de festas, somente os antigos bailes e as festas da igreja. Os artefatos são as construções diárias como ferramentas que utilizam no cotidiano, pois frequentam pouco a cidade e acabam por promover seus próprios meios de trabalhos.

- Aqui tem um leitinho, que nois tira também , faiz um quejinho , mais nois da uma força pra mulher também ,que é veia porque ela fica sozinha , na casa dela , o marido dela morreu dia 28 de outubro feiz dois anos já, então mais perto que mora aqui é nois , eu com a minha mulher , nois fica o tempo inteiro aqui , limpando, tiro cana , faço pinga , tira o leite um pouquinho , nois tira , nois mexe com tudo oque precisa tenho dois cunhado mais um trabalha no Cesp mora na cidade, ele vem , ele dorme duas vezes por semana aqui .(09M)

- Só tem uma hortinha caseira. (09M)

Figura 38 - Artefatos da rotina do caipira – 09M



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Tem uma hortinha só, tem pomar né , laranja né , banana .Ah, eu , aqui tenho diário aqui é peixe , porque eu pego na rede , eu sei pesca , vo lá e pesco . então isso tem mesmo .Fora isso tem , ovo .. ovos certo , e galinha e alguma verdura . (09M)

Sempre foi assim , sempre foi isso ai. (09M)

Figura 39 - Horta caseira



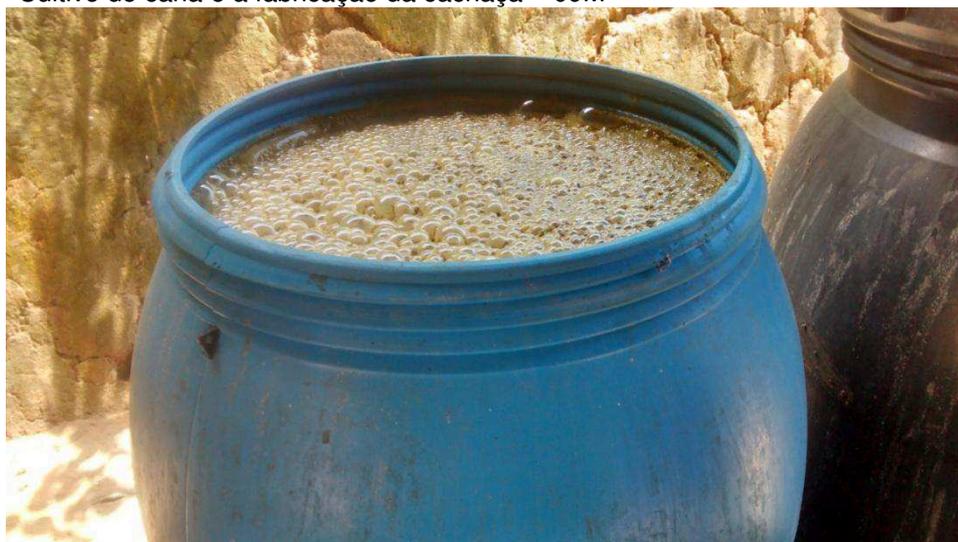
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Figura 40 - Artefatos de trabalho – 09M



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Figura 41 - Cultivo de cana e a fabricação da cachaça – 09M



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Figura 42 - Artefatos de fabricação da cachaça – 09M



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

A rotina do homem rural é marcada pelo trabalho, mas não pelo cumprimento de horas. Suas realizações são marcadas pelo efetivo e não pelo relógio, “são as quadras feitas”.

Quadro 4 - Saberes – o cotidiano do homem rural

Saberes	Aprendizagem da elaboração do alimento;
	Aprendizagem com os pais sobre a religião;
	Cultivada horta em casa;
	Cuidado dos alimentos especiais para esperar a família em datas comemorativas;
	Repetição de frases antigas;
	Compromisso de ensinar a religião às pessoas de seu entorno;
	Os filhos acompanham o pai no trabalho no campo.
	Elaboração das ferramentas de trabalho;
	Pesca como trabalho, meio de sustento e diversão;
	Cigarro de palha.
	Construção dos móveis da casa;
	Valorização e zelo pela moradia, bairro e território;
	Plantio de árvores frutíferas;
	Pesca como alimento;
	Cultivo de suínos, aves e gado para a própria alimentação;
	As casas possuem um cachorro (ou mais) a sua volta.
	Jogo de baralho e jogo de palito;
	Netos aprendendo com os avós;
	Nomes de pessoas que precisam de ajuda sob a imagem de santos;
	Produção de queijo, cachaça, linguiça, chouriço e conservas;
	Produção de paçoço na Semana Santa;
	Cuidar do gado e tirar leite;
	Valorização dos amigos e trocas de alimentos e favores;
	Utilizam barco ou canoa como meio de transporte entre o bairro;
	Os parentes moram mais próximos;
	Gostam de ajudar as pessoas;
Ingestão de bebidas alcoólicas em pequena quantidade antes das refeições nos finais de semana;	

Fonte: Autora, 2016

4.6.2 Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas

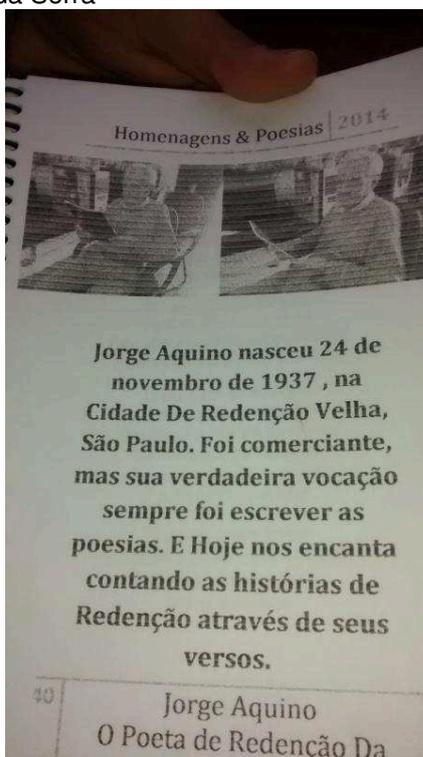
Ó, escutar ... escuto muito sertanejo, lá sempre tem. lá na lanchonete tem o Fulano que sempre faz propaganda, é locutor de festa, sempre tem animação. Tem propaganda do comércio lá. Não tem ordenado, então o Ciclano dá uma chance para ele, os comerciantes dão uns trinta real para ele fazer o comercial uns quinze dias então, ele faz propagando do comércio aí, coloca umas músicas que eu gosto. Música sertaneja, forró, essas coisas. Música sertaneja eu gosto, eu cantava também música de seresta. Na igreja lá eu cantava no coral, tinha 20 moça e só eu de homem no tempo que cantava missa em latim ainda. No coral lá fazia um teatro, nós estreava um teatro por mês e eu cantava música de serestas antiga nos intervalos, tinha 2 intervalos e eu cantava então Nelson Gonçalves, Vicente Serestino, porque eu tenho a voz rouca, então para mim era moleza. (03M)

Eu gostava, naquele tempo né? Ahhh dançava. Era só na base de conjunto, né? Antigamente. Era só bolero. A professorada. A cidade era muito difícil a condução para as pessoas de fora, tinha ônibus só uma vez por dia. Vinha professora de São Paulo e as professora ficava lá. Daí vinha os marido dela, namorado, e elas ficavam a maior parte do tempo lá. Daí dançavam e tinha disco, vitrola lá. Mas naquele tempo era só na base do bolero. Era só bolero, no tempo dançava coladinho. Naquele tempo, né. As professorada lá. Quase toda noite tinha musica. Nós dançava (risos). (04M)

Música eu gosto , hoje é mais musica sertaneja, o pessoal mais antigo ne , hoje não a moçada de hoje não gosta de sertanejo mais a gente já gosta de musica sertaneja , que agrada mais a gente , é tem musica que é , nem todas. (06M)

As expressões estão vinculadas, em sua grande maioria, à religiosidade. Dentro da rotina do caipira dessa região foi passível de observar que eles gostam de música e conversa. Há os contos de “causos” ao findar da tarde na beira das casas ou nas mercearias. Um morador de Redenção é escritor de livros e, principalmente, poesias.

Figura 43 - Jornal de Redenção da Serra



Fonte: Acervo pessoal da autora

A dança ficou na memória da mocidade. A nostalgia é falada nas modas de viola que cercam os armazéns na beira da estrada, pode ser observado um ou outro homem tocando uma viola aos domingos. Os cantos ficam na expressão reservada a

poucos. O rádio de pilha se faz companhia nas quadras e roçados. Há poesias que trazem à tona a saudade da cidade velha. Esse elo emocional traz a singularidade e o coletivo da saudade, dos contragostos e percursos históricos. As lembranças se cruzam num único contexto e sentimento.

Quadro 5 - Formas de expressão – manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas

Formas de Expressão	Escutam o rádio de pilha no campo enquanto cultivam os alimentos;
	Reuniãoda família para assistir a missa na televisão;
	Pintura de quadros da imagem da cidade antiga;
	Escrevem as poesias da cidade antiga;
	Levam flores à igreja nos dias específicos de santos;
	Carregam santinhos na carteira ou no bolso da camisa/calça.
	Cuidado em guardar e mostrar as fotografias antigas;
	Músicas sertanejas e religiosas;

Fonte: Autora, 2016

4.6.3 Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social

Nos bairros, contexto dos caipiras, todos os rituais e celebrações cercam o exercício religioso. A movimentação social é ministrada no vigor da igreja e na contenção de seus ideais.

As tradições fazem um movimento que tem a premissa cristã e acaba por abarcar todos os níveis sociais do caipira: família, casa, bairro e vizinhos. O dogmatismo católico cerca os valores primários comportamentais das famílias e alia a população a um único modo de pensar e agir.

Os caipiras são embebidos do pensamento cristão. São alinhados na conduta do “certo e errado” da igreja católica. A organização religiosa vigora nos conteúdos latentes e manifestos de toda relação.

Ser católico é ter o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma trajetória e uma identificação. (QUEIROZ, 1968) Como se pertencessem a mesma tribo, ao

mesmo contexto social e há o sentimento de fortalecimento, seja por serem “iguais”, ou seja, pela capacidade de união.

Somo católicos. (01F)

Sou católico, acredito nos santo, nos anjo...(02M)

Eu sou católico, opa! (03M)

Ah, a minha religião que eu pratiquei, num virei , só que hoje não pratico mais é católica porque quem é separado num pode comungar, então num pode praticar. (04M)

A responsabilidade da vida do caipira está acima de seu controle, os fenômenos são afetados por origens acima da conduta humana. Há a vontade de Deus. Há o merecimento. Esse conservacionismo tem raízes portuguesas e a doutrina é implícita na crença e explícita nas festas. O cultivo da religião faz a perpetuação das festas, rituais e celebrações.

Acredito em Deus né? Nossa Senhora. Pedindo. Peço a Deus para proteger os filhos, todo mundo, né? Não é só para os meus filhos, é para todo mundo. Os vizinhos, os jovens. (01F)

Em santo, acredito na Igreja, né?(02M)

Os sacerdotes permanecem mais tempo nas capitais e centros urbanos, assim as capelas foram construídas e a repetição da ação católica nos bairros foi ampliando. As adaptações ocorreram dentro de cada circunstancia em especial. As igrejas e capelas rurais recebem periodicamente a visita do vigário, as missas acontecem junto com quermesses, festas e práticas sociais. (QUEIROZ, 1968)

Vou à missa aqui para nós. Tem missa cada mês. Naquela igreja ali. (indica a Igreja de Redenção Velha com o dedo indicador da mão direita) (01F)

Eu trabalho na Igreja como Ministro.(02M)

Eu trabalho na Igreja aqui, no Loteamento. Em toda as Igreja aqui... (mostra ao redor com a mão).(02M)

Essa cultura imaterial é passada de geração à geração, é vivida dentro dos lares e nas relações vivenciais do lares. A orientação é implícita e soa como herança moral.

Aprendi com meu pai e minha mãe.(01F)

Os grande não fazem, os pequeno tão fazendo catecismo e tudo. Daí eles vão para a Igreja e tem algum que vão para a Igreja de crente, tem outro que não, vão no católico.(01F)

Com os avós. Cresci com os meus avós. Ficava junto. Eu não cresci com eles, mas toda semana estava com eles. (02M)

As neta vão tudo comigo, essa aqui é coroinha... tudo eles me ajudam na Igreja. (02M)

Meu pai. No meu tempo religião era sério não era essa tranqueira que tem agora não. Naquele tempo tinha catecismo, era Filhos de Maria, era Irmãos do Coração de Jesus, era Congregado Mariano, meu pai era congregado, minha madrasta era irmã de Nossa Senhora, do Coração de Jesus. Era naquele tempo, né? Naquele tempo o povo acredita mesmo! Fui até sacristão de Igreja. Fui católico desde pequenininho. Ah! Algum bobo aí que virou de religião quer fazer eu virar de religião. Eu digo: "não sou viralata não". A Igreja Católica não precisa tá mandando ninguém convidar os outro a mudar de religião não! As portas de lá tão aberta quem quiser participar, tudo bem, né? Não vem encher o saco dos outros, fazer os outro perder tempo não. As vezes. algum colega meu que era, né? Era católico e tudo e virou e agora quer virar minha cabeça, não adianta, eu sou muito mais inteligente que você. (03M)

O padre estuda 15, 16 anos e você acompanha um bobo aí.(03M)

Tinha um comerciante aqui, o mais explorador de Redenção, um tal de Vicente Bandeira dali. Um cara que só sabe explorar os outros, vai virar nessa religião dele aí. (risadas) é só para burro, comigo não tem jeito não.(03M)

Os artefatos são objetos da rotina, estão inseridos da forma intrínseca do cotidiano. Enfeitam as casas, decoram a casa do caipira e desempenham a função de proteção.

Tem nossa Senhora, dos tempos antigos não, né? Tem Nossa Senhora, São Benedito, Nossa Senhora de Fátima, Santa Luzia protetora dos olhos. Esses uns que eu tenho.(01F)

Eu acredito em Deus, né? Em Deus, Nossa Senhora, São Benedito, Santo Expedito, meu padroeiro. Santo que já fez três milagres para mim. (03M)

Está ali no meu altazinho ali. O que tá ali ainda foi da minha avó. Aquela imagem ali do São Benedito ali. Naquele altazinho. (03M)

Tenho santo, tenho Nossa Senhora das Graças que sou devoto. (02M)

As celebrações são datas especiais inseridas para as pessoas. Dias santos, dias de santos. Dia de fazer algo especial. Sempre gravam alguns momentos particulares que geralmente giram em torno da religião. As datas da religião católica marcam a vida dos caipiras dessa região.

Para tudo na Festa de Semana Santa. Sexta-feira Santa. Sexta-feira Santa, quando eu tinha o bar aqui, eu fechei.(01F)

Eu tinha um botequinho aqui e o dia que não abria, que não vendia nada mesmo era dia de Sexta-feira Santa. (01F)

Na Redenção a festa é no Corpus Christi, lá pinta o chão. Enfeita um pouco as rua, né? (01F)

Bosi (1994) traz à luz uma outra configuração para a religião que é a manutenção da lembrança. A repetição dos atos traz a rica fenomenologia da narrativa original.

Participar dos mesmos eventos que participavam com a família de origem traz o sentimento de segurança e estabilidade. Há a continuação dos rituais, a estabilidade das ações.

Com a minha mãe , minha vó , quando eu era pequenininha eu ia de companherinha com a minha vó andando por essas estradas aqui pra ih na igreja , e ela era zeladora do coração de Jesus , dona Olimpia , ela tem , o retrato dela lá em casa , você tem que ir la em casa , então a gente nasceu né, ? Graças a Deus minha mãe , nasci naquele morrinho ali , nois tudo nasceu naquele morrinho ali , minha mãe teve 8 filhos , tudo ali sem pré natal, sem medico , sem nada e tá tudo vivo graças a Deus , tudo com saude .

Eu fui a primera então eu ajudei a cuidar de todos.(risos)

Quando era pra eu continua meus estudos eu não pude porque tinha uns 3 pequenininhos pra cuida , pra ajuda a cuida , então judei a cuidá .

Mas graças a Deus casei, nova ne , casei com 17 ano , mai tive 3 filho , graças Deus tudo bonito, tudo com saúde e tenho 9 netos , a urtima é Ana Beatriz , minha fofinha e é trabalhadeira , domingo ela teve aqui ela quis água todas as prantas , pega a água pra joga na plantinha , vai faze 2 anho a frorzinha vo leve pro papai do céu. Levo lá na capela , tá cheio de frorzinha la que ela levo , então essa daí é a alegria da gente , ne éa coisa mai linda , éa Ana Beatriz , ea vida é essa , a gente vive bem , eu gosto daqui , gosto da minha de Pinda tambem , eu chego em Pinda os meus vizinho fala tudo assim , são tudo evangelicos , meus vizinhos de La , o B.

eu to orando pra você volta pra Pinda , eu falei a vai orando que é bom , reza ora , tudo ta bom , ele fala eu to orando pra vc volta pra pinda porque a gente moro muitos anos lá também , graças a Deus tem uma boa amizade , ta tudo meio veinho.

Quadro 6 - Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da vida social.

Celebrações	Religião católica como fé;
	Participação das missas mensais ;
	Pedir proteção à Deus;
	Imagens de santos da igreja católica em casa;
	Comemoração da Semana Santa;
	Trabalham para a igreja católica nos finais de semana;
	Oração diante do altar no interior das casas;
	Pintar a rua em comemoração à Corpus Christi;
	Presentear as pessoas com as imagens de santos;
	Festas religiosas;
	Procissões;
	Comemoração especial para São Pedro e São João;
	Unir os vizinhos do bairro para rezar o terço;
	Leitura de bíblia;

Fonte: Autora, 2016

4.6.4 Lugares: marcadores, feiras, santuários, praças e demais espaços

Os lugares mais citados são a represa, o lago e a Igreja. Alguns constroem sua própria capela.

-Nossa Senhora, tem a capela, tem santos, bastante santo, eu só , graças a Deus tenho Jesus misericordioso , um quadro desse tamanho assim , na sala , tenho sagrada família tenho Santa Luzia, que é protetora dos olhos né tenho são Pedro , santo Antonio , nossa senhora aparecida, um crucifixo , você vai te que irlá , se você for religiosa vai te que ir lá , risos ..Tenho Santo Antonio que eu o sitio é Santo Antonio , então é Sitio Santo Antonio. (05F)

Figura 44 - Capela do caminho entre Paraibuna – Natividade da Serra via balsa



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2015

Figura 45 - Capela do sítio de um entrevistado



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

O espaço humano é, em qualquer período histórico, resultado de uma produção. “O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”. O homem, que devido à sua própria materialidade física é ele mesmo espaço preenchido com o próprio corpo, além de ser espaço também está no espaço e produz espaço (BARROS, 2010).

Gosto. Meu único lugar. (riu) Meu lugar da vida. Levo (as visitas) aqui e ali na Redenção Nova né? Para ver as água que secou tudo. Secou tudo. Acabou a água. (01F)

Ah , sai por aqui , vai na capela , vai no vê as prantas , tem um laguinho lá que pega peixe, domingo meu genro pego dois peixe , duas tilapias , fritamo pra come antes do almoço , cervejinha (risos) e depois já saiu , meu neto quer o macarrão vó , daí a vó fei mais coisa. Daí ele comeu o pexinho frito, antes do almoço, então tudo isso a gente fai de bom né tudo é com amor e é gostoso é isso , né .Depois que tudo mundo vai embora ai fica só nois , eu fico meio tristinha né. (03M)

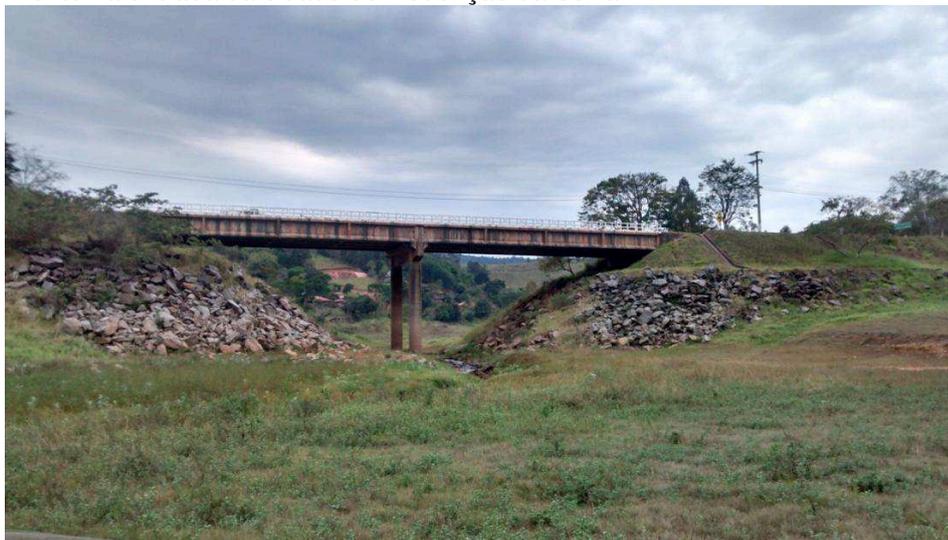
As cidades são vivas, os ambientes criados, vividos e modificados pelo homem. A seca traz a curiosidade do passado. Muitos locais foram descobertos pela seca. Muitos caminhos voltaram a ser trilhados.

Figura 46 - Caminho descoberto pela seca em Redenção da Serra



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Figura 47 - Ponte na entrada da cidade de Redenção da Serra



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014

Os lugares citados são aqueles da rotina do caipira, da sua vida, do seu isolamento. Seu espaço é seu próprio lar e sua redondeza. A represa faz parte da sua rotina, do seu sustento e da sua história.

Quadro 7 - Lugares: marcadores, feiras, santuários, praças e demais espaços.

Lugares	Mostram a cidade deles como o melhor lugar para se viver;
	Visitam os parentes;
	As crianças brincam na volta do lago ou nos arredores da casa;
	Visitam o cemitério mensalmente;
	Construção de capelas;
	Oratório nas casas (visitações);

Fonte: Autora, 2016.

A relação entre o homem e o espaço é conduzida para o sustento e construção de um lar. A natureza é preservada em suas paisagens. Não há investimentos imobiliários, as casas são os lares afetivos e isolados. Os vizinhos não são tão próximos e não apresentam o desejo de mudarem de casa ou região.

4.7 Memória da Cidade Afogada

A historicidade é o viés entre tempo e local, é impossível trabalhar as vertentes isoladamente. As imagens revelam registros temporários no cenário e, em algumas circunstâncias, eternos nas manifestações culturais. A arquitetura

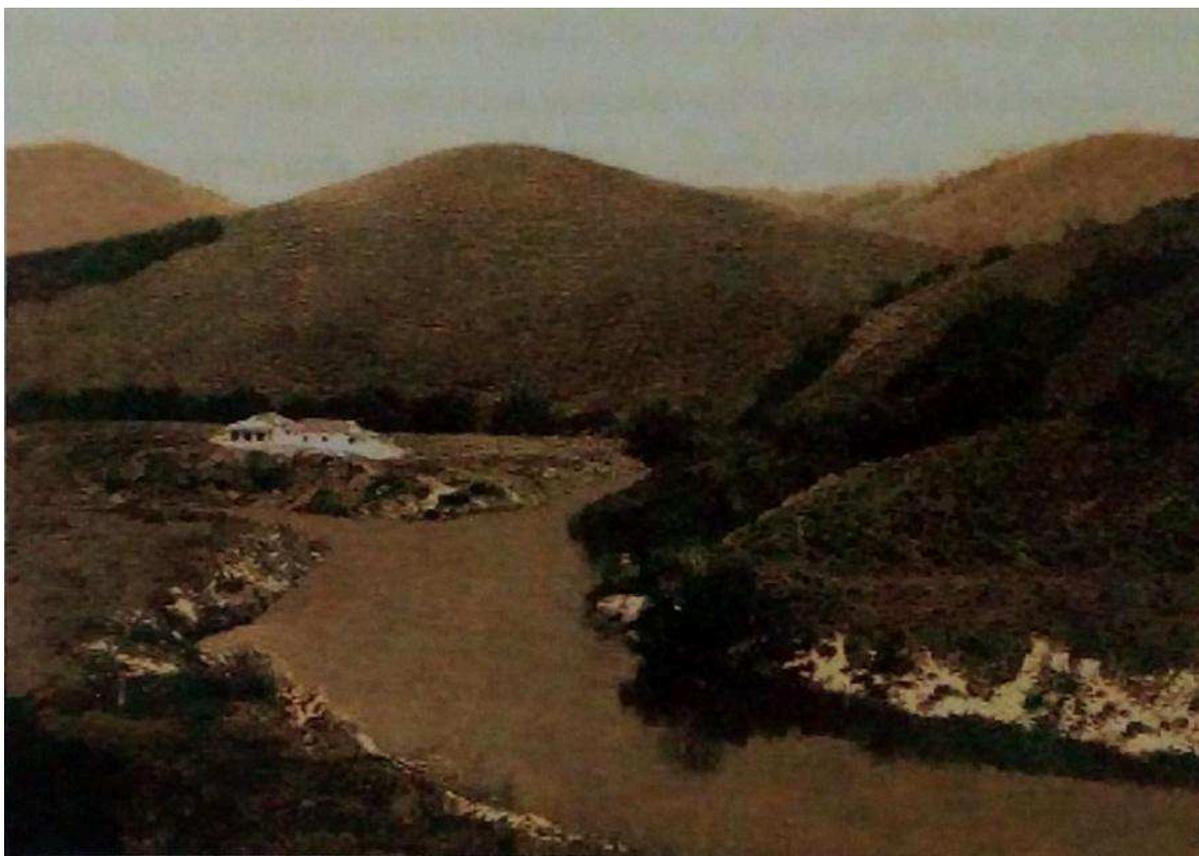
emocional prevê, constrói e interfere nas construções físicas. As consequências patrimoniais também resultam

As imagens revelam o trajeto do homem, de onde veio e para onde foi. A memória foi continua nas cidades de Paraibuna, Natividade e Redenção da Serra, porém o passado só é vivido na narrativa de memórias.

O vínculo é maior onde há a contemplação das imagens, a cidade submersa acaba por dar vasão a novos ambientes afetivos. As marcas do patrimônio material formam as representações imateriais condensadas e edificadas no simbólico e identitária.

As Figuras mostram a história, os enredos e os sentimentos deixados na lembrança de cada morador. As imagens viraram lendas, contos e encantos.

Figura 48 - Bairro da Varginha, Paraibuna



Fonte: Acervo de um entrevistado

As imagens revelam as histórias contadas na emoção de cada morador. As figuras transpassam o real e os fatos. As histórias contadas são deixadas nos reflexos das águas e nos recortes das paisagens.

Figura 49 - Bairro da Varginha, casa típica da região. Bairro inundado



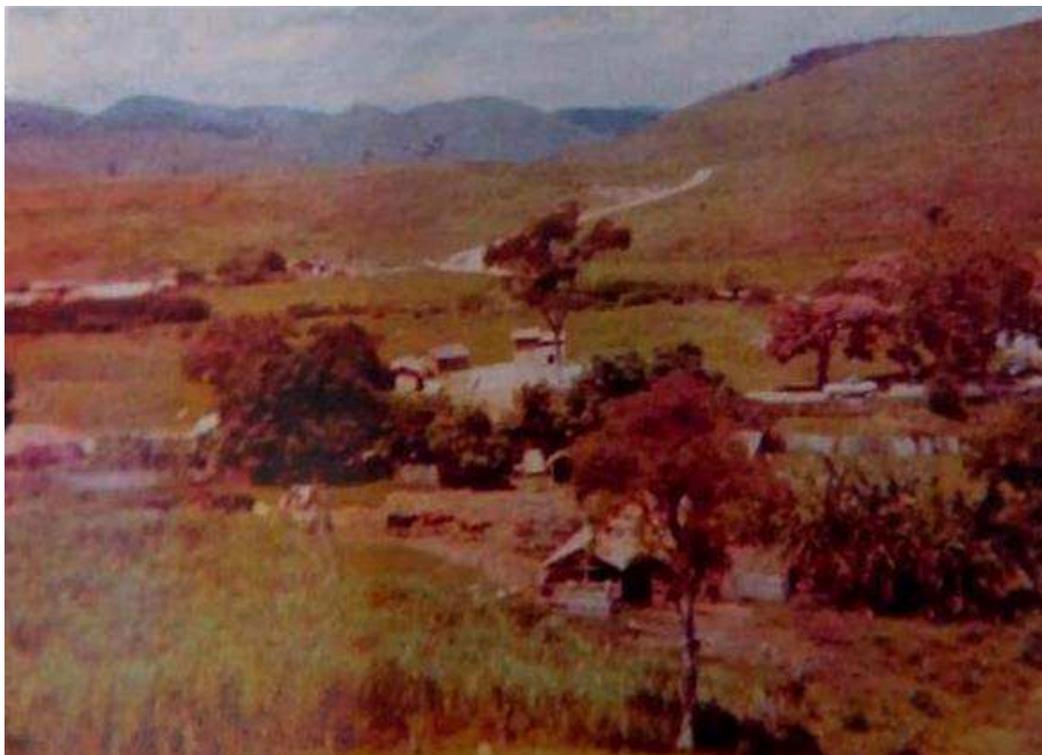
Fonte: Acervo de um entrevistado

Figura 50 - Bairro da Varginha



Fonte: Acervo de um entrevistado

Figura 51 - Bairro da Varginha, região inundada



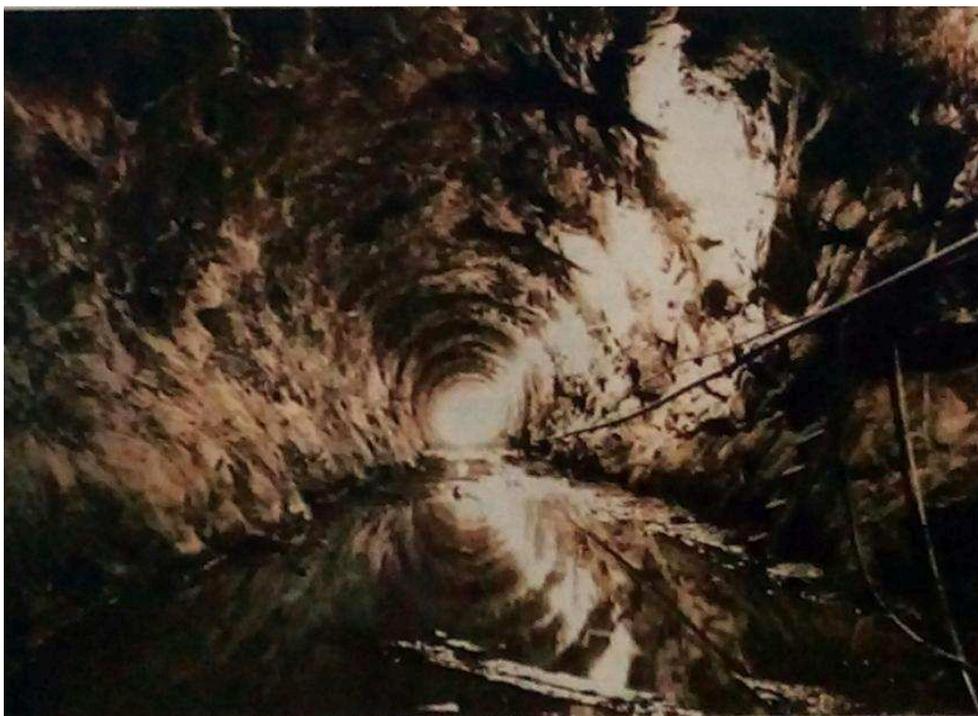
Fonte: Acervo de um entrevistado

O bairro da Varginha, figuras 47 a 50, foi inundado pela água e, atualmente, é o caminho percorrido com a balsa do bairro do Comércio. Na travessia há a verbalização da história das fazendas, das produções de café, das brincadeiras do vale e da escola. A vida submersa é contada sobre as águas. As falas são cercadas de misticidade do local, os contos envolvem festas, risos, escravos, índios e perdas.

“Aqui embaixo tinha uma cidadizinha, tinham famílias, animais e escolas. As pessoas eram felizes, daí veio a água e tudo continua lá embaixo.”
(Funcionário da Balsa)

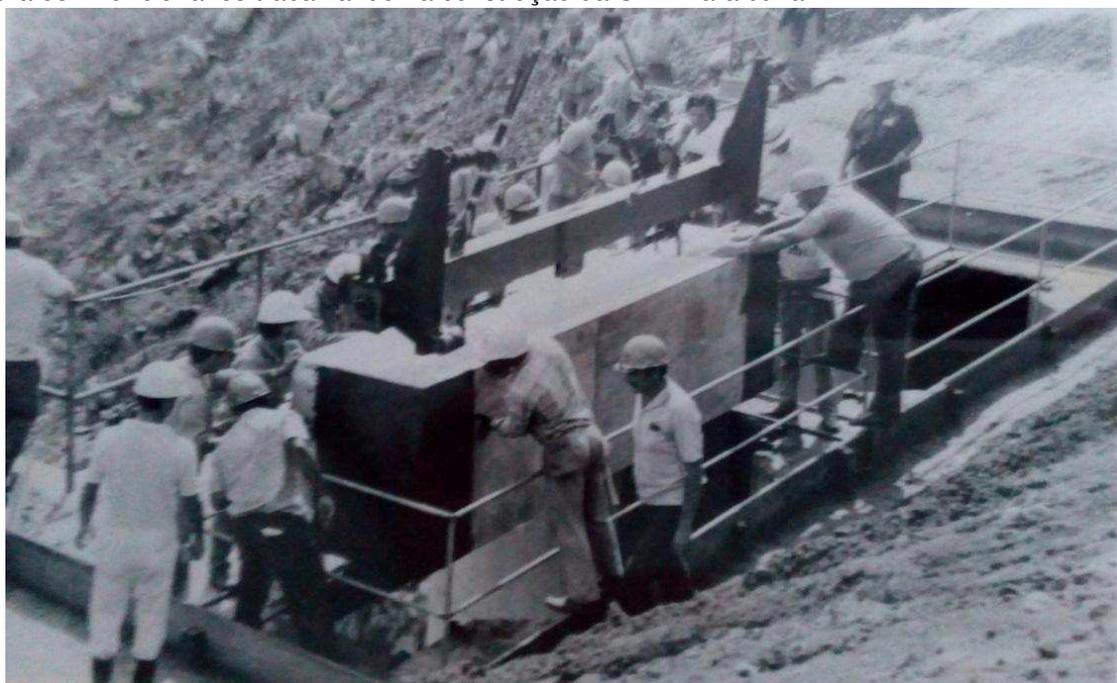
A balsa é o único meio de transporte entre os bairros, os funcionários da CESP trabalham nesse local em torno de 12 anos, ou seja, conhecem as pessoas, as histórias, fazem amizades e relatam “causos”. O mecanismo de transporte atua durante 24 horas, o que permite conhecer todas as rotinas e vivências familiares.

Figura 52 - Túnel de Desvio



Fonte: Acervo de um entrevistado

Figura 53 - Funcionários trabalhando na construção da UHE-Paraibuna



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

Figura 54 - Construção da barragem



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

Nos municípios de Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra, os moradores trazem em seus relatos orais a construção da Usina UHE – Paraibuna, Figuras 53, 54 e 55, como um grande movimento sócio, político, econômico e cultural. As cidades foram invadidas pela tecnologia, pelo inesperado e por um grupo de profissionais que traziam alterações irreversíveis às suas histórias.

A curiosidade das atividades realizadas por eles acabavam por movimentar as pessoas e, ao mesmo tempo, a construção era convertida em boa e má, em responsável pelos ganhos e pelas perdas, pela entrada do novo e despedida do velho. Novos costumes vieram com os profissionais, suas famílias e seus conhecimentos.

Os moradores acompanharam a construção da Usina, guardam ainda as imagens e, os que trabalharam nas Empresas do Consórcio, contam as vivências de sua edificação com muito orgulho e a sensação de fazer parte de uma mudança histórica da região.

Figura 55 - Formato para a execução de tomada d'água



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

Figura 56 - Construção de Cut-off



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

A população rural proveniente do café, do açúcar e do leite, começa a trocar o trabalho rural pelas técnicas de construção civil e novas preocupações com o ambiente, preservação de animais e conhecimento de novas leis.

O vislumbre pela novidade começa a repercutir no manejo operacional, financeiro e de ideologias. Mudar o percurso da água, fazer dela a energia, conhecer novos hábitos e novas pessoas, traz ao rural a imigração de novas condutas e possíveis aspirações.

Atualmente a Usina Felix Guisard, em Redenção de Serra, virou o tema de quadros e curiosidades, pois o empreendimento gerou energia para Taubaté e região, empregou muitos moradores dos municípios. A Usina foi desativada, está submersa e constitui um dos patrimônios mais cercados de curiosidades da região.

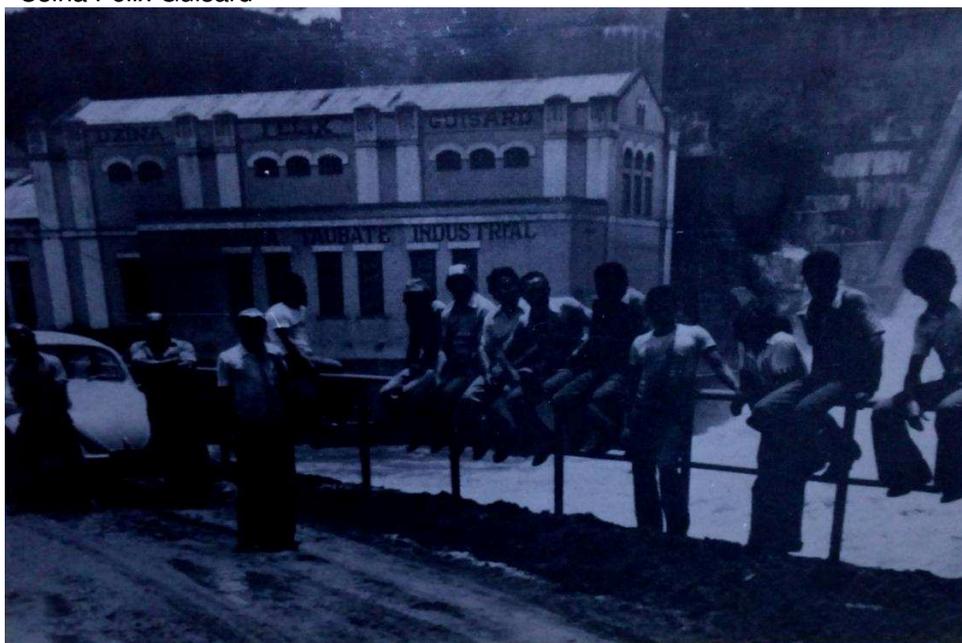
Figura 57 - Usina Felix Guisard – Redenção da Serra



Fonte: Acervo de um entrevistado

A usina traz a história da produtividade e ascensão de um período. Constitui a relação que testemunha a sociedade voltada à expansão e desenvolvimento. Os moradores trazem as fotos, sinalizam a submersão e contam os aspectos sociais pertencentes à essa época.

Figura 58 - Usina Felix Guisard



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

A represa passa a compor arquitetura local dos municípios e, assim, a fisionomia recebe o impacto desse novo integrante não somente como espacial, mas de um contexto marcado pela complexidade. As tramas tecidas nessa nova ordem iniciam visualmente e terminam em suas relações espaciais, laborais, sociais e de planejamento coletivo regional. A região sai novamente do anonimato e volta a compor as vertentes influenciadoras da economia local no eixo da energia elétrica.

Figura 59 - Vista de Paraibuna – Represa



Fonte: Acervo de prédio da CESP, 2015

A inauguração da Usina é até hoje lembrada como o marco situacional de uma nova estrutura municipal, para Paraibuna que é a cidade sede da UHE, a prosperidade se faz parte da rotina, ou seja, seu desenvolvimento não se viu rompido meio às águas e intervenções no manejo urbano.

As cidades de Natividade da Serra e Redenção da Serra que teve o manejo territorial urbano e distanciamento de acesso a Tamoios, contou com a evasão de munícipes, alteração de rotas e novas adequações territoriais.

Figura 60 - Inauguração da Usina em 1978, General Ernesto Geisel



Fonte: Acervo de um entrevistado

A inauguração da Usina UHE – Paraibuna foi realizada em cenário político na Praça Monsenhor Ernesto Almir Arantes, Paraibuna. A memória que circunda esse fato relata a historicidade como um dia de festa e grandes expectativas. Houve a esperança de suposto crescimento, desenvolvimento e a preocupação com a vida útil do empreendimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A água é um fator integrador e, ao mesmo tempo, isolante. A população reinventou a forma de viver e de se abastecer no novo local. Novas concepções atracaram na percepção dos moradores das cidades de Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra. Há a saudade e a memória de tudo que era e como era. A evidência brusca da nova realidade conduz o imaginário à margem da água. O confronto diário com o lago, com a sua extensa e silenciosa imensidão, faz com que o passado se torne presente, mas pela ausência, pois apenas se sabe que há ali, submerso, dentro do lago, a cidade e a vida até então vivida, o que foi, a vida pretérita. O confronto diário com o espelho formado pelo lago também traz a inserção de novos comportamentos ligados às “com-portas” emocionais e adaptativas. A vida tornou-se fracionada em antes e depois da represa. Mudaram os endereços, os vizinhos, as paisagens, mas as memórias continuaram vinculando os moradores e seus enredos anteriores, vividos na cidade pretérita.

Nas décadas de 60 e 70 viveu-se o êxodo rural, algumas famílias saíram de suas condições rurais e buscaram novas instalações urbanas. A Usina, por um lado, proporcionou maior facilidade para a locomoção e, portanto, contato do homem rural com a cidade. Não só pela existência da via aquática, mas pelo próprio processo de desapropriação, pois o pagamento das terras inundadas gerou renda e esta, em muitos casos, foi um fator de desestabilização de famílias inteiras. Muitos moradores também se afastaram e nunca mais voltaram.

O decréscimo populacional de Natividade e Redenção da Serra ficou ainda mais acentuado. A desmobilização da obra UHE – Paraibuna traz o impacto social na evacuação da mão de obra para outras partes do país, assim como o afastamento regional de acesso aos municípios. A população produtiva acaba por migrar por municípios da RMVPLN na procura de novas oportunidades laborais.

A construção da UHE – Paraibuna atuou diretamente no cenário real, imaginário e memorial dos municípios. A paisagem instaurada traz o fenômeno impositivo e ao mesmo tempo contemplativo proporcionado pelo novo. A escala e a planura do espelho formado pelo lago foram agregadas à paisagem do mar de morros característico da região valeparaibana e trouxe consigo, com todas as alterações físicas, novas dinâmicas sociais, novas dimensões e parâmetros

territoriais. O líquido invadiu a região refletindo e, portanto, dando novo formato para o mar de morros, e aí, o espelho reflete a imensidão do céu na lâmina da água, que limita e une, que esconde e mostra ao mesmo tempo uma cidade imaginária e uma cidade real, fundidas pelo silêncio e pela horizontalidade.

Para as demais cidades ficou exposto o tratamento diferenciado que teve Paraibuna, cujo centro urbano não foi afetado diretamente pela chegada da água. Sua estrutura arquitetônica e urbana não teve contato com a represa apesar de conviver também diariamente com o “paredão” formado pelo talude da barragem.

O patrimônio arquitetônico e urbano da área central de Paraibuna mantiveram-se intocados, já alguns bairros rurais foram inundados pela água da represa. O lago preencheu espaços e escondeu uma parte da história. Alguns bairros se tornaram apenas parte da memória, as vivências ficaram internalizadas nos afetivos individuais e coletivos. Fazendeiros perderam suas plantações e terras. Seu cultivo foi substituído por novas aquisições com a verba entregue pela União.

O lago trouxe um novo conteúdo à paisagem, as referências mudaram, não se chega mais a cidade vizinha (Natividade da Serra) pelos caminhos terrestres, os vizinhos foram alterados. Bairros com escolas, igrejas e casas foram afogados pelo lago e se tornou parte da história.

Não há delineamento sistemático nas instituições orgânicas, os grupos foram se formando na nova constituição das casas, o processo correu dentro das características da nova configuração. Os novos vizinhos vieram e os traços originais da cultura se remodelaram. O espaço que foi incorporado pelo lago teve que ser absorvido pelas compensações e os novos ângulos, olhares adequados foram construídos socialmente para se conviver com a transformação imposta e sem organização prévia.

Em Paraibuna a represa é lembrada e verbalizada na zona rural, principalmente na beira do lago, já no centro urbano tal assunto é esquecido e desconhecido por muitos. Por localizar-se à margem da Rodovia dos Tamoios, SP 99, a sua dinâmica não foi alterada e continua com suas entradas voltadas para eixo São José dos Campos – Litoral Norte. A implantação da Usina trouxe maior visibilidade à cidade e sua população continuou aspirando a ascensão por ter sido a cidade escolhida para sediar o canteiro das obras e a própria sede da UHE-Paraibuna. Este fato transformou a cidade em alvo de visitas, tema de estudos e local da moradia de trabalhadores da empresa estatal.

As histórias da represa e das cidades de Natividade e Redenção da Serra acabam por se misturarem num único viés. Em Redenção da Serra há concomitante a cidade nova e a velha, ou seja, parte da cidade velha que foi afogada na década de 70 tornou-se novamente, com a redução do nível da água, ambiente de moradia para aqueles que deixaram o local.

Redenção da Serra vive na dualidade: igreja nova e igreja velha, casas na cidade nova, casas na cidade velha, campo de futebol na cidade velha e campo de futebol na cidade nova. A água separou por quase quarenta anos os caminhos de união entre as duas realidades, mas com a seca voltou a ligação entre os dois momentos. Os moradores caminham pelas ruínas, lembram suas histórias e observam as marcas do tempo. O saudosismo favorece a sensação de que o antigo, o passado, é sempre melhor: antes a “gente era feliz”, antes “era assim”... a nostalgia é parte dessa dualidade.

Os moradores de Redenção relataram que a mudança da localidade da cidade trouxe as alterações de nomes das ruas, antigamente era nome de gente e, depois, na nova cidade, virou data. Perdeu-se a pessoalidade com a recolocação da cidade. Outro fator ressaltado foi que os vizinhos se perderam, muitos foram embora da cidade com a verba da moradia e muitos “desapareceram” na própria cidade nova. Os moradores não tiveram a possibilidade de escolher o local de sua nova casa, a distribuição das casas foi aleatória e muitos disseram que o poder aquisitivo e a distinção social tinham grande influência para a escolha das melhores regiões.

Essa dicotomia de realidades tornou a vida dos moradores fracionada num “antes” e num “depois”. A vinculação com o passado é contínua. As pessoas vivem à margem de sua própria história. A ruptura e a construção de uma nova vida ficam intermitentes, aqui nota-se a manutenção das tradições de maneira contínua seja na religião, nos costumes e nos uso e produção de artefatos. A simultaneidade faz do passado parte do presente. O fracionamento não permite a ausência do antigo, os arquétipos do passado impedem a neutralidade dos fatos. Os moradores parecem que moram dentro de um museu pessoal, imersos num mundo subjetivo.

Alguns residentes tratam as tradições como tudo que viviam antes da represa, sempre a referência de identidade é a cidade velha: união, família, apegos e lembranças. A identidade cultural está vinculada na memória e não na vivência atual: memória dos velhos, conto dos novos.

As arquiteturas emocionais se consolidam ainda nas construções antigas que a água não afogou. A cidade Redenção da Serra está dualizada. O local descobre a casa, ou seja, o cenário é construído por aquilo que se vivencia e sente. O território é implícito e explícito, endógeno e exógeno, latente e manifesto.

As cidades são as pessoas, suas crenças, suas histórias e seus sonhos. Nos relatos verbais as histórias se aproximam como um possível formato de reviver o passado e reconstruir os locais da memória. A cidade é muito mais que o complexo de casas, pessoas e espaços físicos, é a relação constante entre todos os conjuntos. É a ideologia e a forma de viver. É a memória e a ação sobre o passado.

Contudo, as paredes não limitam o espaço físico e nem mesmo o relógio controla o tempo em que as pessoas vivem. A ruptura entre as cidades: nova e velha não rompeu a história de cada pessoa. A dificuldade de acesso à Redenção da Serra fez um campo de isolamento, as pessoas que passam à margem de Redenção são somente as que desejam chegar à Natividade da Serra. É a penúltima cidade da trajetória dessa estrada.

Ao se chegar a Natividade da Serra confronta-se com uma cidade inovada em sua arquitetura e perfil de pessoais. É a cidade onde se falam em estudos, em sair da cidade e na crença espírita. A cidade antiga ficou totalmente afogada e o contato visual se perdeu com o lago. As ruínas ficaram na tradição e no sentimento histórico, os patrimônios constituem a identidade e sua formação, mas não a paisagem local. A conduta bipartida entre antes e depois fica no comportamento dos mais “antigos”. Houve a ruptura do passado de forma mais densa e prática. A separação entre as gerações é clara e prática, os novos formatos e desenhos contam com a aparência herdada pela água.

As tradições não foram passadas para a cidade nova. Os moradores trazem a cultura como morta, a inundação trouxe a tristeza como um processo de luto. A história ficou embaixo d'água. Natividade marca em seu discurso a plena perda da cidade, do sofrimento e do prejuízo religioso, cultural, financeiro, social e patrimonial.

Com a seca prolongada e severa, muitas as pessoas que viveram na cidade antiga buscaram a antiga cidade sob as águas, mas mesmo na baixa do lago, essa não apareceu. As pessoas falam menos do passado e mais de novas conquistas e projetos inovadores para o município, mesmo a conduta municipal é cercada de um número menor de propostas de preservação cultural e mais construções. A ausência visual do passado permite um avanço maior na nova urbanização e condutas. As

pessoas da zona rural tiveram seu passado à mostra, mas mesmo assim a preocupação maior naquele momento foi como eles sobreviveriam com a falta do lago.

A água teve seu marco vivencial na rotina dos moradores de Natividade, seja na construção de novos espaços e investimentos. Foi a população que mais construiu casas flutuantes e dela se beneficiou na conquista do mercado de aluguel para pescadores da capital. Ausência dos lagos e a retirada forçada das casas flutuantes proporcionou perdas para a economia local

A cidade é dispersa e voltada para a inovação, há maior investimento em esporte, jogos e projetos. A sensação que se tem é que se trata de uma cidade nova, como se a mesma tivesse um novo começo. A falta de contato material ou visual com o passado traz a permissão para o novo se estabelecer compactuando com novas estruturas da arquitetura afetiva e social.

O universo foge à breve arquitetura sobre os morros e, somente na memória há o mundo encoberto sob as águas. Aos que desconhecem a história das cidades há uma represa, aos que conhecem o enredo sabem que há uma verdadeira história e outra cidade afogada nas águas da UHE – Paraibuna.

A conduta social bairrista, na qual o próprio bairro é o universo da existência do homem rural é caracterizada pela sua conduta religiosa regida através do amor e do temor. As práticas religiosas são determinadas pelas festas. Os bairros têm o seu padroeiro e de acordo com a tradição local, as festas apresentam o sincretismo cultural típico das tradições religiosas com as práticas pagãs como quermesse, bingos, sorteios, apresentações de violas, arrasta pé e comidas características. Os calendários municipais seguem o cronograma religioso. As cidades vivem entre o mundo pagão e religioso. As condutas morais e sociais ainda são orientadas pela religiosidade.

O patrimônio imaterial acaba por não conter discrepâncias entre os municípios, os traços culturais do homem caipira são orientados por um formato único de conduta e crença. Dentro das cidades, apenas os moradores de Natividade da Serra, os que residem dentro do centro urbano, trouxeram uma crença religiosa diversificada da religião católica.

As modalidades do patrimônio imaterial, em sua própria razão natural de coletividade, trazem a transmissão pelas gerações e a manutenção intrínseca nas famílias. As tipologias estabelecidas para o estudo:

- Saberes: os conhecimentos enraizados no cotidiano das comunidades são marcados pelos rituais antigos vivenciados pelos moradores. A pesca, a elaboração dos alimentos, cuidados com a horta e a construção de seus próprios artefatos trazem a mesma rotina ao homem que cerca o lago.

Os filhos acompanham os pais em todas as ações e a religião sustenta as ações, “Deus quer assim” ou “que Deus ajude”.

O caipira mantém seu sustento e não gosta de depender do outro, há uma cumplicidade entre a vizinhança, mas as particularidades e o não envolvimento entre as famílias demonstram a garantia de uma boa convivência.

Não há sinais de vaidade ou mesmo de ambição. O plantio, a carne e o leite servem para o sustento, se aumenta o número de filhos, aumenta “as criações”.

A caracterização da cultura imaterial nos saberes é marcada pela rotina, pela aprendizagem no lar e a sustentação comportamental, ou seja, manutenção de tradições.

- Formas de expressão: são as manifestações como as músicas, a escrita e as verbalizações.

Os rádios de pilhas, o cigarro de palha e o santinho na carteira acompanham o homem do campo em seus afazeres. Seus cantos e contos são saudosistas, mesmo no riso carregam a trajetória da perda e da perpetuação das imagens antigas. A cultura imaterial é caracterizada nas expressões de cânticos, escritos saudosos e contos.

- Celebrações: são os rituais, orações e o envolvimento do homem em festas.

A rotina das pessoas que residem na região estudada é marcada pela religiosidade. Todos os dias há a comemoração de um santo, há um

calendário nas casas do santo do dia e, assim, se lembram das pessoas com o respectivo nome do santo.

Há leitura de bíblia, oração do terço e visitas à capelas.

Os altares são colocados na entrada das casas com o intuito da proteção e ritual de oração.

As missas, a primeira eucaristia, o crisma são rituais vivenciados por todos da região. As festas religiosas cercam a rotina do homem rural, é o momento de arrumar uma vestimenta apropriada e honrar os santos que os protegem.

As flores são levadas à Igrejas, Capelas e Cemitérios em dias especiais.

- Lugares: santuários, igrejas, mercados e lugares específicos.

Foi passível de observação que nos arredores das casas e beiras de caminhos rurais há capelas com imagens de santos dentro, vestígios de velas queimadas e sempre uma bíblia aberta marcada com fitilhos.

As paisagens parecem constituir a rotina rural e fazer parte da história das pessoas que ali vivem. A água norteia o dia a dia das pessoas e forma um centro de visitas dos parentes e amigos de outras cidades.

A vida rural revela a particularidade dos traços caipiras caracterizados por elementos antropológicos da própria região: isolamento, perpetuação da cultura, certa desconfiança em pessoas estranhas, apego aos rituais, natureza como meio de respeito e sobrevivência, os animais para proteção e sustento e o coletivo perpetua a vida social voltada às celebrações.

Os tabus e os medos o privam da curiosidade do novo, assim os comportamentos são mantidos nessa rede regional. As mudanças começam a ocorrer quando os filhos saem de suas residências e trazem algumas novidades comportamentais, de linguagem ou artefatos, aí se inicia a alteração e a gestão de novos elementos.

Há a necessidade de cuidar e contribuir para a perpetuação dessa cultura imaterial existente no em torno do lado e nas cidades de Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra.

Coube a este estudo o intuito de dar a visibilidade ao homem caipira e a sua forma de viver. Perder a integridade desse formato de vida é perder a memória e do povo diretamente associado a história e as tradições caipiras que caracterizam o estado e a região valeparaibana.

Elaborar propósitos de salvaguarda acaba por evitar a perda e a deteriorização da memória. As diretrizes na manutenção e promoção cultural na valorização do caipira inspira a construção de movimentos que cercam sua figura como o verdadeiro protagonista de toda a sua região. A voz do homem rural perdeu-se nos lagos, na fascinação da água e na muralha do mar de morros e no contato facilitado com o mundo urbano. Faz-se necessária uma ação que caracterize a voz do universo rural.

A indicação de elementos é uma tentativa de dar visibilidade à cultura imaterial, assim como divulgar o repertório de manifestações culturais na busca de políticas de salvaguarda é chamar atenção para a construção de políticas que preservem o contexto cultural e a imagem do campo.

A identidade rural e seus saberes cercam o enredo histórico, a construção social e jeito de comer, de viver, de celebrar e construir do caipira. Salvar a forma de viver do caipira e proceder numa conduta de promoção educacional, envolvendo a aprendizagem infantil em seu desenvolvimento escolar, acaba por providenciar sua inserção na identidade das crianças dando a elas o poder de conhecer sua própria história. A aprendizagem sobre a cultura local, as imagens da região antes da UHE – Paraibuna e os contos trazem ao indivíduo o sentimento de pertencimento e o fortalecimento de sua própria imagem. As crianças entenderão suas raízes, terão o zelo por sua região e pessoas.

Esses indicativos seriam como a inserção da cultura imaterial nas escolas da região, a possibilidade da elaboração de um museu da voz do caipira, mapeamento das diversidades na promoção de inserção do turismo religioso, culinário e cultural.

O uso da tecnologia permitiria elaborar o viés entre o passado e presente, os conteúdos históricos sobre o cotidiano e a memória dos regionais, trazendo à luz do conhecimento conteúdos falados sobre a vida transpassando o limite físico através da interação com o ambiente virtual. A imortalidade da cultura está na manutenção das tradições, porém quando não conhecida e zelada acaba por perder a integridade.

A gama de relatos que seria oferecida encurtaria o espaço histórico deixando o sentimento de pertencer histórico sempre vivo nas gerações advindas.

A imortalidade sempre existirá na lembrança da saudade, contudo, esse sentimento pode ser aprendido e compor a cultura imaterial local. Sua representatividade coletiva cultural imaterial pode ser transmitida através dos instrumentos sociais, educacionais e políticos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, A. A.; GOMES, L. C.; PELICICE, F. M. **Os reservatórios brasileiros. Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil** (AA Agostinho, LC Gomes, & FM Pelicice, eds.). Eduem, Maringá, p. 39-97, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., **Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade regional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bagaço, 2008.
- ANEEL. Agência Nacional de Energia Elétrica. <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 20/07/2014.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Vozes, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias. Varia hist**, v. 22, n. 36, p. 460-475, 2006.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 6, n. 2, p. 30-50, 2005.
- BURKE, P. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.
- BRASIL. Constituição.1988.
www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02/10/2013.
- BOSI, A. **Cultura brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. Cap.I – Plural mas não caótico. Pp. 7-15.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, V. et al. **Ficções: Leitores e Leituras**. Cotia:Atliê Editorial, 2001.
- BRANDÃO, C. R. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRASÍLIA. Síntese preliminar das discussões – Subsídios para a II CNC – **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**. Governo Federal: Ministério da Cultura, 2010.

CAMPOS, R.H.F. (Org). **Psicologia Social Comunitária da solidariedade à autonomia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010

CESP. **Plano Diretor do Reservatório de Paraibuna**. Coordenação de Francisco G. Almeida Salgado e Paulo da Silva Noffs. 2 ed. São Paulo, 1992.

_____. **A COMEPA e o Alto Paraíba**. Cesp; Júlio César Assis Kuhl. São Paulo, 1995.

_____. **Fomento ao ecoturismo no reservatório de Paraibuna**. Salgado, F.G.A. et al. São Paulo, 1997

CHAMON, E. M. Q. O. **Formação e (Re) construção Identitária: Estudos e Memórias de Professores de Ensino Básico Inscritos em Programa de Formação Continuada**. 2003. 117f. (Tese) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 2003.

CHINOY, Ely. **Sociedade - Uma introdução à sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2006.\A

CBDB – Comitê Brasileiro de Barragens .<http://www.cbdb.org.br/5-69/Cadastro%20Nacional%20de%20Barragens>. Acesso em 20/07/2014.

CONDEPHAAT, Governo do Estado de São Paulo / Secretaria da Cultura.<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.fe8f17d002247c2c53bbcfcae2308ca0/?vgnnextoid=963c6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD>. Acesso em 10 de outubro de 2013.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA SILVA, Alessandro L.; OLIVEIRA, Edson A.A.Q; SILVA, José LG. Inovação Tecnológica e os Desafios para um Desenvolvimento Sustentável. **Anais**. The 4th International Congress on University-Industry Cooperation (UNINDU).Taubaté. SP.Brasil.2012.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DOS SANTOS, Wildson Luiz Pereira; MORTIMER, Eduardo Fleury. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2000

ERBER, Fabio Stefano. O padrão de desenvolvimento industrial e tecnológico e o futuro da indústria brasileira. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 5, p. 179-206, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia-Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, S.B. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

http://seboparaibuna.blogspot.com.br/2009/09/fotos-antigas-de-paraibuna_03.html, acesso de 10 de outubro de 2015.

<http://parahybuna-svper-flvmina.blogspot.com.br/2009/02/paraibuna-e-as-cidades-do-vale.html>, acesso em 15 de janeiro de 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 10 de março de 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalInicial.do;jsessionid=5EB04930237B2951F101781CB73D1694>. Acesso em 02 de outubro de 2013.

_____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalInicial.do;jsessionid=5EB04930237B2951F101781CB73D1694>. Acesso em 05 de julho de 2014.

_____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalInicial.do;jsessionid=5EB04930237B2951F101781CB73D1694>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

KUPFER, D., TIGRE, P. B., CARUSO, L., & TIGRE, P. (2004). Prospecção tecnológica. **Modelo SENAI de prospecção: documento metodológico**. Montevideo: OIT/CINTERFOR.

LEMOS, C.A.C. **O que é Patrimônio Histórico**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LIMA, Suely Franco Siqueira; BATISTA, Getúlio Teixeira. Impacto da represa da Usina Hidrelétrica de Paraibuna, SP, Brasil. **Interdisciplinary Journal of Applied Science**, v. 5, n. 3, p. 208-221, 2010.

LYNCH, K.. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

LOPES, J. R. **Cultura e ideologia**. São Paulo: Cabral Editora, 1995.

MATTAR, Fauze Najib et al. Redação de documentos acadêmicos: conteúdo e forma. **Caderno de Pesquisas em Administração**, p. 1-30, 1996.

MILLIET, S. **Roteiro do café e outros ensaios**. São Paulo: BIPA, 1946.

NATIVIDADE DA SERRA, <http://www.natividadedaserra.sp.gov.br/index.php/a-cidade/historico/> Acesso em 04 de novembro de 2014.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. **Projeto História, São Paulo: PUC**, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, B.MOREIRA, W. <http://febrace.org.br/virtual/2014/HUM/80/> Acesso em 11 de março de 2014.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PARAIBUNA, <http://www.paraibuna.sp.gov.br/> Acesso em 04 de novembro de 2014.

POLI, Jaci et al. Curso de Capacitação de Jovens em Agricultura Sustentável, Gestão e Inovação Tecnológica. 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Sociologia Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 5, p. 104-123, 1968.

QUEIROZ, M. I. P. **Bairros Rurais Paulistas: dinâmicas das relações bairro rural – cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

REDENÇÃO DA SERRA, www.redencaodaserra.sp.gov.br/ Acesso em 04 de novembro de 2014.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTOS, José Luiz do. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SÃO PAULO. Vivências Caipiras – Pluralidade cultural e as diferentes temporalidades na terra paulista. **Governo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, 2005

_____. Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. Governo do Estado de São Paulo: Emplasa, 2012a.

_____. Plano da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul: trecho do Estado de São Paulo. **Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A. – IPT: Édile**, 2012b.

_____. Unidades de informações territorializadas – região metropolitana do vale do paraíba e litoral norte. **Governo do Estado de São Paulo: Emplasa**, 2013.

SANTOS, Elinaldo Leal et al. DESENVOLVIMENTO: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO. **DRd-Desenvolvimento Regional em debate**, v. 2, n. 1, p. 44-61, 2012.

SAWAIA, B. B.; CAMPOS, R.H.F.(Org). **Psicologia Social Comunitária da solidariedade à autonomia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SEN, A. K.; MENDES, R. D. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERRICCHIO, Cláudio et al. **O CEIVAP e a gestão integrada dos recursos hídricos da bacia do rio Paraíba do Sul**. Rio de Janeiro: GESTEC/CAIXA, 2005.

SOUZA, L. de M. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

TORNATZKY, Louis G.; FLEISCHER, Mitchell; CHAKRABARTI, Alok K. Processes of technological innovation. 1990p.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 98-109.

Vanguarda. <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/01/seca-deixa-construcao-de-19-metros-descoberta-na-represa-de-paraibuna.html>, acesso em 10/10/2015

VIEIRA, Edson Trajano; SANTOS, Moacir José dos. Desenvolvimento econômico regional—uma revisão histórica e teórica. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 2, 2012.

APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA

ENTREVISTA

I. IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ D.N.: _____

Estado civil: _____ filhos: _____ agregados na casa: _____

Tempo em que residem no local: _____ herdado () Adquirido / Comprado ()

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Profissão: _____ Número de mantenedores: _____

Número de moradores na casa: _____ Os vizinhos são familiares () sim () não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: _____ 08 – 12 anos: _____ 13 – 18 anos: _____ 19 – 25 anos: _____

26 – 35 anos: _____ 36 – 45 anos: _____ 46 – 60 anos: _____ acima de 61 anos: _____

Com quem mora?

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

II. *Objetos de Estudo:*

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?
- Em que acredita?
- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?
- Com quem aprendeu?
- Tem objetos de religião em casa? Quais são?
- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?
- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?
- Quem prepara as refeições?
- Com quem aprendeu? Ensina para a família?
- Qual a refeição de datas especiais?

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?
- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?
- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?
- Quais os objetos mais antigos de sua casa?
- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?
- As crianças da família brincam com quais objetos?
- O que fazem quando encontram os amigos?

Rotina

- Escutam músicas?
- Quais histórias de sua família que guarda na memória?
- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...
- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?
- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?
- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Lugares

- Gosta de onde vive?
- O que mais gosta daqui?
- Onde leva as visitas para conhecerem?
- Quais são seus passeios? Por que?

É feliz aqui?

O que quer deixar de lembrança para sua família?

Quais seus valores?

O mais importante de tudo

III . Observações importantes do Pesquisador:

|

APÊNDICE B – ENTREVISTAS APLICADAS
ENTREVISTA**I. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 01 F

D.N.: 20/06/1954

Estado civil: Casada

filhos: 6

agregados na casa: 1 (irmão da 01 F)

Tempo em que residem no local: 60 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (X)

Bairro: Redenção Velha

Cidade: Redenção da Serra

Profissão: do lar

Número de mantenedores: 01

Número de moradores na casa: 13

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 1

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 1

19 – 25 anos: 5

26 – 35 anos: 3

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 3

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

Quem que mora aqui? Para falar os nomes? Quem que mora aqui é meu marido, eu, meu irmão, fala os nomes dos filhos? Uma neta, uma nora e os filhos.

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Como que eu vim aqui? É assim, tava vendendo um pedacinho de terra aqui, eu alugava casa, daí meu marido não tinha dinheiro e emprestou da minha mãe. Daí foi assim, pagou. Foi vinte conto, parece, foi de cruzeiro. Daí né, nós paguemos. Construimos dois cômodos, entramos aqui dentro a porta encostada no chão, a porta no chão e eu tinha, nessa época eu tinha só quatro filhos só.

Depois desses dias estamos até agora aqui.

São vinte e cinco anos aqui.

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Todo dia é limpar a casa, é limpar a casa, limpar a casa, fazer almoço, lavar a roupa. Não tem assim, né? Só assim que a gente, né? Cuidar dos filhos. Cuidar dos filhos.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

Somo católicos.

- Em que acredita?

Acredito em Deus né? Nossa Senhora. Pedindo. Peço a Deus para proteger os filhos, todo mundo, né? Não é só para os meus filhos, é para todo mundo. Os vizinhos, os jovens.

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Vou à missa aqui para nós. Tem missa cada mês. Naquela igreja ali. (indica a Igreja de Redenção Velha com o dedo indicador da mão direita)

- Com quem aprendeu?

Aprendi com meu pai e minha mãe.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Tem nossa Senhora, dos tempos antigos não, né? Tem Nossa Senhora, São Benedito, Nossa Senhora de Fátima, Santa Luzia protetora dos olhos. Esses uns que eu tenho.

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

Os grande não fazem, os pequeno tão fazendo catecismo e tudo. Daí eles vão para a Igreja e tem algum que vão para a Igreja de crente , tem outro que não, vão no católico.

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

Para tudo na Festa de Semana Santa. Sexta-feira Santa. Sexta-feira Santa, quando eu tinha o bar aqui, eu fechei.

Eu tinha um botequinho aqui e o dia que não abria, que não vendia nada mesmo era dia de Sexta-feira Santa.

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Não. Tem um pouquinho lá para cima só. O mais é comprado mesmo.

Não planto, só uma couvinha mesmo. Bastante mesmo, não.

- Quem prepara as refeições?

Eu, quando não sou eu são minha filha. As vezes elas.

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Com a minha mãe e quando eu trabalhava na casa de família, né? Quando eu era solteira, quando eu era solteira trabalhei muito em casa de família aqui. Daí fui aprendendo a fazer as coisa.

- Qual a refeição de datas especiais?

Sempre faz lasanha né? O que os filho, o que eles gostam, lasanha que eles gostam de fazer, churrasco. Daí vem a turma de Taubaté.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Ah! A taboa de picar a carne, de verdura. Aquela taboa de carne, sabe? Eu não fico sem aquela tabuinha. Eu pico tudo nela. Eu mesma aprendi. Eu aprendi nas casas. Essa aqui é comprada. Outras eu fiz. Porque daí as menina empresta, né? Daí vou lá. Não fico sem a taboa. Daí eu vou busca na casa delas. Não fico sem minha taboa.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Não tenho nada. De objetos antigos não tenho, não né?

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

Tinha aqueles bancão antigo. Banco, tinha engenho de garapa, sabe?

A casa deles foi inundada, meu pai precisou sair. Morava num sítio e precisou vender tudo para sair por causa da água. Era um sitio. É falecido.

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Mais antigo? Nada. Agora é tudo moderno. (risos)

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

A gente vê televisão. Quando vem gente conversar daí a gente conversa. É mais conversa.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

Carrinho, bicicleta, boneca.

- O que fazem quando encontram os amigos?

Só fica conversando, batendo papo, contando as coisas deles. Dos jovens. Contando.

Rotina

- Escutam músicas?

Escuta. Agora mesmo estou com um CD dos ano setenta aí, da minha época.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

Ai, eu tenho, tenho mesmo. Uma vez minha mãe tomava conta de um cachorrinho de uma senhora que morava em São Paulo. Daí meu pai era vivo. Daí ela deixou a carne moída que era para dar para o cachorrinho. Daí meu pai falou assim para minha mãe: “Oh! Nita aonde que tá a comida do cachorro?” Daí isso que, daí que... Aí minha mãe falou: “Tá aí! Essa aí é a comida do cachorro não é para você comer não!” Daí ele queria comer a comida do cachorro, foi engraçado ele querer comer a comida do cachorro, né? É isso aí que foi muito engraçado, ele querer comer a comida do cachorro. (sorrisos)

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

A gente falava todo dia: “Bença Pai, Bença Pai e Bença Mãe e Durma com Deus. Todo dia isso aí estava na minha cabeça.

Eu sempre queria comprar brinquedo, mas não tinha minha mãe ajudava muito a gente, os filho. Pessoa boa. Cortava taboa para fazer esteira. Ela e meu irmão né? Cortava muita taboa cortar taboa para ela. Era longinho e a gente is em cima de caminhão. Né? Toda vida.

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Nunca gostei de dançar, nem solteira.

Na Redenção a festa é no Corpus Christi, lá pinta o chão. Enfeita um pouco as rua, né?

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

Tenho medo assim das doença, das doença perigosa que tenho medo. Os meus filho, da minha família. Tenho medo assim. Medo nesse sentido.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Eu sei. Foi a escola. Aprendi na escola.

Lugares

- Gosta de onde vive?

Gosto. Meu único lugar. (riu) Meu lugar da vida.

- O que mais gosta daqui?

Ah, eu gosto da minhas amiga antiga, das amiga de hoje. Gosto de , ah! Se eu tivesse bastante dinheiro comprava bastante de casa. Para dar aos meus filhos.

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Levo aqui e ali na Redenção Nova né? Para ver as água que secou tudo. Secou tudo. Acabou a água.

- Quais são seus passeios? Por que?

Aqui, vou sempre na roça, gosto de roça. Sempre to indo.

É feliz aqui?

Eu adoro aqui!

O que quer deixar de lembrança para sua família?

Quero ver se consigo comprar mais casa para deixar para os filho, de lembrança... né?

Quais seus valores?

Deixar casa, nem que fosse dois cômodo, assim.

Quero deixar amor.

O mais importante de tudo

Os meus filho. Meus filho aqui . (chorou)

ENTREVISTA**II. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 02 M

D.N.: 09/11/1957

Estado civil: Casado

filhos: 3

agregados na casa:0

Tempo em que residem no local: 56 anos

Herdado (X) Adquirido / Comprado () - Casa da Mãe

Bairro: Cidade Velha

Cidade: Redenção da Serra

Profissão: Pedreiro

Número de mantenedores: 03

Número de moradores na casa: 3

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 1

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 2

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

Eu, a esposa e o filho.

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Ah! Minha mãe morava daí ela faleceu e ficou pra mim.

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Eu trabalho na Prefeitura de Redenção. Levo minha marmita. Minha mulher trabalha na escola e come lá. Meu filho trabalha em Taubaté.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

Sou católico, acredito nos santo, nos anjo...

- Em que acredita?

Em santo, acredito na Igreja, né?

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Eu trabalho na Igreja como Ministro.

Eu trabalho na Igreja aqui, no Loteamento. Em toda as Igreja aqui... (mostra ao redor com a mão).

- Com quem aprendeu?

Com os avós. Cresci com os meus avós. Ficava junto. Eu não cresci com eles, mas toda semana estava com eles.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Tenho santo, tenho Nossa Senhora das Graças que sou devoto.

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

Eles trabalham comigo, é!

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

A gente não tem uma data específica, todo os trabalhos da igreja a gente tá junto. As neta vão tudo comigo, essa aqui é coroinha... tudo eles me ajudam na Igreja.

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Não. Não sobra tempo.

- Quem prepara as refeições?

Eu carrego marmitta. Quando sobra tempo vem para a casa.

A esposa prepara a comida.

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Aprendeu com a família dela e ensina as filha.

- Qual a refeição de datas especiais?

Não tem isso não. É tudo igual, não tem nada especial.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Não tem mais nada.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Tanta coisa a gente já fez, né? É o tempo inteiro. Minhas ferramentas de trabalho é o tempo inteiro eu faço. A gente mesmo que acaba fabricando.

A ferramenta que eu mesmo fabriquei que eu mesmo uso é uma enxada de cortar madeira.

Na construção não tem serviço que eu não faça!

Tanto faz... faço tudo!

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

Meu pai trabalhava de carpintaria, ele tinha uma serra muito bonita de serrar madeira, de dobrar madeira que é muito bonita.

Agora está lá com a minha mãe, meu pai faz 3 anos que faleceu.

Minha mãe é viva, ela morava na roça e depois morava aqui e depois foi para a casa deles na cidade e deixou aqui para mim.

Agora ela mora na cidade, ali na entrada perto de um posto de gasolina.

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Eu não tenho tempo de grudar em nada não.

Tenho saudade do trabalho da roça que eu fazia, mas ... trabalhei na roça até 18 anos.

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

Vou para a Igreja. Trabalho na Igreja. To chegando de Taubaté, estava arrumando papelada de festa e vou almoçar e já vou sumi de novo. Já to indo para Igreja outra vez.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

Não moram comigo, né? Mas brincam com bola, bicicleta, ... essas coisas.

- O que fazem quando encontram os amigos?

Não tenho inimigo, eu não tenho tempo de ficar parado com pessoa nenhuma... (sorriu)

Rotina

- Escutam músicas?

Escuto. Só escuto música religiosa, que é o que eu tenho.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

Uma coisa que guardo na cabeça é a morte da minha irmã. Ela morreu com dez meses e foi velada aqui nessa casa, daí eu lembro. Daí eu lembro isso muito gravado. Eu tinha o que? Eu tinha uns 7 anos. Isso eu tenho gravado comigo. Não esqueço. Não esqueço. Morreu com aquela desidratação que eles falam, né?

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

São tanta história, que ia ficar o dia inteiro contando.

Aqui não sei lembrar, só na hora.

Eu vivo de contar história nas reza, de acordo com a hora, né? (sorri)

Dou o enredo e já a história que a gente grava.

Uma coisa do meu pai que não esqueço era das missa de domingo, ele falava: Tô indo para a missa.

Era isso. Ele não parava para conversar com você, ele era de pouca conversa. Isso era o tempo da roça que ele saia para trabalhar....chegava a noite.

Ele falava: to indo para a missa!

Quando chegava falava: Eu não vi você na missa!

Tinha que dar a resposta o porque não estava na missa. Ele chamava e quando chegava cobrava!

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Não danço.

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

Não. Da morte, de jeito nenhum. Eu quero morrer o quanto mais logo, se o Pai do Céu achar que está na minha hora, ué?

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Foi na Escola Rural.

Lugares

- Gosta de onde vive?

Gosto.

- O que mais gosta daqui?

Eu gosto do meu trabalho que faço com o meu trabalho da Igreja.

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Não tem ponto específico.

- Quais são seus passeios? Por que?

Quando saio daqui saio a trabalho da Igreja.

É feliz aqui?

Sou.

O que quer deixar de lembrança para sua família?

Aquilo tudo no bom caminho.

Quais seus valores?

Quero deixar meu exemplo de trabalho que eu faço que eu consegui.

O mais importante de tudo

A felicidade!

Eu fui crescido na roça, dos 18 anos aos 30 eu fiquei fora daqui depois que eu tornei a voltar.

Meus amigos da infância sumiram tudo, sumiu tudo e foram voltando outras pessoas.

Os companheirada de jogo de bola e essas coisas sumiram tudo embora.

Não tenho contato mais, fica muito difícil, foram voltando aos poucos, a gente vai reencontrando mas muito difícil. As amizades... ficam muitos anos separados, né? Eu trabalhei no campo de futebol 12 anos e vivia no meio deles, depois foi tudo embora. Eu não senti tanto a água subir, eu trabalhava.... né? O povo chora até hoje. Aqui as ruas tinham nome de gente, Capitão Alvim ... lá é tudo data. Aqui era a Rua Nova e ganhou esse nome depois.

ENTREVISTA**III. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 03M

D.N.: 24/11/1937

Estado civil: Solteiro

filhos: 0

agregados na casa: 0

Tempo em que residem no local: 49 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (X) – Adquirido pela verba Cesp

Bairro: Centro

Cidade: Redenção da Serra

Profissão: Comerciante Aposentado, vende quadros e poesias e CD's

Número de mantenedores: 01

Número de moradores na casa: 01

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos: 1

Com quem mora?

Moro sozinho a 17 anos, minha madrasta faleceu.

No começo que minha mãe morreu eu era muito novo, era muitos irmãos e minha mãe morreu nova. (chorou)

Quem que mora aqui?

Moro sozinho.

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Como que eu vim aqui?

Primeiro era lá (mostra Cidade Velha) então meu pai era carpinteiro e lá tinha o Padre X, o padre mais antigo de lá, daí ele ia fazer conserto na igreja , fazer banco essas coisas e meu pai foi trabalhar lá. Nesse tempo que minha morreu (chorou) daí eu fiquei com 4 anos, nem tinha nem 4 anos, meu irmão mais velho de 13, outro com 9 e uma irmã com 6, eu não tinha nem 4 e um menininho com 6 meses. Mas daí quando ela ia pra morrer, falou para meu pai. O nome do meu pai era Z de B, nome de bíblia, daí minha mãe falou assim: “Ah X, se eu tiver bem com Deus, daqui a 2 meses eu venho buscar o G”.

G era o pequenininho, com 6 meses, né? Então... Com 6 meses mais ou menos. “Se eu tiver bem com Deus e tudo...”

Mas ele tinha saúde e tudo, mas só que ia ficar com outra mulher para criar ele. Daí ele morreu.

Daí precisou dar ele para outra mulher que tinha morrido uma criança, era só leite no peito naquele tempo. Aí ela tava criando ele e ele morreu uma hora para outra não foi 2 meses. Ela veio buscar ele.

Mas daí o Padre, né? Ela que vinha cuidar de nós, a empregada do Padre. E tinha dois filhos também, era viúva. Daí o Padre falou assim: “ah N não é por querer casar, você precisa casar. Eu vou com a Escolástica, lá casar com a Escolástica, daí eu peço ordem para o Juiz, faz o casamento sem pregão e nada e daí pronto, casou.

Tinha 2 filhos dela também, cresceu tudo junto, sem dar briga nem nada. Até agora o filho dela, um morreu o ano passado e o outro morreu retrasado. Um era sargento em São Paulo, sargento e músico, e o outro chefe de sindicato em São José, daí tudo amigo, vinham visitar ela todo mês, né?

Então cresci, né? Ela ficou morando comigo mesmo. Não quis morar com os filhos dela não, nem em São José e nem em Taubaté. Daí tinha uma irmã dela solteirona também a irmã dela, casada lá; e daí o cunhado dela e a irmã dela morreram e ela veio morar com nós também. Morou 6 anos e para mim foi bom porque eu saia sempre gravar jogo por aí: São José, Silveira, Pedro de Toledo, lá para todos esses lugares radiar jogo por aí... Paraibuna, São Luiz, radiar e gravar, né? Por que nesses lugares não tem até agora locutor esportivo não. Eu também não casei, (risos)... esse de radiar, ... (risos) se ficava para radiar, né? Isso aí não é fácil, é dom, é dom que Deus dá.

Por que quem nasceu para radiar na casa minha, da família minha, só eu. Eu tinha um irmão, mas ele não podia não porque nasceu com hérnia, né? Não podia e o outro nem gostar de futebol, não gostava. Esse aí gostava, esse aí é vivo até agora, é são paulino também, mas também. Eu nasci e de primeiro, eu fui brincando de radiar e, coisa e não sei o que...e daí fiquei radiando. Daí a Difusora veio jogar lá, radiei. Daí fui com ela em Natividade, daí fui radiar com a turma. Mas daí eu pegava aqui, fazendo e daí quando inaugurou o campo em 1982 veio o radialista mais famoso do Brasil, todo mundo lembra dele, o Fiori Gigliotti da Rádio Bandeirantes de São Paulo. Eu tenho entrevista com ele e até saí no jornalzinho daqui da cidade e o cara quis vim entrevistar eu. Daí eu preciso por isso aí também, né? Daí

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Ahh.... agora a gente fica aqui. Não tem mais jeito de pescar porque a represa abaixou, né? Mas ia pescar e depois ficava aqui. Daí depois vou tomar um cerveja no bar, fico até umas onze horas meio dia lá e tem os quadros meus tudo a mostra lá na lanchonete da praça lá. A lanchonete é Jacu da Roça o nome dela, né? Então eu faço verso pra esses, daí ele põem na internet, né? Eu faço verso para essa turma toda. E daí fico tomando cerveja, vendendo os livros, depois eu venho aqui em casa, almoço e depois eu não saio mais, né? Daí eu fico aqui vendo televisão e ouvindo rádio. Isso aí

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

Eu sou católico, opa!

- Em que acredita?

Eu acredito em Deus, né? Em Deus, Nossa Senhora, São Benedito, Santo Expedito, meu padroeiro. Santo que já fez três milagres para mim.

Está ali no meu altazinho ali. O que tá ali ainda foi da minha avó. Aquela imagem ali do São Benedito ali. Naquele altazinho.

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Não, não. Só católica! Faz tempo que não vou a missa.

- Com quem aprendeu?

Meu pai. No meu tempo religião era sério não era essa tranqueira que tem agora não. Naquele tempo tinha catecismo, era Filhos de Maria, era Irmãos do Coração de Jesus, era Congregado Mariano, meu pai era congregado, minha madrasta era irmã de Nossa Senhora, do Coração de Jesus. Era naquele tempo, né? Naquele tempo o povo acredita mesmo! Fui até sacristão de Igreja. Fui católico desde pequenininho. Ah! Algum bobo aí que virou de religião quer fazer eu virar de religião. Eu digo: “não sou vira-lata não”. A Igreja Católica não precisa tá mandando ninguém convidar os outro a mudar de religião não! As portas de lá tão aberta quem quiser participar, tudo bem, né? Não vem encher o saco dos outros, fazer os outro perder tempo não. As vezes

algum colega meu que era, né? Era católico e tudo e virou e agora quer virar minha cabeça, não adianta, eu sou muito mais inteligente que você.

O padre estuda 15, 16 anos e você acompanha um bobo aí.

Tinha um comerciante aqui, o mais explorador de Redenção, um tal de V F dali. Um cara que só sabe explorar os outros, vai virar nessa religião dele aí. (risadas) é só para burro, comigo não tem jeito não.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Tem meus santos: São Benedito, Nossa Senhora, tem tudo ali o principal. Tem uma mesinha ali. Meu altazinho.

Não precisa ficar indo à missa não.

Sabe porque também? A missa aqui em vez de durar uma hora como é em todo lugar, na rádio, televisão. ... é uma hora que dura, né? O padre daqui faz a missa aqui durar 2 horas. Mas é pegar, ler o evangelho e ficar falando as outra coisa para o pessoal, daí ... isso é a mesma coisa agora, igual, ele é filho daqui, o Padre Afonso acabou com as festas que tinha aqui porque não quer o povo, dá fogado.... que é tradicional.

Na Redenção Velha tinha 4 festas: São Sebastião em janeiro, São Benedito no dia deles, em junho Corpus Christi e Santa Cruz em setembro.

Toda festa tinha esse negócio, e aqui no começo também, até o Padre W e depois o Padre Ique depois foi para Caçapava, tinha festa de São Benedito e Santa Cruz. Na São Benedito e São Sebastião que tem festa, né? O povo dava bezerro, saia para roça, né? O povo dava bezerro e dava gado. Eles compravam e davam fogado para o pessoal no dia da festa. Vinha o pessoal da roça, quem não podia, daí um dava leitoa, outro dava frango que fazia de prenda, fazia leilão de prenda, né?

Então, até eu fazia, fazia os versos de todas festas, fazia e daí o Padre: “ Sr. Jorge, faz os versos” ... eu fazia os versos da Festa de São Benedito, eu fazia os versos e ele colocava no programa e daí distribuía tudo aí para levar.

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?
- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

Ahhhh, não! Comemora nada não! Eu sou sozinho mesmo. Ah eu faço minhas festas só. (risos)

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Ahhh, não! Tem um quintal grande mas não, eu compro um quilo de tomate e dá para comer um mês.

(risos)

Eu almoço e não janto.

- Quem prepara as refeições?

Sou eu mesmo. Tem uma sobrinha minha que lava a roupa para mim, né? Meu sobrinho é aposentado da Caixa Econômica, ela é inspetora de aluno ali no Ginásio. Ela está se aposentando também, ela é uma gaúcha. Mora lá do outro da rua, lá em cima. Ela que lava a roupa para mim.

Ela que ficou de ir na gráfica para mim para fazer uns livros para mim vender. Fazer uns livros, né?

Eu vendo porque já sou acostumado, né?

Poesia então eu faço há muitos anos. Daí o Padre deixa uns pedaço, uns quadro, um rol em volta da Igreja, uns quadro.

Daí no dia dos pais, das mães, do professor, das crianças, eu pregava lá e já ia vendo. No dia das mães eu ia na missa da noite, do pai a mesma coisa e no dia da missa, no dia das crianças daí eu já subo no palco quando tem, no dia o aniversário do padre, eu ia tudo lá então,.... eu sou muito conhecido.

Na hora que quiser os livros, eu vendo....

Saiu duas vezes aí, tem a secretária de cultura aí, a Rita, ela mandou fazer e copiaram errado as poesias, fizeram errado duas vezes. Quem já pensou?

Agora pelo menos que tô agora, está tudo certinho as poesias. Então quero ver se minha sobrinha, ela tem o livro, ela tem com as fotos tudo colorida, ela comprou de mim. Para fazer a cópia tudo certinho, dá para fazer a cópia tudo certinho, está tudo escrito certo.

Pelo menos para isso, dá para fazer tudo certo, pelo menos uns cinquenta ou cem livros. Eu vendo.

Vendo direto aí, sou conhecido desde a cidade velha, né?

Radeio jogo, faço poesia, faço verso na hora, faço político. Faço tudo aí.

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Aprendi com a minha madrasta, um pouquinho... porque saí depois ela morreu, daí eu peço explicação para os outros. Peço para minha cunhada, não sei o que... pronto e agora eu faço. Para mim para comer dá bem.

- Qual a refeição de datas especiais?

Para mim macarronada, se tiver eu gosto, ter um frango. Tem um colega aí que sempre faz rabada lá. Rabada com mandioca, batata, um tal de Rogério que vai casar com a minha prima que é viúva e ele também é largado da mulher. Vão casar logo. Então tô indo lá dia de domingo. Ele está de folga porque trabalha de padeiro lá em Taubaté. Eu vou lá almoçar com ele.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Os meus quadros vem tudo pronto para mim.

As foto pequena tem que faz para mim. Tem uma gráfica que faz essas fotos grandes para mim.

Tem uma gráfica. O marceneiro vai quase todo dia para Taubaté. Já faz muitos anos, ela já manda fazer as fotos grandes, ela já vai e traz para mim. Ele mesmo põe no quadro para mim. Eu só pago para ele. O meu trabalho é só vender.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Não

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Tem só uma mesa aqui, uma mesa aqui porque ele era marceneiro.

Tem a mesa, um banquinho aqui na cozinha.

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

(ri muito)

Ahhh o meu é tomar cerveja, eu tomo direto. Todo dia!

É o que gosto de fazer. Lá tô tomando cerveja, tô conversando, a gente faz bate-papo com a turma, vendo os quadro, vendo CD, agora vai sair o ao vivo e vô fazer o lançamento lá na lanchonete da praça. A Lanchonete chama Jacu da Roça. Jacu da Roça. Agora é restaurante também. agora se vou conseguir que saia o “ao vivo”, agora vai sair o “ao vivo” para mim e vô fazer o lançamento lá.

Já teve festa lá. O Arraial da gente foi dia 3 de maio. O meu sobrinho que ajudou, meu sobrinho que era secretario da cultura, veio pessoal que de Pindamonhangaba, de Mogi, morou aí daí vou assinar o CD, vou pegar o CD, dar uma tarde autógrafo. Daí o cara põem na internet, “a tarde de autógrafo de Jorge de Aquino – na Lanchonete Jacu da Roça, no dia 3 de maio”. (sorrisos)

- As crianças da família brincam com quais objetos?

(pulou a pergunta)

- O que fazem quando encontram os amigos?

Tô lá todo dia, direto e sempre tem amigo lá junto comigo né? Gosto de futebol, radiar jogo, né?

Rotina

- Escutam músicas?

Ó, escutar ... escuto muito sertanejo, lá sempre tem. Lá na lanchonete tem o F que sempre faz propaganda, é locutor de festa, sempre tem animação. Tem propaganda do comércio lá. Não tem ordenado, então o V dá uma chance para ele, os comerciante dão uns trinta real para ele fazer o comercial uns quinze dias então, ele faz propagando do comercio aí, coloca umas músicas que eu gosto. Música sertaneja, forró, essas coisas. Música sertaneja eu gosto, eu cantava também música de seresta. Na igreja lá eu cantava no coral , tinha 20 moça e só eu de homem no tempo que cantava missa em latim ainda. No coral lá fazia um teatro, nós estreava um teatro por mês e eu cantava música de serestas antiga nos intervalos, tinha 2 intervalos e eu cantava então Nelson Gonçalves, Vicente Serestino, porque eu tenho a voz rouca, então para mim era moleza. (sorriu muito)

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

Ai! O meu pai era muito isolado, era marceneiro e trabalhava direto e quase não dava tempo de dar apoio para a gente, a madrasta a mesma coisa e depois nasceu mais crianças. Eu ficava desde pequenininho, eu já cantava, então o Padre José, eu cantava música sertaneja naquele tempo, pequenininho, 3, 4 anos e o povo gostava. Então ia para o Mercado, cantava e o povo rodeava e todo mundo dava dinheiro. Daí chegava época de festa e tinha padre de fora lá, passava filme de cinema mudo, né? Naquele tempo bem antigo mesmo, então os padre, em cada intervalo eu subia lá para cantar uma música pra turma ouvir. Também o Padre José me levava no púlpito da Igreja lá para mim rezar, para pequenininho eu era bem inteligente, né? Era para o povo ouvir.

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

Tem não.

Naquele tempo não era disso.

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Eu gostava, naquele tempo né? Ahhh dançava. Era só na base de conjunto, né? Antigamente. Era só bolero. A professorada. A cidade era muito difícil a condução para as pessoas de fora, tinha ônibus só uma vez por dia. Vinha professora de São Paulo e as professora ficava lá. Daí vinha os marido dela, namorado, e elas ficavam a maior parte do tempo lá. Daí dançavam e tinha disco, vitrola lá. Mas naquele tempo era só na base do bolero. Era só bolero, no tempo dançava coladinho. Naquele tempo, né. As professorada lá. Quase toda noite tinha musica. Nos dançava (risos)

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

A gente não gosta de trovoada né? Trovoada com vento. Pedra. Pior que tem.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

A primeira professora que começou. Até no meu livro tem uma poesia que fiz para ela. Dona H, prima do Dr. L que tem uma fazenda na tendência aqui. Ela foi minha primeira professora minha quando entrei na escola. Deu aula só uma só, depois foi estudar para ser advogada. Tenho carinho para mais de metro.

Sempre mando as coisas para ela, poesia. E ela até fala a poesia aí no livro.

(mostrou o livro que ganhou da professora)

Esse livro ganhei em 1950, depois de 1949, né?

Eu tenho até agora, a maioria dos alunos eu duvido que tenha.

Eu morava bem a par com o grupo, tinha sala de menino e sala de menina, né? Eu pulava o muro e já tava no

Grupo escolar (sorriu muito).

Podia acordar na hora.

Eu aprendi, eu era ajudante do Bispo. Tinha regra, tinha diploma, tinha tudo isso.

O grupo escolar lá na Redenção Velha quando eu tava com 5 anos e a irmã minha que morreu tinha 7 e um fotógrafo tirou a foto.

Depois eu até repeti um ano no ano que entrei e depois e fui direto. Até tirei diploma meu 1.949. Naquele ano foi a maior turma que tirou a melhor nota que tinha, tinha 40 alunos com as melhores notas. Naquele tempo não era 1,0; 2,0; assim 10,0. Era naquele tempo de 50 para cima, né?

Lugares

- Gosta de onde vive?

Uhhhh! Eu só falo coisa bem daqui.

- O que mais gosta daqui?

Esse Padre A morou bem a par comigo, mas não gosta de falar que é daqui não.

Ele fala mais que é de Taubaté, morou em Aparecida e tudo ... mas não fala que é daqui.

Bem nessa casa aqui (mostra casa ao lado).

Meu maior orgulho é falar de Redenção.

Essa cidade é bonita, né?

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Não tem lugar não.

Os parente não vem aqui não.

Não tem.

Namorada eu não tenho (sorriu).

- Quais são seus passeios? Por que?

Aqui mesmo.

É feliz aqui?

Muito né? O maior bem.

O que quer deixar de lembrança para sua família?

(mostra o altar da casa com os santos da família: Santo Expedito, Nossa Senhora das Graças, Capela e da Hostia Sagrada)

Quero deixar o de radiar jogo, isso não tem em nenhum lugar, cidade pequena não tem. Isso é importante.

Quais seus valores?

Tudo que tenho.

O mais importante de tudo

Que tudo mundo gosta de mim, falam de mim, que era poeta, locutor esportivo.

Quando chega gente todo mundo pede as coisas para mim.

III . Observações importantes do Pesquisador:

Tenho muita lembrança da Redenção Velha, de festa ... tive bazar lá, carro de pipoca na Praça. Fiz a festa de centenário de lá! Juntava tanta gente.

Todo mundo que morava lá, não veio morar pra cá.

Muita gente que morava com os pais foram embora. Com essa represa que veio o povo foi embora.

Acabou tudo. Não tem mais gente.

A represa veio e tudo acabou, não tem mais a gente que tinha. Foi tudo.

As festas de fogado tinha gente, agora acabou... até as festas.

A vida era melhor lá.

Naquele tempo a gente era novo.

Namorei muito mas não casei não.

Meu pai era marceneiro e fazia tudo para essa povo das roças. Todos os tipos de móveis ele fazia. Eu ajudava com ele. Envernizava móveis.

Lá era bom.

ENTREVISTA**I . IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 04 M

D.N.: 03/09/1950

Estado civil: Divorciado

filhos: 6 registrados

agregados na casa: 3

Tempo em que residem no local: 10 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Bairro: Capim D'Angola

Cidade: Paraibuna

Profissão: Vive da aposentadoria do pai e da mãe, vende rede de pesca para pitar .

Número de mantenedores:

Número de moradores na casa: 3 pessoas

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 1

acima de 61 anos: 2

Com quem mora?

Com Pai , Mãe , irmão .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Do lugar que morava pra vim morar aqui ?

- Ah , foi vendido a propriedade no R. e foi comprado pra cá .

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês:

Eu pesco tudo dia cedo , cedo e a tarde , certo ?

O pai fica dintero em casa , N. (irmão) fica cuidando do servicinho dele , cuida do pai, Cfai tudo aqui, arruma peça de carro, fai uma limpezazinha , cada um tem que fazer sua parte .

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?
 - ah , a minha religião que eu pratiquei, num virei , só que hoje não pratico mais é católica porque quem é separado num pode comungar, então num pode praticar.
- Em que acredita?
 - Deus ,

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Ah, eu vô as veiz na missa católica , mai as veiz em culto evangélico tamém, porque a turma convida pai , (risos) vô tamem num tem probrema, mai rezo , rezo normalmente como todo católico reza ,sei reza tudo , se abusa eu rezo mior que ocê , sei mai reza que ocê , não desaprendi não .

Agora sô muito prático vô no cemitério religiosamente uma veiz por méis, isso num tem boca não, levo uma frorzinha tenho meu filho lá, tem meu irmão , tudo lá ,mãe , vó e os amigos , risos .

Mai já vai pruns 10 anos que faço isso , Faiz uns 10 anos que faço isso , religiosamente

Mai rezo 3 ave Maria , 3 pai nosso ,e até logo , num dianta fica com muita (silêncio)

- Com quem aprendeu?

Primero com a mãe né, depois eu fui da cruzada da E.,

É eu fui cruzada da E. , eu fui daquelas , ate os 14 pra 15 anos eu usei aquelas divisas , aquelas grau alto, lembra que tinha umas divisa tudo mundo queria chega nas divisa mai importante né ?

Então eu cheguei, o mai xarope do bando tudo la da eu falei pro, era o J. porque ele era tamem da divisa alta , mai queria , a vida intera ser mais que tudo mundo , tudo na vida e num mudo , num mudo nada até hoje que cêmai que tudo mundo .

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Tem , tem santos , bíblia , terço ,

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

- Bom é difícil sigura , eles mai tudo batizado na igreja católica (risos) .

Fala verdade pro cê é assim ,tudo batizado na igreja católica ma que i vai , num que ih num vá . (risos)

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

- Ah , é , eu participo porque é o dia ne , mai assim , é acho pra mim a data mai bonita que eu acho é triste , mai eu acho mais bonita é a procissão do nosso senhor morto , pra mim é da , de tudo as coisas pra mim , acho lindo aquilo ali, o dia sabe, pra mim o dia mai lindo , ninguém extravasa em bebida , nada tendeu .

Aquela é a pra mim o dia do catolicismo dia do senhor morto , a procissão , hoje acho que não tem nem banda mais né, coisa linda né, a Madalena canta né.

Coisa que só pra quem participou muito tempo , nunca sai da memória , então é isso ai .

E sexta feira santa pra mim é o dia da paixão que o pessoal fala , dia das armas , dia de ramos também , domingo de ramos muito bonito , fala verdade, é muito bonito , eu acho lindo, Nossa Senhora , a pessoa por mais malandro que seje purifica nesse dia (risos) . Ele dexa de lado toda safadagem dele .

Carnaval perto de malandragem é fichinha , carnaval não é nada mais .

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Tem uma hortinha só, tem pomar né , laranja né , banana .

Ah, eu , aqui tenho diário aqui é peixe , porque eu pego na rede , eu sei pesca , vo lá e pesco . então isso tem mesmo .

Fora isso tem , ovo .. ovos certo , e galinha e alguma verdura .

Sempre foi assim , sempre foi isso ai .

- Quem prepara as refeições?

Então eu , e o N. meu irmão .

Noi dois .

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Eu , aqui aprenderam com a mãe , eu aprendi sozinho , porque o seguinte vo conta pro cê quando tinha 11 pra 12 ano , meu irmão H. que morreu tinha 15 anos morreu no Paraíba , no rio ali á ai minha mãe mudo pra cidade , então fico eu ,com a Z. que vinha meio de semana , eu e o pai vinha na cidade , nois 3 , mais as veiz a Z. não vinha , então eu tinha , o pai punha o feijão pra cozinha , naquele tempo na panela , calderão.

Sabe porque ele falava, tempera o feijão ai e faiz o arroiz , ai aiaiii eu aprendi .Isso é conseqüência da vida .

- Qual a refeição de datas especiais?

- Ah comida que você fala ?

Normalmente é frango assado , leitoa assada , não tá se fazendo mais por causa , não pode come né..

Mais pode por frango assado e leitoa assada porque sempre não faltou .

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Ah o esqueiro eu não fico sem , eu fumo ne , então não tem como , ham o quador de pano , colher essencial né, tudo que você vai fazer usa colher, usa colher pra por o pó no quador , pá adoça o café , prato.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

- Essas cadeiras , foi o N. que feiz .

O N. é bom carpinteiro , esse banco foi feito também , um é de ... esse banco e essa mesa , feito de ipê , de ipê amarelo mai, não foi feito aqui foi feito em 1975 parece na cooperativa .

Tá com 40 anos.

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

- Ah, eu sinto falta de duas coisas , pertence né ?

De um cachorro , que nois chamava de Bilu , coisa de criança (risos).

E o rio, nem tanto porque tem represa e substitui bem né , mais eu sinto muito falta do rio correndo sabe .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Objeto mai antigo que tem aqui , uma fotografia do meu avô ,mãe do pai com o pai , minha vó .

E a fotografia de um padre irmão do meu avô tio do meu pai , são os mai antigo que tem aqui .

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

Ah, pra mim é pesca .

Num to podendo sair qualque hora , num posso largar ele sozinho ,mai eu vopa represa, é gostoso .

Minha represa aqui é limpinha, pertinho da estrada tem um pé de jaca, da aquelas jacas . Bonito mesmo.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

- Ah só tem o J do S que tem 12 anos já .

- O que fazem quando encontram os amigos?

- antigamente era música , e joga baralho.

Agora não encontra maininguém.

Rotina

- Escutam músicas?

- eu escuto música, eu gosto de música.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

-Triste , foi a morte do meu irmão de 15 anos, se afogou , foi nada i se afogo , não é no rio mesmo tava pá enche a represa de Santa Branca , aquela de Paraibuna enche ela , mai não tinha enchido ainda , eu vi ele morre isso foi mais triste , foi muito triste na minha Vida , que o meu irmão morreu e meu fio morreu (choros).

Meu filho foi jogar álcool no fogo, ai tinha brasa , fai 12 anos , e morreu , sarou, ai depois lá na santa casa cismaram e foram faze uma cirurgia nele para reconstrui , ai eu falei não vai agüenta deixa pra quando ele cresce um

poço mais, ai ele não guento a nestesia e morreu e já tava salvo, isso que é duro, farto dinheiro, se tivesse dinheiro tinha consurtado na época ficava caro, na época ficava em 15 mil real, para transferi para um hospital , ele morreu de infecção e o que mata , nessa santa casa é infecção , adianta nem fala mai.

Agua mata e fogo mata.

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...
 - Bença, bom dia, boa noite, uma frase que tudo fala, que é bem antiga , era muito usada no geral , em tudo lugar que eu andei era “ai caboco ” como que tá ai caboco, onde cê vai se tá ouvindo, acho que éa frase que mais, na minha opinião é mais popular na religião nossa .
 - E caboco , como que tá caboco , né .
- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?
 - A nunca liguei, pra essas coisas não.
- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?
 - Nada, ah tenho medo da morte isso eu tenho (risos) , Oh burro! Tenho e não tenho, sabe porque , porque a morte é uma coisa eu aprendi , a morte o cara me ensino, se você pensa de mais na morte morre na hora , viu se pensa demais na morte morre na hora , a coisa é feia, passa um dia depois tem 15 para uma trancada pra traiz , Oh vô conta pro cê , eu do exempro da minha idade, 64 anos ate 100 tem 30% vivo, meus amigo de infância , adolescência , num tem mais quase ninguém , morte num pode pensa muito.
- Quem te ensinou a ler ou escrever?
 - sei, a escola , a primeira escola foi aqui , primeira dona R M de , nunca esqueço , uma mulatinha , era carioca , deu aula, ali no M C, tinha uma escolinha ali , eu tinha nem 8 ano , nem 7 , estudei 1 ano, ali não me lembro mai o H foi pá cidade não tinha quatro ano na roça , fomo pra Paraibuna , a

minha escola foi o Cerqueira César, e depois o 1º, 2º, 3º, 4º ano do grupo que agora é 4ª série que vocês falam porque ali tinha um ano a mais na escola, tinha vestibular hoje é direto né, no tempo do meu pai, só entrasse na particular, as matérias era história, geografia, matemática, português, os professores são: Geografia o RV, e português, matemática era o TP, e história, só que tem detalhe quem dava exame pra nós, não era eles, quem passava os exames era professores de Ginásio, aí eles pegava seu G português que não era mole, aí eu passei na admissão, mais sozinho, 5 ali. Sempre ruim em português, eu pronuncio bem mais. Lê eu leio bem mais, bom pra pronuncia mais, pra escreve minha letra.

E então eu estudei no Cerqueira Cesar, hoje tem o 1º, 2º, 3º ano, e o 4º de grupo eu fiz no Instituto Santo Antonio, colégio, com a Nta viva ta fortuna (risos).

N, deu aula pra gente, eu queria, seu RV deu aula pra mim, T P deu aula, a dona Jurema muie do T P, ta viva seu R que deu aula na serie morreu, primero ano não sei, porque a M L sumiu, não tenho curiosidade também mais deve te morrido, então tem o T P, a NF, são vivos, depois do ginazio que parei de estuda, fiz dois anos, na verdade fiz dois anos da primeira serie, fiz admissão passei larguei Mao, aí vortei estuda a primeira serie fiz de novo, fiz ate terceira. hoje fiz a sétima, se pergunta pra mim historia de minas Gerais é fácil.

Lugares

- Gosta de onde vive?
 - eu gosto de todo lugar que eu fico, pra vive bem tem que encosta no lugar que tá, eu vive num lugar.
- O que mais gosta daqui?
 - ah, a hoje aqui é a represa.
- Onde leva as visitas para conhecerem?

- normalmente aqui fica , aqui fora, aqui dentro as coisas da mãe .

- Quais são seus passeios? Por que?

- As vei, eu vô na cidade , Paraibuna eu vô , .

É feliz aqui?

_ a felicidade pra pessoa tem um ciclo, ai acaba , ai tem que aceita a vida como ela é , da maneira que tá .

O que quer deixar de lembrança para sua família?

- alguma historia vai fica na boca do povo , risos ...

Alguma historia, na boca do povo , o ruim vai fica , porque sabe que fica ne .

Eu conheço historia do seu pai até hoje, noi conta , história do seu pai , do C do L .

Esses dias eu contei uma historia , uma verdade .

Quais seus valores?

- isso nunca fiz, pra mim a coisa mai importante pra mim é chega em qualquer ambiente, qualquer lugar eu chego e saio, isso é muito importante , pode se com militar com oque for , delegacia ,a alta sociedade , no cuba e no são guido .eu cheguei a minha conclusão .

A religião católica caiu muito , porque muitos caso e separou .

O mais importante de tudo

ah , primeiro é tá vivo , i a vida em si .

III . Observações importantes do Pesquisador:

ENTREVISTA**I. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 05 F

D.N.: 23/03/1945

Estado civil: casada

filhos:

agregados na casa: 2

Tempo em que residem no local: 20 anos

Herdado (x) Adquirido / Comprado ()

Bairro: Retiro

Cidade: Redenção da Serra

Profissão: do lar

Número de mantenedores: 1

Número de moradores na casa: 2

Os vizinhos são familiares (x) sim () não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos:2

Com quem mora?

- Marido há 52 anos .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

- ele que quis, depois que aposentou lá, morava em Pinda , tenho minha casa lá , se eu não guenta mais aqui to lá, hoje vou pra lá ,é que vou no dentista vô cuida de umas coisas daí vou pra lá , então daí tenho a casa lá, ele se aposentou e quis vim pra cá , e nois que fizemo tudo isso aqui , não tinha nada aqui só mato , sabe onde a gente ficava .

É pra conta a historia ? risos ...

Embaixo daquela arvore ali, uma arvore bonita que tem ali, agora tá cheia de tranquera mais é, noi limpava fazia churrasco,punha uma cerada, oia eu que tôfalando. Então daí a gente ficava embaixo dessa árvore, não tinha nem água , daí ele foi lá na mina, lá no fundão, esse homem é meio fogo sabe, e tem ele com a perna puro barro,uma minhoca pendurado assim, foi filmado tudo sabe mais agora não sei pra onde foi o filme, o ladrão carregou, daí noi ficava aqui embaixo da árvore, no trazia um pouco de água de lá pra gente fazê as coisas ne ,mais já tinha represa ne bem, já tinha,mai não tinha nada, não tinha essa casa, só tinha mato, e ele enfrento, eu fiquei meia assim vô ou não vô , daí um dia vim com a minha mãe aqui que Deus a tenha lá no céu , eu falei mãe não é loucura do P fazê isso, vim morar na roça com esse mataréu aqui e nois, ele quéfazê casa, que faze isso, faze aquilo, ela falou assim :

- A filha se ele que, faça o gosto dele, minha mãe era muito amor dele, ela gostava muito dele, que sogra não gosta muito do genro, ela gostava, ah fia se ele gosta da roça e que vim venha, se Deus quiser, Deus ajudar que vai dá tudo certo, e graças a Deus, vivemo né, foi uma luta, foi uma luta. (risos).

Pra você vê não tinha aula, não tinha casa , tinha dia que a gente passava apuro, mai fomo lutando, lutando, na minha casa acho bom você chega lá, noi vinha de caminhão pá fazer a casa, durmia no caminhão, fazia comida no caminhão, caminhão baú, meu irmão tinha um caminhão baú, daí noi ficava dentro do caminhão baú e lá fazia , pegava canequinha de água e jogava assim, pra toma banho, isso e conseguimos toma banho, agora eu entro da minha casa, tenho água graças a Deus , tem luz tem tudo , agradeço a Deus , e assim foi, ai foi fazendo as casinhas, foi agora já tem, uma, duas, três, quatro, com a de casa mesmo , o resto é ranchinho, então a luta foi essa ea gente continua Graças a Deus, agora vem essa tempestade da Cesp, arranca tudo, acaba com tudo, porque aqui dava uma rendinha pra gente,do pessoal , agora não tem mais , agora tá mais , na crise né, então , eu sei.

Como vivem aqui?

Conte-me a rotina de vocês.

Então, levanta cedo e trabalha o dia intero,o dia interinho num para, eu vim agora atrais dele pra me chama pra gente ih, porque eu tenho dentista, pra ih hoje em Taubaté, daí se , a hora voa ne , se ele fica aqui trabalhando eu não vô chega lá no dentista, mai daí já preparei minhas coisa, lá porque eu faço um quejinho também, queijo, requeijão, daí eu tenho que levar também pras pessoas, que querem, você não comeu meu requeijão não ne ? se quizé, tem café, hoje ele que leitoa, a leitoa é lá em frente aquele mato, é isso, agora a gente tá meio triste, porquenois não vamo pode fica com o Z,(risos) minha amiga minha companhera, noi não vamo têdinhero pra paga eles, esse que eu tô sofrendo já entreguei na Mão de Deus e Nossa Senhora .

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

- eu sou graças a Deus, lá eu tenho a capela, tenho tudo , capela lá é lindo , as criança leva flor , ela é Rita e tem Santa Rita, eu também gosto , ela é Rita, aqui noifai oração, tem a capela tem missa, a minha bodas de ouro foi celebrada na minha capela, oia que bença,tem as coisas boas né, aqui tem muita coisa boa, só que a Cesp vem me torra a paciência, não tem problema eu tenho que desabafar, tô falando a verdade .

- Em que acredita?

- graças a Deus , acredito , muita fé em Deus e em Nossa Senhora .

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

- Participo, nossa eu já participei em Pinda, eu já era , fazia encontro de casais, participava , aqui noi fomo coordenador da pastoral familiar, sabe, nois dois sabe, a gente que coordenava , só que agora mudo o padre mudo , um foi pra lá outro pra cá, acabou a pastoral mais eu participei, eu ajudei muito, bastante, agora o que eu faço aqui na roça a gente reza terço todo méis numa casa, um dia a gente reza aqui, outro dia no meu irmão, no meu primo, outro dia na minha capela a gente faiz uma oração em família e vizinhos a gente reza .

- Com quem aprendeu?

- Com a minha mãe, minha vó, quando eu era pequenininha eu ia de companherinha com a minha vó andando por essas estradas aqui pra ih na igreja, e ela era zeladora do coração de Jesus, dona O, ela tem, o retrato dela lá em casa, você tem que ir lá em casa, então a gente nasceu né? Graças a Deus, minha mãe, nasci naquele morrinho ali, nois tudo nasceu naquele morrinho ali, minha mãe teve 8 filhos, tudo ali sem pré natal, sem médico, sem nada e tá tudo vivo graças a Deus, tudo com saúde.

Eu fui a primeira então eu ajudei a cuidar de todos, risos ..

Quando era pra eu continua meus estudos eu não pude porque tinha uns 3 pequenininhos pra cuida, pra ajuda a cuida, então ajudei a cuida.

Mais graças a Deus casei, nova né, casei com 17 ano, mai tive 3 filho, graças Deus tudo bonito, tudo com saúde e tenho 9 netos, a urtima é A B, minha fofinha e é trabalhadeira, domingo ela teve aqui ela quis água todas as prantas, pega a água pra joga na plantinha, vai faze 2, panho a frorzinha vô levá pro papai do céu, levo lá na capela, tá cheio de frorzinhá que ela levo, então essa daí é a alegria da gente, ne éa coisa mai linda, éa AB, ea vida é essa, a gente vive bem, eu gosto daqui, gosto da minha de Pinda também, eu chego em Pinda os meus vizinho fala tudo assim, são tudo evangélicos, meus vizinhos de lá, o B. Eu tôorando pra você volta pra Pinda, eu falei a vai orando que é bom, reza ora, tudo tá bom, ele fala eu tô orando pra você volta pra Pinda porque a gente moro muitos anos lá também, graças a Deus tem uma boa amizade, tá tudo meio veinho.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

- Nossa Senhora, tem a capela, tem santos, bastante santo, eu só, graças a Deus tenho Jesus misericordioso, um quadro desse tamanho assim, na sala, tenho sagrada família tenho Santa Luzia, que é protetora dos olhos né tenho são Pedro, Santo Antonio, nossa Senhora Aparecida, um crucifixo, você vai te que ir lá, se você for religiosa vai te que ir lá, risos ..

Tenho Santo Antonio que eu o sitio é Santo Antonio , então é Sitio Santo Antonio .

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?
 - Todos graças a Deus , minha filha é religiosa eos meus netinhos, ué o F neto meu foi batizado na capela, você precisa de vê , ele chega e fala o vó vamoláfazê uma oração na capela, ele é uma fofura sabe, tem 10 anos. Vai fazer primeira comunhão esse méis .

I daí ele vai né, agora ele tá maiorzinho, mamô reza uma missa ai ficava, diz antes ele falava assim:

- vô é aqui a gente vamo reza uma missa ai ficava, daí rezava uma oração, agora acabou a missa vou te da uma uvinha pra sinhora, porque lá embaixo tem uma igreja só que criança vê as coisas e grava né.

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?
 - Tem, reúne família, aniversário, natal, páscoa, também a gente reúne pra faze peixe, é sempre tem, a minha casa tá sempre cheia de gente, sempre cheia de gente .

É festa junina, festa de São Pedro porque ele é P , meu irmão é P e meu filho é P você já viu quantos P e ainda tem um P por ai , P D, P G, ai diz que, que São Pedro fai uma festa junina, muito gostosa , cêquize vim , dia que cêquize vi dia de São Pedro, mai é por homenagem do meu irmão que fai aniversário no dia de São Pedro mora em Taubaté, aí reúne um monte de gente, mai cada um trai alguma coisa de festa junina, eu faço também um monte de coisa, é chocolate , vinho quente, quentão , essas coisas de festa junina , daí tem quadrilha, tem foguera, tem tudo, tudo de festa junina ai o pessoal gosta né R, aí vem os vizinhos e gente de hora né, então que comemora que é mai festivo mesmo é a de São Pedro, Santo Antonio , São João .

Santo Antonio venha porque cê vai olha Dona B, que Santo Antonio ilumine né uma boa pessoa.

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

- Tinha horta, a Cesp mandou tirar, eu vou falar a verdade, se ofender a Cesp, não é a história, tinha hortinha, eu senti, eu já desabafei com o R, da horta de tudo .

Tiraram , essa hortinha minha tiraram , só por Deus viu, ela levava verdura pra mim, quando eu não tinha ela levava pra mim quando eu tenho do pra ela, agora tenho ainda, uma pequinininha lá que, da prá eu reparto com o cê né R, do pra minha vizinha alface, repolho, na hortinha aqui rancaram tinha beterraba, porque o lugar é melhor de onde é a minha era maior, água lá, isso dueu, dueu, você vê destrui, nossa cê via gente entra e sai com sacola de repolho, couve, cebolinha, tinha tudo na horta, tudo que você pensa cherinho verde, teve que desmancha por causa da Cesp, então eu fico “P” da vida, você não tem culpa nem ninguém o R é meio metidinho daí falei umas boas pra ele, não vortomai, eu fui na audiência ele tava todo bonito lá no Juiz nem conheceu ele, mai eu cheguei e conheci cumprimentei, numa boa eu fiquei maguada, sei que ele não foi o culpado mai, deu dor no coração porque que diferença faiz uma horta, esse monte de terra que a Cesp pego nosso, isso tudo é do meu pai , só tinha um riozinho.

- Quem prepara as refeições?

- Eu .

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

- Minha mãe.

Oh, minha fia é ótima cozinheira melhor que eu agora (risos) .

- Qual a refeição de datas especiais?

- é doce de leite, é tudo , tudo quanto é coisa boa, a gente faz .

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

- aé, tudo é herança né do meu pai, da mãe, terço para reza , a reza que fai na em cada casa cada dia é herança do meu pai, ai depois da reza é café com biscoito, bolo né, bolo de fubá esse eu continuo, fazendo sabe essa semana mesmo noirezamo aqui em casa , veio Nossa Senhora das Graças ai depois da reza, coloquei aquela mesona de bolo, sanduíche de pão com carne , agora já melhora, que antes era café com biscoito, agora já ponho mais coisa né, queijo, requeijão que eu faço, eu faço e é herança da minha mãe, fazia vendia pra te um dinherinho pra vende coisa, pra noi, e eu faço ainda, isso é uma herança boa .

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

-ah, isso tem, banco de pau, é isso tem bastante mesa, tem uma mesa lá que você não tira do lugar, ele que inventa eu gosto de muda as coisas mais agora não consigo muito pesado (risos) .

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

- no tempo da minha mãe eu não lembro, oque ela tinha eu tenho , pilão de roça , poçoca herança da mãe ainda.

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

- então é isso pilão, o pilão que eu tenho lá, era da minha sogra, eu tinha ainda soco paçoca nele, no rancho lá, é isso ai da minha mãe que tinha não te mais é que ela fazia rapadura, tinha engenho, né engenho, rapadeira, cuzinhava mandioca noicumia com melado era tão gostoso, tacho aqueles tacho enorme, sabe de cobre não tem mais, roda d'água era coisa mai linda isso não tem mais .

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

- eu não tenho tempo dintero, então se não tem oque fazer, o que eu faço , eu rezo é televisão não so muito chegada não, só gosto assim da novena de Aparecida assisti interinha , foi muito bom, foi linda cê não assistiu , nossa foi linda , então gosto de reza , se eu deito um minutinho já rezo um terço pros meus vizinhos , pros meus filhos, amigos todos, oração em primero lugar.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

- meus netos, quando eles vem vão joga bola, quando eles vem vão joga bola, que cuida das plantas é brinca com que .

- O que fazem quando encontram os amigos?

-na minha casa, come oque tem e inventa mai pra fazer, graças a Deus ninguém sai com fome.

Rotina

- Escutam músicas?

- é o rádio é muito ruim lá em casa, agora to sem radio , agora , tem um maita uma chiadeira , é só chiadeira , nem tenho radio, mais televisão eu tenho daí eu escuto um pouco de música, programa bom, mai tem hora que não dá pra vê não .

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

- história do tempo da minha mãe, não tem muito, essa é uma triste pode marcar essa dá do que minha mãe sofreu fico duente porque ela por exemplo:

chupava uma fruta, ela plantava a sementinha e cuidava, acho que a laranja foi até assim e sabe e quando tava dando pé grande, e o povo foi cortando tudo pra ela foi mesma coisa de mata ela .

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

- meu pai, é meu pai oque ele não gostava nem que os empregados falasse era palavrão sabe, se tinha um empregado que chegava na mangueira , falava um palavrão pras vacas, ele falava oiacê o se quizé continua trabaiando aqui, cê num fale mais palavrão, nenhum dos nossos irmão fala ,que tem gente que fal , por hábito, num fala , palavrão , meu pai nunca deixo nem minha mãe, num falava, então isso é uma coisa que a gente lembra e isso eu passei pros meus filhos , que também não fala, minha filha, nenhum fala , porque eles também tem a recordação vô que não gostava de fala né, então é essas coisas que a gente grava né.

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

- eu não, a minha irmã C gosta ela , gosta .. a da leitoa .

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

medo , não tenho muito medo não.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

-foi na escolinha, Coronel Queiroz , a minha professor foi dona D , não existe mais , mais aprendi nessa escola né , Coronel Queiroz , ainda tem , ainda tem , mudo a cidade mai tem Coronel Queiroz tá lá .

Lugares

- Gosta de onde vive?

- Daqui , eu gosto , eu amo meu cantinho .

- O que mais gosta daqui?

- Daqui, das prantas, dos verdes, da água né, porque minha água é abençoada eu agradeço a Deus.

- Onde leva as visitas para conhecerem?

- ah , sai por aqui , vai na capela , vai no vê as prantas , tem um laguinho La que pega peixe, domingo meu genro pego dois peixe , duas tilapias , fritamo pra come antes do almoço, cervejinha (risos) e depois já saiu , meu neto quero macarrão vó, daí a vó fei mais coisa, daí ele comeu o pexinho frito, antes do almoço, então tudo isso a gente fai de bom né tudo é com amor e é gostoso é isso , né ..

Depois que tudo mundo vai embora ai fica sónoi diz, eu fico meio tristinha né.

- Quais são seus passeios? Por que?

É feliz aqui?

- Graças a Deus .

O que quer deixar de lembrança para sua família?

- ah tudo ne, já tá até passando nos nomes deles, ah eu acho que é a fé em Deus que eles já tão curtindo, em vai faze orações , é tudo isso , e eles gosta né graças a Deus , todos ...

Quais seus valores?

O mais importante de tudo

- È Deus , em primeiro lugar , sem ele não sou nada , já viu aquela musica do padre Alessandro né, nada , nada , nada ..

Então é isso ai tendo Jesus tamo com tudo, porque ate na hora do sofrimento eu também já passei por sofrimento quando meu filho sofreu acidente de moto, ele fico em coma 19 dias lá em São Jose trabalha na Petrobras então esses dias tudo eu fiquei com ele com ele lá, mais mesmo assim lá na hora da dor eu entreguei ele para Nossa Senhora e para Deus, se ele, tive de ser meu , ele vai ser chega lá o quadro do ML de M está grave , mais a minha fé foi maior e graças a Deus depois de 19 dias ele abriu os olhos e disse :

- mamãe, me dá um beijo.

Daí cê já viu né a mãe fico feliz, ai a psicóloga deu um papel de cabeça ai ele assinou o nome dele e escreveu obrigado senhor, foi o que ele escreveu primeiro, e hoje graças a Deus ele tá com saúde, tá trabalhando e preocupa , tá aqui pra ajuda, ele já ligo hoje pra mim . Ele que ajuda o pai tem uma rural lá .

Os filhos todos são um amor, entre eles.

É assim as vezes tem um desentendimento, a pititica agora o meu filho, ela já fala tio PP ele é Pedro Fabio , então a família unida com saúde é tudo .

ENTREVISTA**I. IDENTIFICAÇÃO**

Nome : 06 M

D.N.: 1940

Estado civil: casado

filhos: 8

agregados na casa:

Tempo em que residem no local: 12 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Endereço:

Bairro: Dos Clemente

Cidade: Redenção da Serra

Profissão: mecânica (atualmente aposentado)

Número de mantenedores:

Número de moradores na casa: 3 pessoas

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 1

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 1

acima de 61 anos:1

Com quem mora?

Com a esposa e um filho R.

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

- Meio difícil pra mim fala (risos) eu resorvi na hora que vinha morar aqui viu , ai o cara queria vender aqui , ai fiz um rolo que eu tinha uma casa lá , ai fiz um rolo com ele aqui, larguei pra ele um sobrado e vim pra cá .

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

- faço nada , eu não faço nada , a eu vivia aqui porque eu um severo na água ai , tinha uma rendinha né então agora tão tirando eu não sei , tem que fazer outra coisa tem que sivira porque minha aposentadoria é um salário mínimo , pouco né ...

Daí falei pra mulher que mais da , porque o menino também ajuda ai , o menino trabaia , tem o dinheiro dele , paga alguma coisa pra mim .

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

- Católico ne

- Em que acredita?

- Ah, eu acredito em Deus né, nas outras coisas não ,acredito em Deus

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

- participo, aqui na Redenção mesmo, ali na chegada ali em baixo perto do daquele homem que tem restaurante, ali perto do J, tem igreja moderna, é tipo de um barco ali, há eu frequento lá, vô lá quinta- feira é cinco horas, saiu de La nove e pouco, fico no grupo de oração, na missa, depois vou domingo, essas coisas assim , porque todo dia não vou, mais freqüento sim.

- Com quem aprendeu?

- ah com a nossa mãe né.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

- tem umas imagens, tem imagem de Nossa Senhora, tem um punhado de santo ai ,

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

- ah sim, vem gente em casa, vem aqui faz umas coisinhas.

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

- ah (risos) horta não tem , tinha uma horta mais agora acabou tudo , ta La a horta mai tem que pranta , pranta tem, agora não tem água mais , tem supermercado aqui perto , ali , tem tudo ,

- Quem prepara as refeições?

- É, mulher que cozinha.

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

- Com a família dela, a mãe dela,

- Qual a refeição de datas especiais?

- ah não sei não (risos) é (risos) é, mai ah, fai La um frango assado, uma leitoa assado, cada um ano né dá pra fazer, então é isso aí.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

-não sei, canivete eu uso de vez enquanto (risos) .

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

-não.

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

- ah tinha vitrola , tinha um arto falante de da corda , radiola , mai que tinha em casa era monjolo de meu milho , faze quirera, faze farinha, roda d'agua não, a mãe dela tinha , tinha pra faze luz na casa dela, mai em casa era só essas coisas mesmo, plantava, carpia , roçava .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?
 - que tem aqui, é não sei viu, é o que pode ser, não tem nada, não tem nada (risos) deram fim em tudo.

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?
 - tem televisão, é dessa mais antiga, não é dessas novas, como que chama, tela plana não é dessas outra mai antiga, pesada, para ergue ela é meio pesada, pra muda de lugar.

- As crianças da família brincam com quais objetos?
 - tenho, mai não vem nenhum, só vem final de semana, ah fica andando por ai, fica atrais de cachorro, montando em cachorro, tem uns cachorro meio bravo , mai tem que é manso , punhado de cachorro, apareceu ai vai ficando , povo dexá perto de casa, eu tenho dó, tem 7 cachorro .

- O que fazem quando encontram os amigos?
 - amigo tenho, bastante , aparece toma uma cerveja , eu não tomo nada mais na geladeira tem aí, ah pode vim (risos) veiz em quando tem que lá compra cerveja, sábado teve um punhado de cerveja bebero tudo , aí hoje vô pra lá trazê mais umas duas caixa de cerveja e deixa ai, parece gente ai não tem, quarque coisa que vim aqui no fai almoço , se gosta de galinha caipira, porque aqui ninguém come , se mata um frango caipira aqui ninguém come, agora se for frango branco , nem ovo caipira eles não gosta , não sei porque, costumado né, na cidade .

Rotina

- Escutam músicas?
 - eu gosto de escuta música , num é todo dia mai gosto , de vez enquanto eu gosto, a música minha é daquelas mais antiga,.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?
 - ah gente alembra, a gente gostava muito deles , agora eu perdi meu pai faiz 8 anos que ele morreu , lembro até agora menina , é triste , é duro mai faze oque .

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...
 - ah tinha muita coisa que ele falava pra gente, só ensinava coisa boa pra gente , ensina a ser honesto , não quera nada que for dos outros , o que você deve pros outros você paga ,

 - Se parecia com alguma coisa em casa que não fosse nossa ele queria Sabe , já batia , não gostava dessas coisas , então foi oque a gente aprendeu , todos meus irmãos são assim , tudo honesto religioso , que nem nois morava no meio do mato , não tinha igreja perto , de cada um méis nois ia ne porque , não tinha jeito de ih , mais é essas coisas que nois a lembra .

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?
 - (risos) agora não, mais já gostei.

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?
 - vô dize a verdade pra você , eu não tenho medo de nada , nada, nada, nada, se fala que tem coisa ruim ali de noite eu vôlá só pra vê se eu vejo, não tenho medo de nada, não tenho medo de ladrão, de traficante, não tenho medo de nada, não sei porque, não tenho medo, pode vim, se for traficante

fica bravo eu enfrento mesma coisa , não tenho medo , Graças a Deus nunca aconteceu nada comigo, se eu fala que tenho medo de alguma coisa vo menti pra você , vô fala a verdade não tenho medo de nada (risos), só tenho medo de um castigo de qualquer coisa, uma palavra do meu pai tinha medo , uma palavra da minha mãe , mais nunca graças a Deus nunca, meu pai morou comigo, com a minha mãe depois separou ne , era separado , morou comigo 25 anos, dentro de casa, junto, só que ele gostava de fazer a comida dele ai fiz uma casinha de dois cômodos, que ele vivia , mais é , eu respeitava muito ele , queria muito o bem dele, ele gostava muito de mim , quando , nossa Senhora tinha uma preocupação comigo .

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

-eu aprendi na roça, um poquinho porque na roça assim também a gente não tem muito estudo, porque eu trabalhava de ajuda meu pai ne, 9 anos eu ia na roça , daí estudei atétercero ano, porque di primeiro tinha tercero ano, quarto ano, terceiro ano só, depois venceu o prazo , fica muito veio na escola , não queria mais .

Lugares

- Gosta de onde vive?

- ah eu gosto, daqui eu gosto.

- O que mais gosta daqui?

- aqui eu gosto de tudo, fala verdade pra você, eu gosto de tudo , gosto da represa , agora tá feio mais olhava aqui tava tudo cheio de água , tudo bonito, a turma vinha aqui tira foto ,era outra aparência , mai eu gosto de tudo , do pomar da água , das coisas .

- Onde leva as visitas para conhecerem?

- ah sempre que vem em casa , a gente não sai muito , vem aqui pra beira da água , pesca , anda um pouco aqui, ali em cima tem outra represinha , vai na Redenção , vai na igreja com nói ne ,é isso ai porque não tem outra coisa pra se leva (risos) .

- Quais são seus passeios? Por que?

É feliz aqui?

O que quer deixar de lembrança para sua família?

- ah eu quero deixa de lembrança o que a gente pode ensina pra eles , muito amor , porque a gente gosta de cada filho, não tem nem quantia né , e a gente ama tudo , e que vai deixa pra eles não sei nem o que eles vão ver, isso ai que podemos deixar pra eles uma religião boa, uma demonstração que nois vivia na igreja, nunca não ensino coisa ruim pra ninguém , coisa que a gente vê que compensa .

Quais seus valores?

Benedito:

O mais importante de tudo

- ah eu acho mais importante nessa vida pra mim , é a minha família , mais importante , meus filhos não tem nenhum que não gosta do outro ne, D. meu filho.

ENTREVISTA**II. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: 07 M

D.N.: 15/01/1957

Estado civil: casado

filhos: 4

agregados na casa:

Tempo em que residem no local: 41 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Endereço: Sítio São Geraldo

Bairro: Monte Alegre

Cidade: Natividade da Serra

Profissão: Pecuárta

Número de mantenedores: 1

Número de moradores na casa: 4

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 1

13 – 18 anos: 1

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 2

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

A esposa , e o casal de filho mais novos.

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

- então a gente, meu pai compro terra pra cá sabe , meu pai é de Minas , ai ele compro terra pra cá , a gente veio , a gente é de cá , Natividade mesmo , ai ficamos por aqui , crio raiz (risos)

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

- Faiz mercado na cidade né , não é são 4 quilômetros e meio , a igreja tudo , na cidade também , as coisas são tudo fácil , nada difícil , tem médico na cidade .

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

- católico,

- Em que acredita?

- Acredito em Deus ne , sem Deus a gente não é nada .

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

-a gente vai na missa todo domingo , todo domingo , só quando não dá mesmo que acontece alguma coisa mais nois vai todo domingo, na cidade, não especial nada .

- Com quem aprendeu?

- com os pais da gente né, minha mãe era muito católica, meu pai , minha mãe já é falecida sabe mais meu pai tá vivo, tá com 90 anos, ele mora com a minha irmã.

Tenho uma irmã que cuida dele.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

-tem oratório, Nossa Senhora Aparecida , depois você dá uma olhadinha ali .

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

- aprende né, como a gente aprendeu com os pais da gente ne os filhos também já aprende com a gente né, quando é pequeno vai tudo junto, depois que vai cada um pra um lado ne , mais quando é pequenininho vai tudo junto, esse casal que tá aqui continua, e eles são bonzinhos Graças a Deus , todos os 4 são bonzinhos, não tem vicio nenhum, são trabalhador .

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

- tem, Natal é ,todo dia santo , Natal, Semana Santa ne , dia santo noi comemora , dia de Finados , dia 2, é triste e não é , fica lembrando da família que já foi , tio mãe , irmão , perdi dois irmão também já .

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

-tenho, tá meio largada mais tenho (risos) ..

Couve, alface, é mais, é daqui tudo daqui.

Sempre teve.

- Quem prepara as refeições?

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

-deve se ne, com a família dela, cozinha bem Graças a Deus (risos) dei sorte nisso também, (risos)

- Qual a refeição de datas especiais?

-é , mais um frango assado, um churrasco né , churrasquinho vai bem não (risos) não mata ninguém.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

- ah não sei , assim maquinário , picadera , essas coisas , todo dia usa , tem que fica trato pro cavalo.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

- ah acho que não, única coisa que procuro melhora éo gado, sempre procuro a melhorar.

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?
- não, não tem nada que eu lembro que não tinha .
- Quais os objetos mais antigos de sua casa?
- agora você pegou, tem que se objeto mesmo, ah antigo mesmo é difícil , no momento não lembro, ah tem porta bíblia.
- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?
- gosto de descansa, deito no sofá ,em qualquer lugar, na hora que não tem nada pra faze sabe .
- As crianças da família brincam com quais objetos?
- a mais nova tem 12 anos, não tem brinquedo pra ela.
- O que fazem quando encontram os amigos?
- assim , eu tenho amigos , parentes, saio um pouco, passeio .

Rotina

- Escutam músicas?

-música eu gosto, hoje é mais musica sertaneja o pessoal mais antigo né, hoje não a moçada de hoje não gosta de sertanejo mais a gente já gosta de música sertaneja, que agrada mais a gente, é tem musica que é, nem todas.
- Quais histórias de sua família que guarda na memória?
- não tenho, sou ruim pra guarda as coisas (risos)

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...
-ah, isso ai, bença era sagrado, acordae cedo a primeira coisa era pedir bom dia, eos filhos da gente mesma coisa, aprende com a gente.
- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?
- não gosto não, quando eu era solteiro eu gostava, forró (risos)
- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?
-tem nada, não tenho medo de nada.
- Quem te ensinou a ler ou escrever?
-difícil agora, a professora, professor, mais a muito tempo.

Lugares

- Gosta de onde vive?
- gosto.
- O que mais gosta daqui?
-de mexer com gado da gente né, mexe com o gadinho da gente.
- Onde leva as visitas para conhecerem?
- a leva pra redondeza mesmo , pros vizinhos , bera de represa.
- Quais são seus passeios? Por que?

É feliz aqui?

- Sou feliz , graças a Deus

O que quer deixar de lembrança para sua família?

- a propriedade que a gente tem , o estudo deixa pros filhos né , isso eu tenho , fé
isso éo principal , tem que ter fé .

Quais seus valores?

O mais importante de tudo

- a saúde, a saúde, a primeira coisa éa saúde e amizade, importante né.

A saúde mesmo tem que preza, não tem oque faça sem saúde.

ENTREVISTA**IV. IDENTIFICAÇÃO**

Nome : 08 M

D.N.: 05/12/1970

Estado civil: Mora junto

filhos: 1

agregados na casa: 3

Tempo em que residem no local: 44

Herdado (x) Adquirido / Comprado ()

Endereço: Ribeirão Branco

Bairro: Estrada Ribeirão Branco

Cidade: Paraibuna

Profissão: Pescador

Número de mantenedores: 1

Número de moradores na casa: 3

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 1

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 1

36 – 45 anos:1

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

. Esposa , filho .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Nasci no Bairro do Ribeirão Branco, meu pai faiz 10 anos que faleceu meu pai e minha mãe, meu pai vivia lá e minha mãe na cidade, antigamente minha mãe morava lá ai a represa encheu e tomou o lugar ai veio morar pra roça ai meu pai continuo pescando lá, antigamente, eu era pequeno , antigamente não tinha barco a motor não tinha nada , era canoinha, a casa onde eu morava só tá os morão , pau a pique .

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Minha Rotina é pesca , uns tempo atrais eu fiquei um tempo pra cá porque não tinha estudo fui ate 5ª serie , ai não sabia se ficava pra lá , ou pra cá , antigamente era ruim de serviço aqui , ai sentei e falei com meu pai , ai ele falou X : eu criei 7 filhos nunca faltou nada pra nenhum deles , se um dia você tiver um filho ou dois , sempre na pescaria você vai ter seu sustento , pra cria seu filho , meu pai falou , falei pro meu pai tá vou fazê isso ,ai quando conheci ela , ela tinha 13 anos , pedi permissão pra mãe, pra vó tudo, ela não conhecia represa, não conhecia nada coitada, ai ela veio morar comigo, levei ela lá pra represa, era novinha tudo, ai chegou lá ela falou, nossa tudo isso de água, eu falei é , ai ela completo 14 ,15 ai depois que veio o filho né , ai ela tavalá na represa grávida , ai falei pra Ela que tava vindo uma criança e nois tinha que arrumar nossa vida , ai ficamo na represa , minha mãe , morava aqui nesse lugar aqui , minha mãe , ai minha mãe ficou doente

ne, com câncer na perna , com problema, ai eu tavalá represa com ela , eu noistava com a criança , ai fui morar lá com ela, ai meu pai , minha mãe queria que eu ajudasse dela , desse banho nela , fiquei com dó , e falei mãe vo te que larga a pesca pra cuida da senhora , mais deu depende do peixe , ai ela disse vem cuidar de nois que eu dou o leite pro seu filho, ai viemos cuidar da minha mãe e do meu pai, cuidamos 3 meses da minha mãe e do meu pai, na cidade, ai nois não agüento na cidade voltamos pra cidade de novo, fizemos nossa parte por eles, retornei pra La de novo ne , pra vive aqui na represa, ai noisdurmia em barraca, posava em qualquer canto com nois.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

eu sou católico ,

- Em que acredita?

eu vou em igreja católica , igreja de crente.

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

de vez em quando vou na minha ilha fazer minhas orações, vai pastor, pastora fazer oração lá, fazer aquele negócio, como que chama, leva jovens essas coisas , sempre eles vão lá na minha ilha fazer isso daí,

- Com quem aprendeu?

Minha mãe era católica e meu pai era católico, mais eu aprendi religião eu mesmo lendo, minha mãe e meu pai não sabia ler.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

tenho sim.

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

Ensino, ensino tudo pra ele .

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

nóis comemora sim , e o e a minha esposa porque nois não somos chegados em bagunça , nós faiz um natal feliz, sem bebedeira, eu não gosto dessas coisas.

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

cultivo sim, lá planto verdura, crio frango, tenho bicho também,

- Quem prepara as refeições?

Minha esposa fai , quando tolá eu faço ,

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

com meu pai , meu pai fazia tudo certo ,

- Qual a refeição de datas especiais?

faço, sempre lá na minha ilha , faço um peixe assado , traira cozinho , de peixe não , minha muie não gosta não, só alface e tomate, eu como carne lá.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

rede de pesca .

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Já fiz muitas coisas .

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

barco do meu pai, tem um barco lá já terra que tem 20 anos , não uso,mais .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Não sobrou nada .

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

eu vou consertar minhas redes , vê os passarinho canta eles pega amizade com a gente .. risos ..

- As crianças da família brincam com quais objetos?

Barco, fazendo essas coisas não gosta de brincar de carrinho .

- O que fazem quando encontram os amigos?

tenho muitos amigos ,a um tempo atrais os amigos meu vinha todo dia todo dia , ai tinha uma época que chegava 80 pessoas lá, durmia na casa , 20 em cada lugar, ai as pessoas falava pra mim liga pra arruma um lugarzinho antes, tá certo que a gente ganhava um dinheiro com eles mais chegava no domingo tinha que tomar um remédio pra dor de cabeça , minha esposa olhando gente dentro d'agua .

Rotina

- Escutam músicas?

De vez enquanto.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

ah tem,de antigamente essas coisas, antigamente era mais historia do que radio e televisão, meu pai contava coisas, que trabalhou com 12 anos , falava que tinha que fazer coisas certas se roupas eu ia apanhar, tem que ser honesto pra ter alguma coisa, pode ser o pobre que for, se for honesto vai ser bem recebido, mais se foi ladrão vai ser mal recebido.

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

.Ahhhhh não lembro!

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Não .

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

receio que eu tenho nessa vida é ladrão.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

antigamente , primeira professora minha foi a Dona B, ela morava na Vila de Fatima , mais não foi ela , antigamente a escola era pouca pra nois , nois ia pra escola pra come merenda , só pra come e pronto.

Lugares

- Gosta de onde vive?

Amo

- O que mais gosta daqui?

.Sossego, trabalho, pode trabalhar andando pela represa, vendo as coisas que acontece

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Tem uns cantinhos que eu levo as turmas , as grotas abertas .

- Quais são seus passeios? Por que?

O rio

É feliz aqui?

Pior que sou .

O que quer deixar de lembrança para sua família?

Meu trabalho , quero da tudo pro meu filho , agora com 10 anos estuda bem , minha mulher não quer que ele seja pescador mais eu falei pra ela que se um dia ele quiser ser, será um bom exemplo que nem eu fui .

Quais seus valores?

Gosto de ser certo.

O mais importante de tudo

Cria meu filho, da tudo de bom pra eles , a represa antigamente era tudo os rios .

ENTREVISTA**I. IDENTIFICAÇÃO**

Nome : 09 M

D.N.: 16/11/1947

Estado civil: casado

filhos: Tinha uma , mais morreu , era moça com 11 anos , Olha ela fico ruim, ficou 6 meses deu um tumor na cabeça dela morreu por isso ai . batalhei com ela o quanto eu pude .

Ela ia completar 11 anos dia 28 de abril morreu dia 23.

Agregados na casa: só eu e a esposa

Tempo em que residem no local: 38 anos

Herdado (X) Adquirido / Comprado () era da família

Bairro: Capim da Angola

Cidade: Paraibuna

Profissão: A minha profissão , eu sou aposentado , só que eu já trabalhei , aposentei em 97 por tempo de serviço .

Minha profissão era montador , trabalhei na Cesp , na Camargo Correia , trabalhei um punhado de tempo em São Jose .

Número de mantenedores: 1

Número de moradores na casa: 2 pessoas

Os vizinhos são familiares (x) sim () não

Aqui da minha família não tem ninguém, tem agora, família tá no Itapeva, em São José e Jacareí.

Moradores por idade: esposa – 65 anos

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos: 0

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos:2

Com quem mora?

Eu e a esposa

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Como que eu vim morar aqui , risos

Eu fiquei conhecendo eles em 70 , ai começamos a namorar , namorei casei fiquei na cidade , quando a minha menina morreu ai que eu vim pra cá .

Morava na cidade , sai do Itapeva com 18 anos , fui na Cesp pela primeira vez que foi em 65, sai da Cesp fui pra Caraguá, fiquei um anos lá em baixo não gostei , ai fiquei na Camargo Correia , e ai foi.

Tudo Paraibuna , porque láno Itapeva , o meu nome , só a única pessoa que assina L sou eu , o meus irmãos são tudo P ..P de C mais eu não sei o porque , meu avo pai da mãe era L, eu acho que é por causa disso ai , não da pra sabe porque foi , fui registrado com um ano.

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Não ,aqui tem um leitinho , que nois tira também , faiz um quejinho , mais nois da uma forza pra mulher também ,que é veia porque ela fica sozinha , na casa dela , o marido dela morreu dia 28 de outubro feiz dois anos já , então mais perto que mora aqui é nois , eu com a minha mulher , nois fica o tempo inteiro aqui , limpando, tiro cana , faço pinga , tira o leite um pouquinho , nois tira , nois meche com tudo oque precisa tenho dois cunhado mais um trabalha no Cesp mora na cidade, ele vem , ele dorme duas vezes por semana aqui .

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

- Sou católico.

- Em que acredita?

olha a gente tem que acreditar um pouco em Deus , eu acredito que a gente tem que ser uma pessoa assim levar uma vida que não prejudique os outros , eu acho que é a melhor coisa que tem é a amizade.

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Participo da católica só, eu vou na cidade, ate tem igreja perto mais ela fica fechada , porque todo ano faiz uma festinha ai , ano passado feiz , todo ano , as vezes é só sábado , as vezes vai a mulher do Rogerio não sei se

conhece,ela é ministra , sempre ela vai reza um terço, unir o pessuar e vai, aqui é poquinho gente, não é muita não

- Com quem aprendeu?

Pai e mãe, foram eles que me ensinaram.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Tenho bastante, tenho uma bíblia que todo dia eu leio um pedaço dela, mais santo em bastante, porque a gente acredita né.

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

Tava no catecismo.

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?
- Não eu sou uma pessoa assim, eu acredito em tudo mais dizer data assim , a tem data em um dia sagrada, a tem tudo igual , dia que gente respeita, dia novo , semana santa a gente vai na igreja mais , é uma coisa que eu acho que a gente deve de respeita mais, mais não que exista dia novo pra mim é tudo igual .

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Não, só tem uma hortinha, caseira.

- Quem prepara as refeições?

Minha mulher, prepara aqui pra sogra depois vai fazer lá em casa, duas veiz.

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Aprendeu aqui com a mãe dela ,

- Qual a refeição de datas especiais?

Tem, natal todo ano faiz assim,leitoa , nem que seje só nois dois , eles fazem aqui também e quer que eu venha mais eu não venho , não , fico La , natal e ano novo , venho depois , venho na parte de cedo , mais almoçar não , fico La em casa com ela .

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Na minha vida ? então mais , hoje em dia objeto que eu mais uso , é o barde de tirar leite ne , e aqui é mue cana , é todo dia , a pinga também é dia quase todo dia , difícil o dia que não fai , olha a gente Poe a garapa no fogo , quando muito tarde 7:00 , pra 3:00 , 3:30 ta pronta , sai 45 litro , ela cai devagarinho por pingos só , ela não sai de bica .

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Não , tudo comprado .(risos)

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

É lá em casa tinha pilão , tinha um aparelho de fazer farinha de milho que hoje não se vê mais .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Essas coisas... não tem.

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

(Risos) , vô fala bem a verdade pro cê eu gosto de dormir , ficar bem sossegado , fico sentado sozinho lá , ela quase não sai de casa , porque a mãe dela tem que ficar junto ne , porque La passa bastante gente que vem da pousada, chega para conversa, fica batendo papo , acho que isso é uma gostozura, pessoa que a gente não conhece , então as vezes chega , as veizto encostado na cerca La , ai falo não , entra aqui dentro, ai entra senta e fica papiando lá.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

Tem mais não mora aqui .

- O que fazem quando encontram os amigos?

Tenho, muitas veiz encontra eles lá em casa.

Rotina

- Escutam músicas?

Escuto , gosto de televisão bastante , tenho uns 50; 60 dvd lá .. risos risos ..de musica , moda de viola , musica antiga , internacional não gosto não .

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

Ah agora é meio difícil da gente saber , faz tempo demais né , mais meu pai sempre me falava pra mim , falava, dinheiro é bom , mais com a amizade não tem coisa melhor , você tendo amizade , e era desse jeito , cuitado do veinho morreu com 80 e poucos anos .

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

Minha mãe fico bastante tempo por mão da outra Irma minha, ela fico cega cuitada, 5 ano ou mais .

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Dança? já dancei muito agora não danço risos .

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

Do que eu tenho medo ? medo é uma coisa que é difícil né porque o medo eo perigo vai tá onde a gente tá , então não diante ter medo né risos

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Sei , na escola , no Itapeva , eu fiz a terceira serie no Itapeva ,já tinha casado, apareceu uma professora que ia dar 3 horas de aula por dia , ai eu fui , fiz a 4ª / 5ª em um ano só , pra mim foi melhor .

Lugares

- Gosta de onde vive?

Gosto , oque eu mais gosto daqui ? fala verdade eu gosto de tudo , porque tanto eu gosto , da turma da minha mulher.

- O que mais gosta daqui?

Eu gosto de fazer pinga , eu não tomo pinga .

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Vem aqui nois mostra tudo aqui .

- Quais são seus passeios? Por que?

Passeia? Passeio um pouco vou pra Aparecida , pra Atibaia , risos .. risos ..

É feliz aqui?

Sou feliz

O que quer deixar de lembrança para sua família?

Amizade.

Quais seus valores?

(Risos) Porque eu não sei mais eu acho que para mim, quase tudo é igual. Eu, pelo menos inimigo não tenho, todo mundo .. sei lá, gosta da gente.

O mais importante de tudo

Saúde.

ENTREVISTA

V. IDENTIFICAÇÃO

Nome: 10 M

D.N.: 27/04/1972

Estado civil: casado

filhos: 0

agregados na casa: 3

Tempo em que residem no local: 42 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Bairro: Santa Helena

Cidade: Natividade da Serra

Profissão: aposentado pelo INSS

Número de mantenedores: 2

Número de moradores na casa: 2

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 1

36 – 45 anos: 1

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos: 0

Com quem mora?

Com a esposa , e as vezes a sogra vem , risos .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Eu nasci aqui na cidade , sai da cidade com 6 anos da cidade , vim de Natividade da Serra a cidade velha , não tem , virou tudo água , quando a Cesp avisou que a água tava sumindo, todo mundo foi obrigado a sair .

.

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Ahhhh..... é essa vida aqui.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

Tenho, Congregação Crista do Brasil.

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

Sim Congregação

- Com quem aprendeu?

Pessoas dando testemunho , falando a palavra de Deus ai .

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

ah tem bíblia .

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

não .

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

Também não , natal dia de ano nada .

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem?
Sempre foi assim?

Não , só tem uma pé de maracujá .. risos

- Quem prepara as refeições?

Minha esposa .

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

Exato

- Qual a refeição de datas especiais?

não tem!.

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

Sei não.... (risos)

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

Como assim , não !

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?
animal , lampião .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

Hummmmm

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

É difícil , toda hora tem alguma coisa para fazer , ajuda o povo ai ,alguém que precisa de alguma coisa.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

- O que fazem quando encontram os amigos?

Conversa ne , bate um papo

Rotina

- Escutam músicas?

Não.

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

Olha infelizmente nada , quando a gente era pequeno o pai só queria trabalhar .

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

Não.

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Não .

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

Não.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Sim , a professora no caso.

Lugares

- Gosta de onde vive?

Eu nasci aqui , fico por aqui mesmo.

- O que mais gosta daqui?

. A roça .

- Onde leva as visitas para conhecerem?

Dimas: mais na cachoeira , água ne .

- Quais são seus passeios? Por que?

(mostrou a redondeza com a mão)

É feliz aqui?

Graças ao bom Deus !

O que quer deixar de lembrança para sua família?

A honestidade.

Quais seus valores?

Valores como assim ? o respeito em primeiro lugar.

O mais importante de tudo

Importante o Amor a Deus , Deus é bom risos .

ENTREVISTA

VI. IDENTIFICAÇÃO

Nome: 11 F

D.N.: 07/09/1978

Estado civil: amasiada

filhos: 1

agregados na casa: 3

Tempo em que residem no local:

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Bairro: Bela Vista 2

Cidade: Natividade da Serra

Profissão: funcionaria publica

Número de mantenedores: 3

Número de moradores na casa: 3

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 0

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 0

19 – 25 anos: 1

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:2

46 – 60 anos: 0

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

Eu nasci aqui .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Meus pais nasceram aqui .

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

Acordo de manhã, do minha caminhadinha até a balsa , depois já venho pro serviço porque eu tenho as 08:00,daí trabalho ali depois vou pra casa , cuido da casa.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

Católica ,

- Em que acredita?

Deus , Nossa Senhora .

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

sim , igreja católica , não.

- Com quem aprendeu?

Meus pais .

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Bíblia .

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

sim .

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

não , tem assim o natal , embora tenha a comilança toda nos temos um momento de oração , ali de agradecimento.

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

não , nada .

- Quem prepara as refeições?

eu ,ela ,e o pai dela .. risos .

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

:no caso minha mãe , e no caso Dela eu , risos

- Qual a refeição de datas especiais?

todo ano novo, faz churrasco , é Aniversario do meu marido dia 31 de dezembro .

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

televisão.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

não , a gente tem um banco que meu marido construiu e a gente gosta de sentar na varanda de casa.

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

difícil em , a uma maquina de costura .

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

antigo ? agora você pegou porque a casa é nova , faz pouco tempo, só se for uma rack .

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

assisti TV .

- As crianças da família brincam com quais objetos?

Tenho uma afilhado de um ano e 9 meses , bom um ano e 9 meses não brinca muito.

- O que fazem quando encontram os amigos?

A gente sai juntos , esse final de semana estávamos todos em Ubatuba .

Rotina

- Escutam músicas?

: uhum , só pouco .

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

historia ? essa é difícil .

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...
sempre acreditar em Deus .
- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?
as vezes sim , a gente não sai muito , não tem nada aqui em Natividade .
- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?
medo ? sinceridade , do viver não muito , tenho medo do depois .
- Quem te ensinou a ler ou escrever?
minha mãe .

Lugares

- Gosta de onde vive?
gosto , tranqüilo .
- O que mais gosta daqui?
do sossego .
- Onde leva as visitas para conhecerem?

Por aqui tudo
- Quais são seus passeios? Por que?

ir pra casa do meu irmão , é em Taubate .

É feliz aqui?

creio que sim

O que quer deixar de lembrança para sua família?

religião , que ela seja melhor que eu se possível , viver na fé .

Quais seus valores?

pregar na cidade , concordo com você tem, educação .

O mais importante de tudo

União da familia .

ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: 12M

D.N.: 02/09/1968

Estado civil: casado

filhos: 2

agregados na casa: 4

Tempo em que residem no local: 4 anos

Herdado () Adquirido / Comprado (x)

Endereço: Avenida Mauro Brasil 159

Cidade: Natividade da Serra

Profissão: Diretor Geral Da Camara

Número de mantenedores: 2

Número de moradores na casa:

Os vizinhos são familiares () sim (x) não

Moradores por idade:

0 – 07 anos: 1

08 – 12 anos: 0

13 – 18 anos: 1

19 – 25 anos: 0

26 – 35 anos: 0

36 – 45 anos:0

46 – 60 anos: 2

acima de 61 anos:0

Com quem mora?

então é , eu nasci em Natividade meus pais eram daqui , são daqui , moram aqui são vivos ainda , moram no distrito da cidade no bairro Alto , então vivi minha vida inteira La , cheguei a trabalhar em Ubatuba , não fui pra muito longe , estudei em Caragua e voltei pra cidade de novo , acabei fazendo concurso público da prefeitura , entrei , mais o fato é que em 1992 eu sempre vivia sempre brigando em favor da minha comunidade , e resolvi entra na política , me tornei vereador em 1993,solteiro

, ai me casei me candidatei de novo e assim , tinha 23 anos , ai nisso fiquei 4 mandatos de vereador , 16 anos , fui durante 3 anos o vereador mais votado , sou o mais votado da historia ainda, me candidatei vice prefeito fui o mais votado , ai fiquei 4 anos como vice prefeito .

Como veio habitar essa região? Conte sua história!

Meus pais são daqui, da antiga Natividade. Nasci aqui.

Como vivem aqui? Conte-me a rotina de vocês.

II . Objetos de Estudo:

Religião / Celebrações

- Qual a sua religião?

católico por natureza, costumes , batizados , respeito , vou a missa com a minha esposa, tenho uma fé particular , eu creio em algumas coisas que a fé católica não aceitaria , porque eu tenho um lado espiritualista muito grande não que sou do espiritismo , mais eu leio Allan Kardec , a bíblia de ponta a ponta , eu converso muito com os padres ate com os pastores , não é uma discussão mais um debate , sobre , eu queria que alguém me explicasse se existe , livre árbitro ou o destino , porque a bíblia não da definição pra isso , mais não Pode duvidar da fé , crer . não sei exatamente a religião que a gente segue , eu vou na igreja , eu creio em Jesus Cristo , acredito no criador tal , mais sinceramente então eu fico em duvida , eu não pedi pra nascer , você também não, você existe , você não escolheu a minha mais você ta nela , nem seus amigos , sua cidade .

- Em que acredita?

- Participa de alguma Igreja? Onde fica? Participa de celebrações ou tipos de movimentos?

: não , eu vou na missa

- Com quem aprendeu?

Ah , fui no catecismo quando eu era pequeno , então eu ia no catecismo pra jogar bola , o rapaz , que me ensinava La , montou dois times ,ele insistia muito e eu ia jogar futebol, mais aprendi muita coisa boa La.

- Tem objetos de religião em casa? Quais são?

Bíblia tem , estatueta não pois eu ea minha esposa tem a ideologia da idolatria , não costumamos ter essas coisas .

- Ensina seus filhos ou parentes mais novos?

Ensino , meu filho vai a missa comigo o maiorzinho , já fez a primeira comunhão tento passar pra eles , oque é tradicional da nossa cidade porque é muito melhor aprender pouco , do que aprender outras coisas.

- Tem datas comemorativas? Como comemoram?

Não tenho, eu respeito todas elas , mais pra mim não .

Alimentação

- Cultiva alimentos? Tem horta? Onde se alimenta? O que geralmente comem? Sempre foi assim?

Tenho , tem couve risos , cebola de folha , minha sogra ajuda ,

Como de tudo, o bem tradicional , batatinha , bife ,

- Quem prepara as refeições?

Minha esposa

- Com quem aprendeu? Ensina para a família?

aprendeu com a família dela , com a mãe .

- Qual a refeição de datas especiais?

Natal , Panetone. Risos

Artefatos

- Quais os objetos de sua rotina de vida?

computador , celular , TV.

- Já construíram objetos que ajudassem a melhorar a vida de vocês? Quais são?

ah eu sou meio inventor em casa , a gente meche com muita coisa , mais não pra cuida da vida , pra facilita a vida ,eu na verdade sou pintor , tenho uma

exposição , tenho tela na Espanha , faço isso pra melhorar minha vida , limpar a mente eu faço .

- O que seus pais usavam que hoje não usa mais em sua casa? Sente falta?

fogão a lenha , adorava come batata assada .. risos

- Quais os objetos mais antigos de sua casa?

pior que eu não tenho , na minha casa , não tenho nada , a gente tem tendencia de modernismo , muito vidro , que é atualidade ne .

- O que mais gosta de fazer em momentos de ócio?

eu pratico esporte duas vezes por semana , sábado e terça anoite , trilhero , minha esposa também é trilhera andava bastante , paramos um pouco que os amigos se afastaram , mais eu também sou muito caseiro , eu adoro ficar em casa , curto muito minha casa , to sempre La dando uma pintadinha , tempo todo.

- As crianças da família brincam com quais objetos?

bola , a criança que eu tenho tem dois anos , e menino , participo muito da vida dele , desde de bebezinho, alias nos primeiros dois meses só eu dava banho, só eu trocava fralda , toda vida , agora a mulher .

- O que fazem quando encontram os amigos?

eu custumo encontrar os amigos no futebol , nas reuniões políticas , tenho muito , toma uma cervejinha com o pessoal , sou bem tradicional .

Rotina

- Escutam músicas?

escuto , adoro musica .

- Quais histórias de sua família que guarda na memória?

da minha família ? ah , eu lembro quando eu namorava muito , tive muitas namoradas , mais a Lu quando eu conheci ela , já achei que seria minha mulher , namoro noivado ate casar 4 anos , eu não ia na casa dela , não sei se era engraçado mais era bem típico da gente , resolve as coisas sozinho , ai eu lembro uma vez que ela fez um jantar a luz de vela pra mim , e um amigo meu ea namorada dele, na casa dela , ai aquele dia eu durmi La e pra minha já era muito , eu durmi foi por acaso , ai na noite eu tava na cama virando pra la , ai eu levantei o colchão tinha uma espingarda eu achei que era um recado do sogro risos risos.

- Frases que seus pais sempre repetiam (ou repetem): ...

Ah tem palavras , eu lembro que a minha mãe falava muito , a fulana emboco La , é entrar , meu pai falava também que era engraçado , ele caçava muito , então quando a paca entrava água , tinha um buraco La , que ela saia do outro lado ele falava , entraram no solapao , eu também não sabia que era .eu gosto de fala com a mãe porque ela sempre tem palavras .

- Gostam de dançar? Como que promovem esse ritual de dança?

Dez dia tem uma festinha pra gente ir , alguém que organiza , um aniversario , de casamento .

- Vocês de receio ou medo de alguma coisa? O que temem?

Tenho medo de ficar velho , nossa . ate prefiro morrer antes.

- Quem te ensinou a ler ou escrever?

Na escola , fui na escolinha , primeiro ano , La no bairro alto

Lugares

- Gosta de onde vive?

Gosto ,adoro , meu lugar.

- O que mais gosta daqui?

sabe , aqui na cidade eu vejo assim , Natividade é grande , com o advento da represa , foi todo mundo embora , eu era criança , quando eu morava no bairro alto a cultura nativence era muito diferente do pessoal daqui , La você sabe o que acontece na casa do outro , ninguém tranca a porta , todo mundo conversa da vida dos outros porque o que não era primo era compadre , e quando eu vim aqui , eu achei que a cidade não era toda diferente , era tudo diferente aqui , o individualismo é muito maior , as pessoas não dividem as coisas, a inveja é um pouco maior . mais eu gosto da cidade , pessoas humilde.

- Onde leva as visitas para conhecerem?

então , quando a visita é distante , de muito longe , a represa era fundamental , que hoje ta acabando , mais tem um lugar chamado chapadão que a gente vai tirar foto , eo morro do Cruzeiro

- Quais são seus passeios? Por que?

É feliz aqui?

sim sou feliz

O que quer deixar de lembrança para sua família?

ah eu queria ser prefeito dessa cidade , mostrar minhas tantas idéias , assim comecei na vida política com 23 anos de idade , eu já era ativo na política .

Quais seus valores?

familia

O mais importante de tudo

atualmente é a família , quando eu to bem com a família to bem com tudo ,
Minha esposa , meus dois filhos , depois ,minha família pro lado do meu pai , minha mãe .

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa está sendo realizada por Ana Karina de Castro Britto, aluna do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Taubaté (PPGA), como monografia, sendo orientada e supervisionada pelo professor Dr. Ademir Pereira dos Santos.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo no manuscrito final da monografia ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa.

Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em quaisquer danos para sua pessoa. A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação que V.S. desejar, poderá ser fornecida junto ao aluno-pesquisador ou pelo professor orientador.

TEMA DA PESQUISA: A CULTURA CAIPIRA SOB AS ÁGUAS: Impactos culturais da construção do reservatório da UHE – Paraibuna.

OBJETIVO: O trabalho tem como objetivo realizar o levantamento do patrimônio imaterial da região do reservatório da UHE Paraibuna para subsidiar o estabelecimento de diretrizes para uma política cultural de preservação do patrimônio imaterial local.

PROCEDIMENTO: Instrumento a ser usado será uma entrevista semi-estrutura com respostas abertas a ser gravada e depois analisada pela Pesquisadora e Orientador. As entrevistas serão individuais.

SUA PARTICIPAÇÃO: Resposta à entrevista semi-estruturada. Pesquisa de campo.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para mês junho de 2015, uma monografia, contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição na Biblioteca da Universidade de Taubaté. O nome dos participantes da pesquisa não será revelado no documento final.

V.S. terá a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Agradecemos sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribuiu para a construção de um conhecimento atual na área.

Coloco-me à disposição pelo contato : 12 – 9 9735 3433, onde aceitarei as ligações à cobrar.

_____, _____ de 2014.

Aluno: Ana Karina de Castro Britto

RG 25.530.385-3

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu _____ portador do RG nº _____

_____ autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados por mim fornecidos.

_____, ____/____/2014

Assinatura

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A Cultura Caipira Sob Águas: impactos culturais da construção do reservatório da UHE - Paraibuna.

Pesquisador: Ana Karina de Castro Britto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34287214.6.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 792.215

Data da Relatoria: 12/09/2014

Apresentação do Projeto:

A obtenção dos dados será realizada através de pesquisa de campo com a utilização de um roteiro de entrevista semi-estruturada e aplicada por amostragem num recorte territorial. A amostragem será por saturação e a pesquisa será de ordem qualitativa, onde o alvo de estudo focará os aspectos imateriais como: práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modo de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares que abrigam práticas culturais coletivas como mercado, feiras e santuários. As entrevistas serão gravadas e depois analisadas por categorias já descritas via estrutura IPHAN.(transcrito do projeto)

Objetivo da Pesquisa:

O trabalho tem como objetivo realizar o levantamento do patrimônio imaterial da região do reservatório da UHE Paraibuna para subsidiar o estabelecimento de diretrizes para uma política cultural de preservação do patrimônio imaterial local.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atende as recomendações da Resolução 466/12 e as normas operacionais 01/13.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 792.215

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema relevante para a área de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende as recomendações da Resolução CNS 466/12.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendida a solicitação do parecer anterior.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião de 12/09/2014, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

TAUBATE, 15 de Setembro de 2014

Assinado por:
Maria Dolores Alves Cocco
(Coordenador)